



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

MARA GONÇALVES DE CARVALHO

**PICOS: HISTÓRIA, DESENVOLVIMENTO E TRANSFORMAÇÃO DO
CENTRO HISTÓRICO (1970)**

TERESINA – PI
2015

MARA GONÇALVES DE CARVALHO

**PICOS: HISTÓRIA, DESENVOLVIMENTO E TRANSFORMAÇÃO DO
CENTRO HISTÓRICO (1970)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, como requisito obrigatório para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Professor Dr. Johny Santana de Araújo.

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

C331p Carvalho, Mara Gonçalves de.
Picos : história, desenvolvimento e transformação do
centro histórico (1970) / Mara Gonçalves de Carvalho. --
2015.

110 f. : il.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) –
Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

“Orientação: Prof. Dr. Johny Santana de Araújo.”

1. Piauí – História – Século XX. 2. Picos (PI) - História.
3. Memória. 4. Transformação. I. Título.

CDD 981.22

MARA GONÇALVES DE CARVALHO

**PICOS: HISTÓRIA, DESENVOLVIMENTO E TRANSFORMAÇÃO DO
CENTRO HISTÓRICO (1970)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, como requisito obrigatório para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Professor Dr. Johny Santana de Araújo.

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Johny Santana de Araújo - UFPI
Orientador

Prof.^a Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá – UEC/CE

Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento - UFPI
Examinador Interno

A Deus, por ser essencial em minha vida, meu guia, socorro presente na hora da angústia, assim como ao meu pai José Arimatéa e a minha mãe Maria Isabel, dedico esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Quero em primeira instância agradecer a DEUS, que foi meu alento nos momentos difíceis e minha luz nessa caminhada, foi graça a ti Senhor que eu consegui.

A minha família, primeiramente aos meus pais José Arimatéa e Maria Isabel que foram minha força, minha alegria e meu apoio durante essa caminhada. A minha querida irmã Maiany pelo amor, pelo companheirismo, pelas broncas e por sempre acreditar em mim, mesmo quando nem eu acreditava e ao meu irmão Márcio que nos momentos de estresse me deu força e ânimo.

Agradeço ao Gilson Almondes pelo amor, compreensão, paciência, apoio e carinho a mim empenhados durante toda essa jornada.

Aos meus queridos amigos/irmãos que sempre me deram força e não me deixaram desanimar nem por um minuto, em especial ao G5 (Ana Paula, Carlos Anderson, Luzifrank e Martim) que me acompanham desde a graduação e me fazem rir mesmo nas tribulações, que sempre arrumam um tempo e uma desculpa para está perto, mesmo que alguns não estejam morando mais na mesma cidade que eu.

Ao Marcos Vinicius e a Karla Oliveira pela ajuda, pelas dicas e por todo o material de pesquisa que me disponibilizaram.

Aos meus professores tanto da graduação em História, em Picos, quanto do mestrado, em Teresina, que contribuíram tanto com a minha formação profissional quanto pessoal.

Sou muito grata em especial ao meu professor Francisco de Assis do Nascimento e ao professor Frederico Osanam Amorim, pela atenção e ajuda que me deram durante o processo de seleção do mestrado, pelas orientações e disponibilidade que sempre tiveram comigo.

Ao meu querido orientador Johnny Santana que me acompanha desde a graduação por toda a sua dedicação, atenção e paciência.

A todos os queridos amigos de turma do mestrado que fizeram com que os dias tristes, de angústia e preocupação se tornassem passageiros e irrelevantes, principalmente a minhas amigas Mônica Valéria, Paula Poliana e Natália Maria.

Enfim, agradeço a todos os meus familiares e amigos que torceram por minha vitória, sou muito grata a todos vocês.

Picos minha amada!
Eu e teus becos. Eu nos teus currais;
Canaviais; carnaubais; o rio sem gravata de cimento
Às vezes arrastava as plantações de alho e cebola
E deixava os homens à margem
Com os olhos rasos d'água, temperando o chão de suor e lágrima

Picos minha amada!
O tempo muda os homens
E os homens mudam as cidades.
Mas enquanto eu não morro, tu dormirás em minhas retinas.
Eu sou tua fotografia, eternizada e renovada a cada instante.
O velho e o novo nos meus olhos-poesia.

(ROCHA, Vilebaldo Nogueira. *Cacos de vidro*. Teresina: COMEPI, s/d.)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa do Piauí.....	25
Figura 2: Mapa de Picos.....	25
Figura 3: Capela de Nossa Senhora da Conceição, Bocaina-PI.....	26
Figura 4: Igreja Matriz de Nossa de Nossa Senhora dos Remédios.....	34
Figura 5: Igreja do Sagrado Coração de Jesus.....	34
Figura 6: Vista aérea da Igreja do Sagrado Coração de Jesus e seu entorno.....	36
Figura 7: Foto de Picos no início do século XX.....	38
Figura 8: Mapa da delimitação espacial do trabalho.....	40
Figura 9: Vista aérea de Picos, na década de 1950.....	41
Figura 10: Vista aérea de Picos na década de 1970.....	41
Figura 11: Rua São José, centro de Picos, em março de 1960.....	48
Figura 12: Vista de parte da Av. Getúlio Vargas, em 1970, com algumas alterações estruturais nas casas que a compunham.....	49
Figura 13: Av. Getúlio Vargas, 1950.....	57
Figura 14: Av. Getúlio Vargas, 1970.....	57
Figura 15: Algumas rodovias que cortam a cidade de Picos.....	61
Figura 16: Banda Os Rebeldes no palco do Picoense Clube, em Picos.....	70
Figura 17: Vista frontal do Cine Spark, em março de 1976.....	77
Figura 18: Igreja Matriz em dia de comemoração religiosa.....	80
Figura 19: Procissão realizada em Picos, na década de 1970.....	80
Figura 20: Feira livre de Picos entre os anos de 1960-1970.....	81
Figura 21: Praça Félix Pacheco, na década de 1950.....	88
Figura 22: Praça Félix Pacheco, na década de 1970.....	90
Figura 23: Praça Félix Pacheco, atualmente.....	90
Figura 24: Parte frontal da Igreja Universal do Reino de Deus, onde era o antigo Cine Spark.....	94
Figura 25: Praça Félix Pacheco e ao fundo o paredão, em 1950.....	95
Figura 26: Demolição do paredão em 2012.....	95
Figura 27: Vista de parte do paredão com os grafites.....	98
Figura 28: Fachada da casa dos italianos.....	99
Figura 29: Fachada do Mercado Público de Picos.....	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Aspectos físicos e populacionais de Picos.....	54
Tabela 2: Aspectos econômicos.....	54
Tabela 3: Aspecto cultural.....	54
Tabela 4: Aspecto urbano.....	54

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar e conhecer a história e as transformações ocorridas no centro histórico de Picos, principalmente durante a década de 1970. Buscaremos entender de que forma esses processos alteraram o cotidiano da cidade, a economia e as construções históricas, localizadas nessa área da cidade. Além disso, faremos uma comparação de como eram determinados locais da região central, como a praça, o mercado público e o cinema e como estão hoje. Entendemos que esse estudo se faz necessário por a cidade está em constantes transformações, estas muitas vezes não preserva em nada a história e a memória de seu povo. A escolha do centro da cidade, para o desenvolvimento do nosso estudo, se deu por notarmos que nessa área da cidade vem ocorrendo várias modificações, muitas vezes motivadas pela especulação imobiliária, assim como o crescimento do comércio, que estão alterando de forma significativa o viver da cidade. Desse modo podemos de forma simplificada dizer que o foco principal do nosso trabalho é analisar o crescimento do centro de Picos, a valorização capitalista dessa área da cidade e o impacto no seu patrimônio material. Utilizaremos para isso métodos da pesquisa qualitativa. Fotografias, documentos, fontes orais e jornais, serão algumas das ferramentas por nós utilizadas. Autores como: Antônio Paulo Rezende, Raquel Rolnik, Sandra Jatahy Pesavento, Lúcia de Almeida Neves, Le Goff, Michell Pollak e Françoise Choay, nos darão suporte teórico.

Palavras-chave: História; Cidade; Memória; Transformação.

ABSTRACT

The present work aims to analyze and know the history and transformations occurred in Picos historical center, especially during the 1970s. Looking for understand how these changes altered life, economy and historical buildings into the city. In addition, we will compare how were certain central region parts, as the square, public market and cinema and as they are today. The choice of the city center, to the development of our study, occurred because known that this city area has been occurring some modifications, often motivated by real estate speculation, as well as the commerce growth, which are altering significantly the citizen living. So, we can say in simplified form the main focus of our work is to analyze center growth of Picos city, the capitalist valorization of this area and the impact on your material heritage. We will use, for this, methods of qualitative research. Photographs, documents, Oral and newspapers, will be some of our documental sources. Writers as Antonio Paulo Rezende, Raquel Rolnik, Sandra Jatahy Pesavento, Lucilia de Almeida Neves, Le Goff, Michell Polak e Françoise Choay, will be theoretical support for this research.

Key-words: History; City; Memory; Transformation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 PICOS: A CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO URBANO.....	23
1.1 HISTORICIZANDO A “CIDADE MODELO”	25
1.2 A CONSTRUÇÃO DO CENTRO DE PICOS.....	36
1.3 AS TUAS MARGENS (RE)NASCE UMA CIDADE.....	43
2 DÉCADA DE 1970: CANTOS E DES(ENCANTOS).....	51
2.1 O GIGANTE DO SERTÃO: PICOS NA DÉCADA DE 1970.....	53
2.2 (RE)VIVENDO A CIDADE: COTIDIANO, LAZER E MEMÓRIA DO CENTRO DE PICOS, NA DÉCADA DE 1970.....	65
3 A RESIGNIFICAÇÃO DOS LUGARES SOCIAIS, DO CENTRO DE PICOS-PI.....	84
3.1 A PRAÇA FÉLIX PACHECO.....	88
3.2 O CINE SPARK.....	92
3.3 O PAREDÃO.....	95
3.4 A CASA DOS ITALIANOS.....	98
3.5 O MERCADO PÚBLICO.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
FONTES E REFERÊNCIAS.....	107

INTRODUÇÃO

Atualmente a temática cidade se faz bastante presente entre os historiadores e pesquisadores de forma geral, contudo não temos uma homogeneização ou definição única a respeito desse campo temático, pelo contrário temos um campo de estudo bastante amplo e heterogêneo, pois ele é visto como suscetível de vários conceitos e definições, uma mesma cidade é objeto de muitos discursos, ou seja, numa mesma cidade podemos identificar várias cidades que podem ser estudadas de várias formas.

Déa Fenelón afirma e concordamos com ela, que “a cidade nunca deve surgir apenas como um conceito urbanístico ou político, mas sempre encarada como o lugar da pluralidade e da diferença, e por isto representa e constitui muito mais que o simples espaço de manipulação de poder¹”.

Partindo dessa constatação buscaremos conhecer Picos através de vários pontos de vista, contudo não é objetivo dessa pesquisa esgotar a temática ou narrar os fatos buscando voltar ao passado e vive-los exatamente como ocorreram, pois sabemos que isso é impossível. Como diz Albuquerque Jr, a História é arte de inventar o passado, porque podemos imaginar, recriar, mas nunca voltar ao passado².

Nos últimos anos percebemos que as cidades de forma geral passaram por um processo de grandes transformações econômicas, política, social e estrutural, ocasionando um processo de perda de memória, de identidade e até mesmo de parte da história do local e dos habitantes que nele viveram durante um determinado período.

Dessa forma podemos afirmar que a presente pesquisa surgiu a partir de uma inquietação a respeito do processo de aceleração no modo de se viver e se comportar da população picoense, além disso, nos despertou interesse para a investigação da presente pesquisa o desenvolvimento e o processo de urbanização que a cidade vem passando nos últimos anos, principalmente após a segunda metade do século XX.

De que forma a urbe e a população vem “digerindo”, vivendo, esse processo de desenvolvimento e transformações é um dos motivos que nos instiga a desenvolver a presente pesquisa.

¹ FENELON, Déa. Cidades. São Paulo: Olho d'água, 1999, p. 27.

² ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaio de teoria da História. Bauru: Edusc, 2007.

Dentro desse contexto escolhemos enfocar a década de 1970, por ser essa uma época de transformações significativas no Piauí e consequentemente em Picos, um dos municípios mais importantes do estado.

Essa inquietação fez com que desenvolvêssemos esse trabalho tomando como centro da investigação os efeitos que esse desenvolvimento, essas transformações provocou na parte física/estrutural da cidade e na memória da população picoense.

Sabemos de início que esse processo de aceleração, na transformação das estruturas da cidade e consequentemente na forma de se viver na urbe, vem gerando grandes discussões e provocando o debate sobre a possibilidade de modernizar, ou seja, transformar, remodelar as cidades, sem com isso danificar o seu patrimônio histórico e os “lugares de memória” que as pessoas se identificam, a partir desse questionamento procuramos suporte para discutir essa questão ao longo do presente trabalho.

Através de observações feitas ao longo dos anos nas cidades, pode-se concluir que elas tornaram-se lugares repletos de práticas sociais distintas, que expressam tempo e modo de viver diferentes. Essa constatação nos proporcionou inquietação a respeito de como Picos vive esse processo, como administra esse “conflito” entre o passado e o presente, e de que forma sua população reage aos novos símbolos.

Sabemos desde o início da pesquisa que o grande valor empregado ao novo, vem fazendo com que na maioria das vezes, os vestígios deixados ao longo dos anos se apaguem, deixem de existir, muitas vezes, pelo pouco interesse despertado nas pessoas que hoje vivem um período que necessitam destruir o antigo, para construir o “novo”, o “moderno”.

A aceleração do processo conflitual de urbanização da sociedade brasileira e a rápida mudança da paisagem urbana desencadearam a necessidade de gerenciar a memória dessas transformações espaciais e das formas de sociabilidade urbana ao longo do século XX³. Pensando nesse conflito e na necessidade de analisá-lo é que optamos trabalhar com a temática.

Para muitos transformar uma cidade sem modificar, destruir, descaracterizar as construções antigas é uma possibilidade quase que impossível, pois esse grupo de pessoas acreditam que as cidades que não estão em constante transformação no que se refere a questão estrutural são “atrasadas”, sendo assim prédios antigos nada mais são do que empecilho para o tão sonhado progresso.

³ BITENCOURT, João Batista; NASCIMENTO, Dorval (Orgs.). *Dimensões do urbano: múltiplas facetas da cidade*. Chapecó: Argos, 2008. p. 39.

É em nome desse progresso, da modernização, que esse grupo de pessoas julgam, destroem e (re)modelam as cidades da forma que lhes é mais adequada, para esse grupo pouco importa a descaracterização de determinados locais e a perda de significado dos mesmos para a população. Como afirma Antônio Paulo Rezende é “a ideia de progresso que enfeitiça os homens⁴” e faz com que ocorra uma supervalorização do novo.

Em contrapartida há também os que defendem fervorosamente a possibilidade de modernização conciliada com a preservação de prédios ou monumentos históricos, esse grupo acredita ser totalmente possível a modernização e a preservação da memória e da história dos locais a serem modificados.

Sabemos que é praticamente impossível barrar o processo de transformações que o mundo vem passando, sabemos também da dificuldade que é intervir e tomar um posicionamento a respeito da possibilidade ou não de preservar o passado, as construções históricas e modernizar uma cidade ao mesmo tempo. Por conta disso não é nosso objetivo nesse trabalho defender um ou outro posicionamento.

Pretendemos aqui apenas enumerar algumas modificações que foram feitas no centro histórico de Picos a partir da segunda metade do século XX, principalmente entre na década de 1970 e tentar perceber de que forma essas transformações, não apenas estrutural, mas também econômica e cultural, atingiram as construções históricas de Picos, alterou o cotidiano de sua população e seu patrimônio material.

Buscamos ainda fazer o leitor refletir se é realmente possível a conciliação entre modernização e construções história e qual a importância destas para a preservação da memória e da história de um povo.

Deve ser destacado que apesar da pesquisa apresentar um recorte temporal limitado, isso não significa dizer que seguimos uma cronologia linear. Pelo contrário optamos por não seguir uma sequência cronológica limitada, optamos por desenvolver o texto de forma que se torne mais agradável e de fácil compreensão para os leitores sem nos determos a uma cronologia ordenada e fechada.

Com relação ao local de desenvolvimento da pesquisa podemos apontar o centro da cidade de Picos, pois ele será para nós o local privilegiado de análise e desenvolvimento da pesquisa, principalmente a parte que engloba a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, a Avenida Getúlio Vargas, a Praça Félix Pacheco e a região próxima a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios.

⁴ REZENDE, Antônio Paulo. *Desencantos Modernos: histórias da cidade do recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997, p. 25

Escolhemos este local por notar que nos últimos anos ele sofreu com grandes transformações estruturais que atingem diversas construções indo desde áreas públicas como praças, que estão sendo remodeladas periodicamente, até áreas privadas, como antigas construções residenciais que estão sendo vendidas e demolidas para a construção de prédios comerciais das mais variadas espécies.

Além disso, era nessa região que na década de 1970, havia um número mais significativo de estabelecimentos de variados tipos e de pessoas povoando, o que possibilitou uma análise melhor do cotidiano das pessoas que habitavam a urbe picoense, no período do recorte temporal por nós escolhido.

Destacamos ao longo da pesquisa essas transformações ocorridas tanto no setor público quanto no privado e a consequência delas nos aspectos da vida cotidiana da cidade, ou seja, analisaremos de que forma as modernizações⁵ inseridas na cidade através do desenvolvimento espacial e econômico provocaram um novo comportamento dos cidadãos.

Vale destacar que a pesquisa a qual nos propomos só se tornou possível graças a ampliação das abordagens, dos métodos e das técnicas da história. Hoje qualquer coisa pode servir como fonte para a história.

Pesavento afirma que “uma ideia na cabeça, uma pergunta suspensa nos lábios, o mundo dos arquivos diante dos olhos e das mãos. Nessa medida, tudo pode vir a torna-se fonte ou documento para a história, dependendo da pergunta que seja formulada”⁶.

Dessa forma, pretendemos desenvolver a pesquisa a partir do pressuposto, que tudo é história, sem privilegiar grandes acontecimentos, grandes fatos, grandes heróis. Buscamos na simplicidade, na singularidade de sujeitos que viveram o período e em materiais diversos como: documentos, jornais e fotografias conhecer e ver a cidade que habita em cada um desses sujeitos.

Concordamos com Ítalo Calvino que em toda cidade que percorremos ou estudamos há uma cidade preexistente, que sem dúvida é imaginária, é profunda. É uma cidade que se enraíza na memória dos construtores, dos seus praticantes, isto é aqueles que a usam diariamente.

Sabendo da existência dessas múltiplas cidades é que decidimos utilizar essa grande variabilidade de materiais que acreditamos que nos permitirá conhecer e ter uma visão mais ampla e detalhada dessas várias cidades e dos fatos estudados.

⁵ Entendemos por modernização a série de mudanças tecnológicas e estruturais.

⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 96-97.

Entendemos que essa variação o desenvolvimento da pesquisa será enriquecedora para o nosso trabalho, apesar de termos consciência do risco que corremos ao utilizarmos cada uma delas.

Documentos, jornais assim como as fotografias, mesmo que estas tenham sido utilizadas na maior parte apenas como ilustração, fascinam o historiador e podem provocar neles grandes equívocos, já que todos são produzidos por sujeitos inseridos num contexto e com prioridades próprias.

É pensando nos riscos que correríamos ao utilizarmos apenas uma dessas fontes, que procuraremos então na variabilidade das fontes, no cruzamento das informações de jornais, documentos e fotografias, evitar os equívocos e dá uma versão daquilo mais próximo do que se poderia chamar de verdade.

A escolha por utilizar imagens ao longo do trabalho ocorreu, por exemplo, por acreditarmos, assim como Ana Maria Mauad, que:

Nunca ficamos passivos diante de uma fotografia: ela incita nossa imaginação, nos faz pensar sobre o passado, a partir do dado de materialidade que persiste na imagem. Um indício, um fantasma, talvez uma ilusão que, em certo momento da história, deixou sua marca registrada, numa superfície sensível, da mesma forma que as marcas do sol no corpo bronzeado. [...] Toda a imagem é histórica. O marco de sua produção e o momento da sua execução estão indefectivamente decalcados nas superfícies da foto, do quadro, da escultura, da fachada do edifício. A história embrenha as imagens, nas opções realizadas por quem escolhe, uma expressão e um conteúdo, compondo através de signos, de natureza não verbal, objetos de civilização, significados de cultura⁷.

Dessa forma entendemos que ao observarmos as imagens notamos que elas são dotadas de alto poder mobilizador, elas são verdadeiros imãs, ícones repletos de significados e que impulsionam variadas ações, são elas detentoras de símbolos capazes de nos despertar inúmeras emoções e sensações.

Sabemos, no entanto do risco que corremos ao utilizarmos esse tipo recurso, pois as imagens são históricas, dependem das variáveis técnicas e estéticas do contexto histórico que as produziram e das diferentes visões de mundo concorrentes no jogo das relações sociais. Nesse sentido, as fotografias guardam, na sua superfície sensível, a marca indefectível do passado que as produziu e consumiu⁸.

⁷ MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *An. mus. paul.* [online]. 2005, vol.13, n.1, p. 140.

⁸ Idem., p. 143.

Além do que já foi citado, utilizaremos também narrativas de sujeitos que vivenciaram o período estudado. Ao elegermos esses sujeitos para nos contar sobre suas experiências na cidade é por que sabemos que a utilização do sujeito como fio condutor de uma pesquisa, representa uma importante ferramenta para os historiadores, pois eles podem, por meio do cruzamento das fontes, entre trajetórias individuais e suas relações, (re)construir, por através da narrativa, frações dos horizontes de uma dada sociedade.

Apesar da importância da memória desses sujeitos serem de suma importância para a pesquisa sabemos que

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representação que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor⁹.

Como afirma Ecléa Bosi “cada geração tem de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história¹⁰”.

Pensando na melhor forma de absorvermos as informações que esses sujeitos nos repassariam é que escolhemos trabalhar com entrevistas possibilitadas graças ao método/técnica da História Oral para desenvolver o trabalho, buscando entender as experiências e as representações simbólicas compartilhadas pelos picoenses com relação as transformações que a cidade passou ao longo dos anos em seu centro.

Entendemos que a história oral é um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas, com isso entendemos que ela pode dar grande contribuição para o resgate da memória dos picoenses entrevistados durante o desenvolvimento da presente pesquisa.

Como afirma Febvre:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras, signos, paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende

⁹ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 55

¹⁰ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

do homem, serve ao homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem¹¹.

Por permitir ao historiador acessar ao passado através das narrativas dos sujeitos-memória, achamos por certo utilizarmos esse tipo de método para conhecermos um pouco sobre o cotidiano do centro da cidade de Picos e de sua população.

Pretendemos através das entrevistas perceber um pouco da cidade que habita cada um dos entrevistados e quais as marcas que ficaram na memória desses sujeitos ao longo dos anos, apesar de termos consciência que essas marcas foram se alterando, se modificando com o tempo e com o contexto que os sujeitos estão inseridos.

Jacques Revel¹² destaca que os estudos de grupos restritos, e mesmo do indivíduo, permitem análises mais complexas possibilitadas pela inserção do grupo ou do indivíduo em um número maior de contextos diferentes.

Desse modo, entende-se que por meio do estudo de uma trajetória individual, torna-se possível a análise do conjunto maior da sociedade, pois longe de somente refletir o social, o indivíduo coloca-se como elemento catalisador, dele apropriando-se, filtrando-o e o reproduzindo, no qual “cada indivíduo representa a reapropriação singular do universo social e histórico que o circunda. E é por isso que se pode conhecer o social partindo da especificidade irreduzível de cada indivíduo¹³”

Compreendemos que por meio das histórias de vida das pessoas que vivenciaram determinados momentos históricos podemos obter uma grande quantidade de informações que poderão auxiliar na produção da escrita historiográfica. Dessa forma as entrevistas possibilitadas pela história oral nos permitirá ouvir e conhecer a história e a memória desses sujeitos.

Dessa forma entendemos que essa metodologia será de fundamental importância para nós no desenvolvimento da pesquisa, já que “muito mais que documentos escritos, que frequentemente carregam a aura impessoal das instituições que os editam – mesmo se, naturalmente, composto por indivíduos, de quem sabemos pouco ou nada – as fontes orais envolvem o relato inteiro em sua própria subjetividade¹⁴”.

¹¹ FEBVRE apud LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, 428.

¹² REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

¹³ PEREIRA, Lígia Maria Leite. Reflexões sobre história de vida, biografia e autobiografia. In: *História Oral: Revista Brasileira de História Oral*, n. 3 – São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, jun. de 2000, p. 121.

¹⁴ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In.: *Projeto História*, v. 14. São Paulo: Educ, 1997, p. 37.

Concordamos que os documentos escritos como leis, atas de reuniões, regimento interno e relatórios remetem à estruturação e ao funcionamento do Conselho, mas pouco informam sobre seus membros: sujeitos sociais que constroem e (re)constroem, no cotidiano de suas vidas, sua história, sua subjetividade, sua cultura e seus valores¹⁵.

Como o presente trabalho versa conhecer características bastante subjetivas, a história oral, se torna praticamente imprescindível. Porém temos plena consciência, que para que a pesquisa oral desempenhe plenamente seu papel é necessário que reconheçamos os seus problemas e limites, para que dessa forma possamos superá-los.

[...] a história oral fornece informações preciosas que não teríamos podido obter sem ela, haja ou não arquivos escritos; mas devemos, em contrapartida, reconhecer seus limites e aquilo que seus detratores chamam suas fraquezas, que são as fraquezas da própria memória, sua formidável capacidade de esquecer, que pode variar em função do tempo presente, suas deformações, seus equívocos, sua tendência para a lenda e o mito¹⁶.

Entendemos dessa forma que os riscos com a utilização da história oral são muitos, mas são ao mesmo tempo de grande valia para a pesquisa histórica, pois omissões voluntárias ou não, suas deformações, suas lendas e os mitos são tão úteis para o historiador quanto às informações que se verificam mais exatas.

Dessa forma, conhecer as transformações urbanísticas e o impacto destas no cotidiano da população, seus hábitos e costumes, através da narrativa de sujeitos que vivenciaram um período que não se vive mais na cidade, nos fascina e nos dá luz para prosseguirmos o estudo, apesar dos riscos que corremos.

Pretendemos com esse estudo mostrar para os cidadãos as transformações que estamos sujeitos diariamente, no entanto, buscamos também relatar o descaso que muitas vezes as pessoas apresentam com relação a períodos, costumes, hábitos, tradições, construções e monumentos históricos.

Notamos que ao longo do período estudado as transformações que ocorreram na cidade não tiveram preocupação em resguardar a história, a memória de determinados períodos dos cidadãos picoenses, na verdade elas ocorrem através da imposição de uma minoria de pessoas detentoras de influência ou poder econômico.

¹⁵ OLIVEIRA, Lêda Maria Leal de. Memórias e experiências: desafios da investigação histórica. IN.: FENELON, Déa Ribeiro e outros (Orgs.). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho D' Água, 2004. p. 266

¹⁶ JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In.: FERREIRA, M. de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (Orgs.) *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/ Casa Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 34.

Muitas das transformações afetaram grande número de habitantes, contudo, quase sempre os grandes beneficiados eram os políticos que se utilizavam das grandes obras para angariar votos, empresários com o objetivo de arrecadar lucros, como no caso da especulação imobiliária bastante praticada na região central picoense, ou comerciantes que se utilizavam das modificações para aumentar suas vendas e ampliar seus estabelecimentos.

Dessa forma notamos que pouco valor era dado a história e memória de seus povoadores, o lucro, o individualismo, sempre prevalecia.

Devido a esse descaso e a forma desordenada, sem planejamento, como a cidade foi crescendo e se transformando, observamos que ocorreu na cidade uma perda de identidade bastante grande, as pessoas não conhecem ou não se identificam mais com alguns lugares ou costumes que outrora eram bastante significativos.

Preocupamos-nos com isso porque constatamos que um povo que não guarda suas histórias, suas memórias, seu patrimônio, terminará sem identidade própria. Pensando nisso, alertamos que essas memórias, história, estão guardadas em elementos como o seu patrimônio cultural, tanto material quanto imaterial.

O presente trabalho então se justifica e se torna de grande valor por ser um estudo que analisa as modificações sofridas em uma cidade, em um determinado período e se preocupa com a preservação da história e da memória da população e conseqüentemente da cidade Picos.

A escolha e preocupação com essa questão se dá por percebemos que a cidade de Picos vem sofrendo com um acelerado crescimento espacial que pouco preserva a história e a memória de seu povo.

Podemos perceber que ao longo dos anos vem ocorrendo principalmente no centro da cidade uma perda gradual de identidade, uma descaracterização dos vestígios do passado e um dos motivos para que isso ocorra é que “a sociedade atual vem valorizando, por natureza, mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado¹⁷”. Notamos uma drástica alteração nos prédios, nas ruas, no comportamento, nas áreas públicas, enfim na forma de se viver nessa parte da urbe.

Devido essas transformações percebemos que cada vez mais as sociedades de forma geral se preocupam em solidificar, em sedimentar a história e a memória em lugares próprios, definidor por Pierre Nora como lugares de memória.

¹⁷ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduandos em História do Departamento de História*. São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 13.

De acordo com Nora os lugares de memória são, primeiramente, lugares em uma trílice acepção:

[...] são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva – vale dizer, essa identidade – se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória¹⁸.

Procuramos investigar esses lugares e analisar de que forma eles contribuem na sedimentação de acontecimentos, fatos e memória da cidade e da população picoense.

Pensando nisso distribuímos a dissertação em três capítulos: o primeiro subdividido em três partes foi intitulado de: “PICOS: A CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO URBANO”, o segundo subdividido em duas partes foi intitulado de: “DÉCADA DE 1970: CANTOS E DES(ENCANTOS)” e por fim o terceiro capítulo que foi subdividido em cinco partes e recebeu a denominação de: “A RESIGNIFICAÇÃO DOS LUGARES SOCIAIS, DO CENTRO DE PICOS-PI”

Buscamos dar enfoque, no primeiro capítulo de forma geral, para a contextualização da história picoense, sua origem e formação da urbe.

Já no segundo partimos para uma análise do processo de urbanização e modernização da cidade, na década de 1970, destacamos a força econômica da terceira cidade mais importante do Piauí, suas transformações, quanto a estrutura e o impacto dessas transformações na história, cotidiano e memória da população picoense.

Finalmente, no terceiro capítulo tratamos com o novo significado dado a determinados lugares, do centro da urbe e os supostos motivos que ocasionaram essa resignificação.

No primeiro tópico, do capítulo I desse trabalho, intitulado de: “Historicizando a ‘Cidade Modelo’”, almejamos situar o leitor e fazê-lo conhecer um pouco sobre a cidade a ser estudada. Dessa forma, fizemos uma breve contextualização a respeito de Picos e sua história.

Para isto levantamos questões sobre a origem da cidade, tais como: a influência da pecuária, da imigração, da religiosidade e do comércio para a elevação de Picos a cidade.

Para essa contextualização utilizaremos alguns documentos presentes no Museu Ozildo Albano, localizado na cidade, revistas como a *Edição Comemorativa da Revista*

¹⁸ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduandos em História do Departamento de História*. São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 20.

*Foco*¹⁹, o *Almanaque da Parnaíba*²⁰, além de livros, como por exemplo, *Picos nas anotações de Ozildo Albano*²¹, *A Itália em Picos*²², *Picos: os verdes anos 50*²³ e *Italianos em Picos – PI: imagens e narrativas*²⁴, e o jornal *Macambira*²⁵, estas referências também nos foram úteis em outras partes do primeiro capítulo.

No segundo tópico intitulado de: “A construção do centro de Picos” relatamos sobre os primeiros povoadores da região central picoense, destacando o que os motivou a povoar essa área e como estavam seus principais pontos.

Além do material utilizado no primeiro tópico, também utilizamos nesse, fotografias com o intuito de representar e possibilitar para o leitor uma imagem do que era e o que se transformou Picos em pouco alguns anos.

No terceiro tópico, ainda do primeiro capítulo, denominado de “As tuas margens (re)nasce uma cidade”, procuramos destacar a influência do Rio Guaribas para o povoamento de Picos, já que foi as margens desse rio que a cidade cresceu.

Além disso, nos propomos a estudar, ainda que de forma bastante resumida a reconstrução da cidade após a grande enchente ocorrida na década de 1960, tentando entender de que forma ela influenciou na nova estrutura dada a casas e ruas do centro de Picos.

Para nos ajudar a contar essa parte da história utilizamos poemas, letras de músicas, assim como jornais, depoimentos e livros memorialistas para desenvolver essa parte do trabalho.

No capítulo II, iniciamos nossa análise fazendo um aparato geral sobre como a cidade em estudo se encontrava na década de 1970, com destaque para a sua economia e o desenvolvimento por ela atingido nesse período, trabalhamos a metamorfose que a cidade passou e os motivos que fizeram Picos se tornar em poucos anos uma das maiores potências do estado do Piauí.

Em seguida, no segundo tópico, nos propusemos a narrar sobre o cotidiano, o lazer e algumas memórias da população do centro de Picos, na década de 1970. As festas, as

¹⁹ RIBEIRO, K. M.; GONÇALVES, F; GOMES, Manoela. 111 anos, Picos, Nossa História. [Editorial]. *Revista Foco*, Folha de Picos. Picos, 2001.

²⁰ ALMANAQUE DA PARNAÍBA. *Picos, o Gigante do Sertão*. Parnaíba: Editora Ranulpho Torres Raposo, 1970.

²¹ ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. *Picos nas anotações de Ozildo Albano*. Picos, 2011.

²² FONSECA, Graziani Gerbasi. *A Itália em Picos*. In: FONSECA, Graziani Gerbasi. *Os italianos de Picos: esboço para a história das relações entre o Golfo de Policastro e o Sertão Nordeste a partir de 1870*. Teresina: UDUFPI, 2004.

²³ DUARTE, Renato. *Picos: verdes anos cinquenta*. Recife – PE: Liber, 1991.

²⁴ ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de. *Italianos em Picos – PI: imagens e narrativas*. In: *Gente de longe: história e memórias*. Teresina: Halley, 2006.

²⁵ *Macambira*, Picos - PI, ano II, n. 15, p. 5, 8 set. de 1977.

movimentações na praça e no Cine Spark, assim como as festividades religiosas compuseram essa parte da pesquisa.

Utilizamos para o desenvolvimento dessa parte da pesquisa jornais do período em questão como o *Macambira* e o *A Voz do Campus*, livros e monografias sobre a cidade de Picos, ressaltamos que livros a respeito do município são bastante escassos, sendo assim, as fontes bibliográficas limitadas, com a introdução do curso de história, na Universidade Federal do Piauí e com os estudos desenvolvidos por seus alunos é que o número de trabalhos e arquivos sobre a urbe picoense vem crescendo consideravelmente.

Foram utilizadas também depoimentos orais e fotografia, a utilização da oralidade se deu para que pudéssemos analisar a memória que as pessoas possuem a respeito de determinados períodos.

Procuramos apoio para discutir o conceito de memória em autores com: *Le Goff*, *Maurice Halbwachs* e *Michell Pollack*.

Para o capítulo III, o último da presente pesquisa, desenvolvemos o texto com a preocupação de mostrar como estão alguns dos principais locais, do centro de Picos, ou o que se tornaram os lugares que na memória de alguns entrevistados, se solidificaram como lugares de memória.

Optamos por investigar cinco lugares e a resignificação dada a eles, sendo assim dividimos esse capítulo em cinco tópicos. Discutimos através desses tópicos o impacto das transformações ocorridas no centro de Picos como, por exemplo, a demolição de algumas construções antigas para a implantação de prédios novos e modernos, a substituição de prédios residenciais por estabelecimentos comerciais, as reformas sofridas nos estabelecimentos públicos como praças e ruas, entre outras alterações.

Foi nosso objetivo explicar nesse tópico, sobre a necessidade da criação dos lugares de memórias, para a preservação e consolidação da memória de um povo e conseqüentemente da história de uma cidade.

Assim como nos demais capítulos utilizamos jornais, entrevistas e alguns livros para desenvolvermos a pesquisa. Buscamos suporte teórico, para essa parte do trabalho, que procurou discutir, mesmo que em síntese, as transformações que ocorreram e ocorrem no centro de Picos, em autores como *Pierre Nora*²⁶ e *Françoise Choay*²⁷.

²⁶ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduandos em História do Departamento de História*. São Paulo, n. 10, dez. 1993.

²⁷ CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

Com o exposto, podemos afirmar que tentaremos evidenciar ao longo do trabalho de forma simples e clara as principais modificações ocorridas em Picos, além disso, buscaremos possibilitar que o leitor conheça um pouco da história dessa cidade e de seu povo.

No entrecruzamento das fontes, dos conceitos e da nossa própria visão e opinião, através da problematização, análise, crítica e reflexão do material por nós selecionado para investigação, pretendemos desenvolver o trabalho de forma que o leitor possa fazer uma viagem e conhecer a Picos.

Dessa forma esperamos contribuir uma nova fonte de pesquisa a respeito não apenas da cidade, mas também do povo picoense.

1 PICOS: A CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO URBANO

A história como disciplina passou por um período que muitos definiram como crise dos paradigmas, durante esse período essa disciplina sofreu duras críticas. Apesar disso conseguiu-se superar esse momento de dificuldade e se fortalecer com ele²⁸.

A superação desse momento conturbado para a história possibilitou um momento de virada na historiografia onde se passou a valorizar não apenas os grandes acontecimentos, grandes feitos e heróis, mas tudo que é história ou possível de se tornar história.

Passou-se a valorizar os detalhes, as coisas simples, muitas vezes consideradas insignificantes. Enfim, essa virada na historiografia, através de novas metodologias, fontes, campos temáticos, permitiu aos pesquisadores/historiadores dar maior valor ao que antes era marginalizado, esquecido ou simplesmente deixado de lado²⁹.

Partindo dessa constatação e da ampliação das temáticas históricas aberta com esse novo período vivido pela história é que a presente pesquisa analisa uma cidade do interior piauiense, seu desenvolvimento, seu cotidiano e o de sua população, enfim sua transformação ao longo dos anos.

Para tal análise foi escolhido como foco central da pesquisa, o centro histórico da cidade, local onde a cidade começou seu povoamento e se desenvolveu ao longo do tempo. Buscamos estudar as transformações estruturais e comportamentais dos cidadãos frente a esse espaço central da cidade e as consequências dessas modificações para a história e a memória dos cidadãos. Foi através dessas questões que a presente pesquisa foi pensada e desenvolvida.

Procurou-se analisar e percorrer a cidade de Picos com bastante atenção aos detalhes, as transformações sofridas por ela ao longo dos anos, a mudança de postura da população e as novas formas de se viver a cidade, com as novas transformações.

Nesse primeiro capítulo foi destacado ainda o surgimento de Picos como cidade, suas influências, a importância do rio para o desenvolvimento da urbe e sua ligação com as transformações sofridas por ela, seus aspectos geográficos e a relação destes para a criação de Picos.

Como pode ser percebido trabalhou-se com temas amplos e diversos, mas todos desenvolvidos tendo como foco o campo de pesquisa Cidade.

²⁸ Ver: VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Trad. Antônio José da Silva Moreira. Lisboa: Edições 70, 1983.

²⁹ Ver: FLAMARION, Ciro, VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

A escolha por temáticas tão diversas enquadradas dentro de um mesmo trabalho se dá por entendermos que ao se estudar uma cidade rompe-se com a barreira do individualismo e passa a ser feito um estudo que necessita não apenas de um olhar único e fechado, pelo contrário, entende-se que uma pesquisa que visa estudar a urbe é necessariamente um estudo multidisciplinar que pode e deve contar com a colaboração de pesquisas das mais variadas áreas.

[...] a cidade representa o que se poderia chamar de um campo de pesquisa e discussão interdisciplinar: trabalham sobre não só historiadores como geógrafos, sociólogos, economistas, urbanistas, antropólogos. [...] ela não é mais considerada só como *locus*, seja da realização da produção ou ação social, mas sobretudo como um problema e um objeto de reflexão. Não se estudam apenas processos econômicos e sociais que ocorrem na cidade, mas representações que se constroem na e sobre a cidade³⁰.

Partindo dessa constatação a pesquisa foi desenvolvida, buscando ter uma visão múltipla a respeito da temática estudada, contando com a ajuda de variadas áreas, pois acreditamos que uma mesma cidade pode ser vista, lida e analisada de variadas formas, bastando o pesquisador/historiador construir sua narrativa de forma coesa e consistente.

Percebe-se dessa forma que

Uma cidade é objeto de muitos discursos, a revelar saberes específicos ou modalidades sensíveis de leitura do urbano: discursos médicos, urbanísticos, históricos, literários, políticos, policiais, jurídicos, todos a empregam metáforas para qualificar a cidade [...]. Como fala Ítalo Calvino, uma cidade contém muitas cidades e esse tem se revelado um campo de pesquisa muito amplo no âmbito da História Cultural³¹.

Dessa forma, pode-se afirmar que nessa primeira parte da pesquisa, tentou-se demonstrar as variadas cidades dentro de Picos, a montagem política, econômica e social que fizeram dessa cidade uma das maiores do Piauí, tanto no que se refere a economia quanto a população, ou seja, tentou-se demonstrar como ocorreu a montagem/criação do cenário urbano de Picos.

³⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Correntes, Campos Temáticos e fontes: uma aventura da história. In. *História & História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 79.

³¹ Idem.

1.1 HISTORICIZANDO A “CIDADE MODELO”

Localizada em uma região de clima quente, relevo bastante peculiar, já que é rodeada de montes picosos que posteriormente influenciaram no seu nome, vegetação predominante de caatinga e com chuvas escassas durante praticamente todo o ano, foi que a cidade de Picos³² cresceu e se expandiu ao longo dos anos.

Atualmente essa notória cidade piauiense conta com uma população de 73.414mil/hab., segundo dados do IBGE 2010. Ainda de acordo com esses dados a população estimada para o município em 2014 é de aproximadamente 76.000mil/hab., distribuídos em uma área de 534,715km².³³



Figura 1: Mapa do Piauí
Fonte: www.google.com.br/maps



Figura 2: Mapa de Picos
Fonte: www.google.com.br/maps

³² Até 1943 Picos-PI, tinha uma “xará” no centro-oeste do Maranhão, contudo de acordo a Legislação Federal não era permitido a duplicidade de nomes de cidades brasileiras, então Picos (do Maranhão), perdeu para Picos (do Piauí), por esta ser mais velha. A cidade maranhense então passou a chamar-se Colinas, no dia 2 de fevereiro de 1943, assim como a cidade piauiense, recebeu esse nome por ser rodeada por morros.

³³ IBGE, censo 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 11 de nov. 2014.

Essa importante cidade, localizada no centro sul do Piauí e fundada, de acordo com a teoria mais difundida, em 12 de dezembro de 1890, pela resolução nº 33, teve sua origem ligada principalmente a pecuária de gado vacum e cavalariço.

Hoje há discussões bastante contundentes sobre a história de Picos, no que diz respeito principalmente ao seu processo de povoamento e elevação a cidade.

Uma dessas hipóteses afirma que os habitantes das margens do rio Guaribas especialmente os da fazenda Sussuapara e Samambaia, idealizaram fundar um povoado na margem direita do mesmo rio, ficando circundado por picos.

No entanto, várias outras hipóteses surgem a respeito de como se deu o povoamento e elevação de Picos a cidade. Tomando como base a hipótese mais divulgada e conhecida pelos picosenses, pode-se afirmar que o que é hoje Picos, teve origem a partir de Bocaina, que a época era ligada a então capital do Piauí, Oeiras.

Ainda segundo essa hipótese, a construção da capela de Nossa Senhora da Conceição, na região de Bocaina, em 1754, seria então o marco inicial do povoamento do que mais tarde viria a ser a cidade de Picos.

[...] O primeiro lugar devastado no município foi o que atualmente se localiza o povoamento de Bocaina, onde Borges Marinho edificou uma capela, ainda hoje existente. Picos foi inicialmente uma unidade do vizinho município de Oeiras. O local onde está situada a cidade constituía uma fazenda de gado vacum, pertencente a família Borges Leal, que se ramificou por todo o município.³⁴



Figura 3: Capela de Nossa Senhora da Conceição, Bocaina-PI³⁵

³⁴ FERREIRA, Jurandyr Pires. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. 1959, p. 570.

³⁵ A capela de Nossa Senhora da Conceição, em 1754, marca o início do povoamento da região que daria origem a Picos, na figura vemos ela atualmente, mas vale ressaltar que ela não possui a mesma forma de quando foi construída, pois passou por algumas reformas, sendo uma delas motivada por um raio que atingiu a torre desta igreja.

Construída sobre influência das fazendas de gado, a região contou como se pode notar com a contribuição de uma renomada família de imigrantes portugueses, além deles comerciantes de gado de diversas áreas do nordeste também contribuíram nesse povoamento/desbravamento.

A família portuguesa dos Borges Leal contribuiu de sobremaneira para a criação de Picos, pois foi através de iniciativas dessa família, que fundou uma de suas principais fazendas, a fazenda Currinhos, em um território rodeado de picos e bastante apropriada para a pecuária, que a cidade veio a se desenvolver.

O local onde se assenta a cidade de Picos foi antigamente ocupada por uma fazenda de gado de propriedade da família Borges Leal, isto em fins do século XVIII e começos do XIX. Mas somente em meados do século passado, pela Resolução Provincial nº 308 de 11 de setembro de 1851 é a então povoação incipiente elevada a Freguesia, sob a invocação de Nossa Senhora dos Remédios, quatro anos depois pela Resolução nº 397 de 20 de dezembro de 1855 a então Freguesia era elevada a categoria de vila. É oportuno considerar que somente em 12-12-1890, através da resolução nº 33, (já em plena República) por gestão de João da Cruz e Santos (Barão de Uruçuí) é que Picos foi elevado à categoria de cidade e sede da comarca judiciária.³⁶

Nesse período foi escolhido e nomeado para ser o primeiro presidente da câmara municipal, o coronel Clementino de Sousa Martins, este era filho do Major Manuel Clementino de Sousa Martins, piauiense de grande destaque por ser considerado herói na Balaiada.

Clementino de Sousa Martins ficou no poder interinamente por dois anos 1890-1892, quando foi sucedido por seu filho Helvídio Clementino de Sousa Martins.

Assim como em várias outras regiões do nordeste, a cidade de Picos nessa época apresentava ótimas condições para o desenvolvimento da pecuária, pois apesar de clima bastante seco e quente, a cidade contava com ótimas áreas de vazante e pastagem, possibilitadas graças ao rio Guaribas que apesar de perene, possibilitava um grande cinturão verde que cortava a cidade e contribuía para amenizar o clima quente da região, além de tornar o local bastante propício para a criação e desenvolvimento do gado, tanto vacum quanto cavalares.

³⁶ ALMANAQUE DA PARNAÍBA. *Picos, o Gigante do Sertão*. Parnaíba: Editora Ranulpho Torres Raposo, 1970.

As terras do município dos Picos são talvez, as que melhores condições de pastagens e outras vantagens oferecem para todo gênero de criações que se encontram em toda a província³⁷.

Essas características fizeram despertar o interesse de diversas pessoas pela região. Vindos de locais próximos ou distantes essas pessoas foram ocupando a localidade e fazendo dela sua morada.

Imigrantes do nordeste, como por exemplo, do Pernambuco, do Ceará e da Bahia, assim como imigrantes estrangeiros, principalmente de Portugal e da Itália, contribuíram grandemente com o povoamento e desenvolvimento do que mais tarde seria a cidade de Picos.

Atraídos e motivados pela pecuária que se expandia em boa parte da região nordestina, os imigrantes de forma geral passaram a procurar regiões propícias para o desenvolvimento dessa atividade, foi então que passaram a migrar e fundar suas fazendas em Picos, já que encontraram características favoráveis para o desenvolvimento dessa prática, pois a região picoense possuía uberdade e salubridade em seu solo.

Através desses imigrantes a cidade antes conhecida pela acunha de Curralinhos³⁸ passou a se destacar e crescer, recebendo a denominação de Picos, devido aos montes picosos que a rodeavam.

Além da pecuária, outra atividade que contribuiu para o desenvolvimento picoense foi a agricultura e mais tarde o comércio, que hoje pode ser considerado a principal atividade econômica da cidade.

[...] Félix Borges Leal chegou à região de Picos-PI e se apossou de grandes áreas de terras, fundando ali uma de suas mais importantes fazendas, denominada “Fazenda Curralinho”, situada em férteis várzeas, propícias para a agricultura e pecuária, onde hoje é localizada a cidade de Picos, às margens do Rio Guaribas e cercada por montes Picosos [...]

Depois vieram outros Borges Leal, que se juntaram aos onze filhos do desbravador Félix Borges Leal e foram povoando o núcleo que hoje compreende o município de Picos. Em virtude de suas terras férteis, oferecendo boas condições para todo o gênero de criação e plantação, outras pessoas também foram atraídas, especialmente de Pernambuco e da Bahia, tais como negociadores, que ali realizavam bons negócios de compra e venda, inclusive de cavalos. Muitos deles acabaram por fixar residência no

³⁷ MONTEIRO, Alberto. Vila dos Picos. *Revista Piauiense dos Municípios*, ano 3, 2º semestre de 1955, n. 6, Teresina-PI. Edição Especial dedicada ao Centenário de Picos.

³⁸ Uma das primeiras e mais importante fazenda de gado sobre propriedade da família Borges Leal, então detentora de grandes áreas na região, era conhecida por Curralinho ou Retiro Curralinho, com a elevação, da então vila a cidade, muitos passaram a chamá-la pelo nome dessa importante fazenda.

local, contribuindo para o crescimento do aglomerado urbano e consequente incremento das atividades econômicas na região³⁹.

Como se pode perceber, além da contribuição que deram no desenvolvimento da pecuária na região picoense, os imigrantes também foram importantes para o desenvolvimento da agricultura e do comércio na cidade, em todas essas atividades é notável a contribuição desses povos, seja na introdução ou aprimoramento de algum método ou técnica.

Assim como os portugueses da família Borges Leal, pode ser citado os Gerbasi, família de italianos, que chegou a Picos no final do século XIX, como exemplo de imigrantes que contribuíram de sobremaneira para o desenvolvimento dessas atividades.

Os italianos chegaram na cidade após os imigrantes portugueses, por volta de 1870, quando Picos ainda era uma vila, com características rurais e com possibilidades econômica de crescimento na zona urbana, se destacaram na introdução de novas técnicas agrícolas como o cultivo de hortaliças irrigadas, através do rio Guaribas.

Contudo a grande contribuição desse povo foi principalmente o comércio, sobretudo o informal, já que o número de habitantes no Piauí de forma geral ainda era pequeno e com raras áreas de povoamento denso ao longo do seu território, o que dificultava a consolidação de um comércio fixo.

Na região picoense, “área de passagem dos viajantes, negociantes entre Oeiras e os portos de Recife e Fortaleza, Maranhão e Bahia”⁴⁰, os italianos se destacaram na comercialização da borracha da maniçoba, cera de carnaúba, algodão e couro, dessa forma pode-se afirmar que esses imigrantes contribuíram tremendamente no impulso e desenvolvimento das atividades comerciais dessa importante região piauiense.

Segundo Andrade, “os imigrantes italianos vieram para a região nordeste sozinho ou em pequenos grupos [...] Eles desenvolveram, sobretudo atividades pessoais de artesanato e de pequeno comércio. Foram atraídos pelo comércio de exportação de algodão, de peles, couros e de produtos extrativos”⁴¹. Além dessas atividades é provável que alguns imigrantes italianos, tenham vindo para o Piauí, atraídos pela possibilidade de trabalhar na fábrica de laticínios introduzida na cidade de Campinas – PI, em 1897.

³⁹ FAMÍLIA LUZ: portal genealógico. Disponível em:

http://www.familialuz.com.br/picospi_aspectoshistoricos.php. Acesso em: 27 jun. 2014.

⁴⁰ FONSÊCA, Graziani Gerbasi. *Os italianos de Picos: esboço para a história das relações entre o Golfo de Policastro e o Sertão Nordeste a partir do ano de 1870*. Teresina: EDUFPI, 2004, p. 36.

⁴¹ BASTOS, Cláudio. *Dicionário histórico e geográfico do Estado do Piauí*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994, p. 443.

Além da afirmativa da importância dos italianos para o nordeste de forma geral, Andrade cita o exemplo do jovem Francisco Antonio Prota, que chegou ao Brasil por volta de 1905 e juntamente com seus tios Pascoal Stopelle e Jacome, contribuíram para a expansão da atividade comercial em Picos e Floriano especificamente.

[...] sócio com o tio Jacome, funda a firma Prota Stopelle e Cia, montam casa comerciais em Picos e uma filial em Floriano, a Chic Maison. O estabelecimento de uma filial em Floriano era importante devido à função portuária dessa cidade para onde convergia a produção de todo o sul do Piauí e Maranhão. A firma viveu anos de crescimento e de bons negócios até 1920, com a exportação de peles de cabras, couro de boi, cera de carnaúba e outros produtos. A crise de 1920, no entanto, levou os comerciantes a procurarem desenvolver, outras atividades, passaram então a investir na cultura do algodão. Francisco Prota (que nesse momento vivia em Floriano) volta para a cidade de Picos, tendo importado do Ceará as melhores sementes malváceas, ele fundou então a Associação Comercial da cidade, possibilitou então a expansão dessa cultura, com a distribuição de sementes e o fornecimento de crédito aos caboclos⁴².

Percebe-se a partir da pesquisa desenvolvida e dos relatos feitos ao longo do presente trabalho, que é inegável a contribuição dos imigrantes, na expansão de várias atividades: pecuária, agricultura e comércio são apenas alguns exemplos, podemos ainda citar a introdução de alguns hábitos alimentícios, culturais e sociais, praticados na Europa, como exemplo de contribuição desses povos.

As evidências permitem informar que “a presença de italianos e de seus descendentes constituiu-se indubitável fator de difusão da música, da literatura e das representações teatrais em Picos, durante a última década do século XIX e nas quatro décadas iniciais do século XX”⁴³.

A fixação desses imigrantes na região que hoje é o centro de Picos e recorte espacial do presente trabalho, tanto os portugueses, na Avenida Getúlio Vargas, quanto os italianos, na Rua Cel. Luís Santos, é mais uma comprovação da importância dessas pessoas para o povoamento e desenvolvimento da cidade.

Essa região escolhida por esses imigrantes tornou-se ao longo dos anos a área comercial de maior importância da cidade.

Estudar o centro da cidade de Picos e a história de sua fundação, sem citar a contribuição desses imigrantes é silenciar uma parte da história da cidade, pois é inegável a

⁴² BASTOS, Cláudio. *Dicionário histórico e geográfico do Estado do Piauí*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994, p. 443.

⁴³ FONSÊCA, Graziani Gerbasi. *Os italianos de Picos: esboço para a história das relações entre o Golfo de Policastro e o Sertão Nordeste a partir do ano de 1870*. Teresina: EDUFPI, 2004, p. 255.

contribuição dos imigrantes italianos e também portugueses, no desenvolvimento e povoamento picoense, seja contribuindo com a introdução de novas técnicas agrícolas, novos aspectos culturais, ou no aprimoramento do comércio.

Essa última atividade aprimorada e desenvolvida com a chegada dos imigrantes europeus, como destacado anteriormente, se tornou com o passar dos anos a principal atividade em Picos e fez com que a cidade se tornasse um dos principais pólos comerciais da região.

O comércio picoense atualmente movimenta não apenas a própria cidade, mas todo o seu entorno. O comércio das cidades vizinhas tanto do estado piauiense quanto de outros estados, como Ceará e Pernambuco, estão direta ou indiretamente ligados ao comércio picoense.

A feira livre que ocorre em Picos durante praticamente todos os dias da semana recebe produtos de várias regiões do nordeste, assim como também abastece várias outras.

Vale destacar que a importância comercial da região picoense não é recente, pois devido o seu posicionamento, que funciona como passagem obrigatória para várias outras cidades do Ceará, da Bahia e do Pernambuco, por exemplo, a cidade se tornou referência nesse setor desde muito cedo, seja na comercialização de gêneros agrícolas, pecuários ou oriundos do extrativismo.

Dessa forma pode-se afirmar que atualmente Picos funciona como uma cidade imã⁴⁴ atraindo para si várias outras cidades.

Devido ao seu desenvolvimento tornou-se local de atração para milhares de pessoas, as quais se sentem atraídas por diversos motivos, como acesso a educação, saúde, emprego e qualidade de vida, o que não significa que a cidade consiga atender satisfatoriamente toda a demanda que lhe cabe.

O dia-a-dia em Picos, hoje, parece ser mais intenso e mais frenético do que em qualquer outra cidade de igual porte. [...] mal o dia amanhece, nas várias rodovias de acesso à cidade. A partir de então, uma população flutuante em quantidade expressiva passa a agregar-se ao contingente de pessoas domiciliadas no perímetro urbano. No final do dia, o fluxo toma uma direção contrária, ou seja, da cidade para os lugarejos e cidades menores da circunvizinhança, o que não significa desconsiderar que, também ao anoitecer, ocorre outro fluxo de menor intensidade formado por pessoas que trabalham nas cidades polarizadas por Picos, e que nesta tem domicílio. O que importa, de qualquer modo, é que, se já não bastasse a exiguidade da área em que a cidade está localizada, os equipamentos urbanos de Picos têm

⁴⁴ ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 11-29.

que atender a uma população superior à que ali vive, o que necessariamente resulta em sobrecarga e má qualidade de muitos desses serviços⁴⁵.

Vale destacar, que muitas das pessoas que se deslocam para Picos, não fixam residência na urbe, mas se deslocam para esta diariamente, fazendo com que o número de pessoas circulando em seu centro seja bastante elevado. Picos funciona atualmente, de acordo com algumas pesquisas, como polo central de pelo menos 40 cidades.

Além disso, esse deslocamento diário de pessoas faz com que a cidade sofra diariamente um verdadeiro inchaço nos dias úteis da semana. Esse inchaço e movimentação do centro nos dias da semana se tornam um verdadeiro contraste se observada essa mesma região aos finais de semanas e feriados, pois esta área da cidade fica praticamente abandonada nos dias em que o comércio não é aberto.

A falta de movimentação na área central picoense, nos finais de semana e feriados, se dá por ser essa região constituída principalmente de estabelecimentos comerciais, já que devido a sua valorização imobiliária muitas das pessoas que moravam nessa área venderam seus imóveis e foram morar nas regiões periféricas, dando espaço para que fossem implantados estabelecimentos comerciais variados, sendo assim, todas as vezes que comércio não é aberto o movimento nessa área é modificado, passando de intenso para escasso.

Para finalizar o breve resumo sobre a formação e historização de Picos, já que falou-se do povoamento, atividades comerciais, migração, não se pode deixar de falar para complementar as informações a respeito da cidade, do forte caráter religioso que a mesma desenvolveu, praticamente desde sua origem.

Assim como em várias atividades, já citadas, é inegável que os imigrantes também tiveram papel importante nessa questão, pois, por serem católicos convictos contribuíram no desenvolvimento e consolidação dessa religião aqui na cidade.

Os fazendeiros que aqui se fixaram desde muito cedo também contribuíram de sobremaneira para o desenvolvimento das práticas católicas na região. Além disso, por ter como limite algumas fazendas de jesuítas, a região sofreu intensa influência religiosa.

O Brasil, esta abençoada e maravilhosa terra, em cujos céus resplandece o Cruzeiro do Sul, nasceu à sombra da fé, e foi conquistado mais pela cruz dos missionários do que pela espada dos colonizadores [...]
E o que aconteceu com a nossa Pátria em ponto grande, repete-se, em ponto pequeno, com as povoações e cidades brasileiras⁴⁶.

⁴⁵ DUARTE, Renato. *A Reconstrução de uma cidade: Plano de desenvolvimento para Picos*. Teresina: Comp. Ed. do Estado do Piauí, 2002. p. 208.

⁴⁶ LEAL, David. Picos religiosa. *Revista Piauiense dos Municípios*, ano 3, 2º semestre de 1955, n. 6, Teresina-PI. Edição Especial dedicada ao Centenário de Picos.

Nessa perspectiva duas igrejas se destacam na cidade que são: a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, conhecida como igrejinha e a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, que é a igreja matriz da cidade e considerada uma das sete maravilhas do Piauí devido a sua beleza arquitetônica e referência religiosa no estado.

As duas igrejas, apesar de terem sofrido mudanças significativas desde a sua fundação, se apresentam bastante conservadas, despertando nos picoenses, assim como em seus visitantes muita admiração, pela beleza estética/arquitetônica e pela importância histórica e religiosa que representam para a cidade.

Ambas as igrejas estão localizadas no centro e diretamente ligadas a história e povoamento dessa região.

Antes mesmo de tornar-se cidade, Picos já era bastante influenciada pelas suas crenças e religiosidade. A devoção a São José, assim como, a Nossa Senhora dos Remédios, por exemplo, vem desde muito cedo e fez com que esta se tornasse a padroeira da cidade.

De acordo com relatos orais, repassados ao longo dos anos e registrados em alguns jornais da primeira metade do século XX, a imagem de Nossa Senhora dos Remédios teria chegado a Picos no final da década de 1840, através de um escravo e por não ter templo próprio ficou na Capela edificada a São José.

Em 1847 ter-se-ia encomendado da Baía uma imagem de Nossa Senhora dos Remédios, de madeira, que transportada nos ombros de um velho escravo, por isto libertado, aqui chegara no dia último de dezembro daquele ano, recebendo a bênção litúrgica no dia seguinte. [...] Sendo oficiante o sacerdote picoense Francisco de Paula Moura, ficando exposta ao culto na Capela de São José. Houve geral contentamento por ocasião desta cerimônia litúrgica [...] ⁴⁷.

Alguns anos após a chegada da Santa, já em 1851,

Pela resolução nº 308, de 11 de setembro de 1851, o povoado dos Picos é elevado à freguesia, sob o orago de Nossa Senhora dos Remédios, em virtude da grande devoção que, já àquela época, se tinha à sua venerada imagem. A primeira sede da freguesia foi a Capela de São José. Mais tarde, a 2 de janeiro de 1854, a freguesia de Nossa Senhora dos Remédios foi canonicamente, reconhecida pelo bispo do Maranhão, D. Manoel Joaquim da Silveira. O primeiro vigário da freguesia foi o padre José Dias de Freitas, que tomou posse a 7 de maio de 1854 ⁴⁸.

⁴⁷ LEAL, David. Picos religiosa. *Revista Piauiense dos Municípios*, ano 3, 2º semestre de 1955, n. 6, Teresina-PI. Edição Especial dedicada ao Centenário de Picos.

⁴⁸ OZILDO, José Albano de Macêdo. Religiosidade de Picos procedentes na história. *Jornal de Picos*, 14 de ago. de 1987.



Figura 4: Igreja Matriz de Nossa de Nossa Senhora dos Remédios

Fonte: www.google.com.br/imagens



Figura 5: Igreja do Sagrado Coração de Jesus

Fonte: www.google.com.br/imagens

A igreja de Nossa Senhora dos Remédios, representada na figura 4, foi edificada em 1871, pelo Pe. Dr. José Antônio Maria Pereira Ibiapina, que de acordo com a tradição oral a construiu em apenas noventa dias.

Ainda de acordo com a tradição oral, a imagem de Nossa Senhora dos Remédios foi levada para o templo, em festiva procissão e com grande acompanhamento, pelo Frei Ibiapina, como era, popularmente conhecido o padre em questão. Os sinos da Igreja foram doados naquele mesmo ano pelo Sr. Justiniano Antônio de Macêdo⁴⁹.

Contudo podemos afirmar que a igreja Matriz não possuía a forma e o “glamour” que possui atualmente, esta foi adquirida, somente a partir do ano de 1948, através de uma grande reforma, que levou aproximadamente vinte anos, demoliu a antiga igreja e fez com que a nova igreja construída, passasse a ter a forma exuberante que apresenta atualmente.

Registros não dão conta de insatisfação ou oposição a demolição do antigo prédio para a edificação de um novo. Ao que consta a população apoiou e contribuiu na construção da nova igreja, que substituiu o estilo colonial, do antigo prédio, pelo estilo neogótico da nova igreja edificada.

O certo é que apesar das transformações e do “crime” que foi demolir uma igreja quase centenária, para a construção de outra, fez com que o novo templo se tornasse um dos mais belos santuários do Piauí e um dos principais pontos turísticos de Picos.

Dessa forma pode-se concluir que apesar das transformações estruturais, a Igreja Matriz é de suma importância para contar a história e o desenvolvimento da cidade, pois foi

⁴⁹ ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. *Picos nas anotações de Ozildo Albano*. Picos, 2011, p. 32.

ao redor desse estimado prédio que o comércio em Picos cresceu e se diversificou, além disso, é em seu entorno que ainda hoje a feira tanto de confecção quanto de verduras ocorre.

Já a Igreja do Sagrado Coração de Jesus representada na figura 5, que serve-nos como um dos pontos de referência limite para o estudo do centro histórico de Picos, foi erguida entre os anos de 1827-1830, ao que tudo indica por portugueses como Borges Leal e seus irmãos, além deles contribuíram para a edificação dessa igreja cavalarianos vindos da Bahia e do Pernambuco, assim como pessoas que já se encontravam morando na cidade ou em regiões vizinhas.

Foi ainda na década de 1830 que Roberto Borges Leal e seus irmãos, com a ajuda do Padre Francisco de Paula Moura, primeiro sacerdote filho de terra picoense, construíram a humilde capela, toda em madeirame de carnaúba, dedicada à São José – hoje igreja do Sagrado Coração de Jesus – cuja imagem Miguel Borges Leal, o patriarca da família, trouxera consigo, quando aqui se estabeleceu, na metade do século XVIII⁵⁰.

De início a igreja, marco inicial do povoamento de Picos, recebeu o nome de São José das Botas, com o passar dos anos, no entanto, passou a se chamar Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

A antiga Capela de São José foi reformada pelo Revdo. Mons. Joaquim de Oliveira Lopes, Diretor Diocesano do Apostolado da Oração no Piauí, que aqui fundou no Centro desta Pia Associação a 3 de dezembro de 1897, destinando a mesma Capela ao Culto do Sagrado Coração de Jesus⁵¹.

Foi ao redor da Capela de São José, ou Igreja do Sagrado Coração de Jesus, que os primeiros grupos fixaram residência. Mais tarde esse agrupamento de casas deu origem ao povoado, vila e, em 1890, cidade de Picos.

Hoje esse templo é considerado o mais antigo da cidade e localiza-se numa região onde é praticamente impossível entrar no centro e não o vê-lo, ficando muito próxima de algumas das rodovias federais e estaduais que cortam Picos.

⁵⁰ ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. *Picos nas anotações de Ozildo Albano*. Picos, 2011, p. 30.

⁵¹ LEAL, David. Picos religiosa. *Revista Piauiense dos Municípios*, ano 3, 2º semestre de 1955, n. 6, Teresina-PI. Edição Especial dedicada ao Centenário de Picos.



Figura 6: Vista aérea da Igreja do Sagrado Coração de Jesus (Igrejinha) e seu entorno.
Fonte: google.com.br/maps

Com o exposto até o momento podemos observar e afirmar, que a construção de Picos, em resumo, está diretamente ligada à pecuária, a fazendeiros vindos de diversos lugares, tanto nacional quanto internacionalmente falando, a agricultura, ao comércio e ao seu aspecto religioso.

1.2 A CONSTRUÇÃO DO CENTRO DE PICOS

A construção do centro de Picos, não diferentemente do que já foi relatado foi influenciado diretamente pelos fazendeiros que aqui se fixaram, pelos imigrantes europeus e pela religiosidade aqui praticada.

Apesar dos primeiros núcleos urbanos terem se iniciado ainda no século XIX, até meados do século XX, Picos ainda era um pequeno núcleo urbano integrado de forma harmoniosa ao meio rural⁵² considerada cidade tranquila, modesta e pacata.

Relatos dão conta que os primeiros núcleos urbanos foram desenvolvidos ao redor da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, através da criação da Rua Velha, considerada a mais antiga da cidade.

⁵² DUARTE, Renato. *Picos: verdes anos cinquenta*. Recife – PE: Liber, 1991, p. 17.

Em determinada época do ano, os fazendeiros e moradores das fazendas Curralinho, Bocaina, Sussuapara e Samambaia reuniam-se com os cavaleiros, na confluência do Riacho Moura com o rio Guaribas, no lugar “Retiro”, onde Miguel Borges Leal havia fincado os mourões de seus currais, no exato lugar onde hoje se situa a Rua Velha, na cidade de Picos. Com essa espécie de comércio, foram surgindo os primeiros ranchos, casas de taipa cobertas de palha de carnaúba, enfim, um arruado⁵³.

Com o passar dos anos a região foi se desenvolvendo e dando origem a Rua Grande, denominada de Coriolano de Carvalho e posteriormente chamada de Felisberto de Carvalho, esta rua passou a congregar o maior número de pessoas que residiam na cidade.

Atualmente essa rua é denominada de Avenida Getúlio Vargas (principal avenida do centro de Picos), considerada a espinha dorsal da cidade e responsável pela reunião de vários estabelecimentos comerciais, sendo as casas apenas uma minoria, entre as várias edificações existentes nessa região.

Outras ruas passaram a se desenvolver na cidade, entre o final do século XIX e início do século XX, dentre as principais desse período podemos citar: a Rua 13 de Maio, a Rua conhecida como “rua dos italianos”, depois substituída pelo nome de Rua Cel. Luis Santos, a Rua Coelho Rodrigues, a Rua do Cruzeiro, a Rua Santo Antônio e a Rua Matias Olímpio, todas localizadas no que hoje é o centro da cidade de Picos.

Vale destacar que apesar do crescimento apresentado já nos primeiros anos, Picos ainda se apresentava, pelo menos até a década de 1960, essencialmente agrária. Esse quadro sofrerá mudanças significativas somente a partir da década de 1970, quando uma série de medidas e beneficiamentos vão atingir a urbe, possibilitando o seu crescimento e alterando a extrema dependência que tinha do setor agropecuário.

Foi durante a década de 1970, que a parte urbana da cidade, principalmente a região do centro, cresceu de forma mais significativa e passou a ter os aspectos mais característicos de uma cidade. Com isso a jovem cidade de Picos tornou-se uma das mais importantes do estado do Piauí, superando até mesmo cidades tradicionais como Oeiras e Valença.

Podemos afirmar, no entanto, que nos primeiros anos do século XX, o centro de Picos era bastante pacato e pouco desenvolvido, podemos ainda afirmar que pelo menos até a década de 1960, apenas 16,3% da população picoense vivia na zona urbana, o que de certa forma explica a pouca infraestrutura apresentada até então.

A população de forma geral, praticamente 83,7% vivia na zona rural indo na cidade em momentos específicos, como no final de semana para as missas na igreja Católica, já que

⁵³ ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. *Picos nas anotações de Ozildo Albano*. Picos, 2011, p. 30.

esta era a religião que predominava na região, ou nos dias de feira que geralmente ocorriam no sábado e reuniam diversas pessoas vindas das várias regiões vizinhas a Picos, ambas as atividades ocorriam no centro.



Figura 7: Foto de Picos no início do século XX
Fonte: Acervo e memória picoense

Na imagem nota-se que apesar do crescimento ainda havia muito a ser modificado para que Picos de fato pudesse receber a acunha de grande cidade. Além disso, pode-se notar na imagem a Rua Grande (destacada com o número 1), com uma quantidade significativa de casas e o local onde a praça Félix Pacheco foi implantada anos mais tarde (destacada com o número 2).

Percebe-se com o exposto e através da figura 7, que apesar de emancipada a mais de 50 anos, Picos ainda apresentava características essencialmente rurais, sendo o centro uma região com poucas características urbanas.

Características básicas de uma cidade como água encanada, asfaltamento de ruas, energia elétrica, eram inexistentes ou deficientes.

Mesmo a região central, como se pode notar, sofria com graves problemas de infraestrutura, o calçamento das ruas, por exemplo, mal cobria essa região, mesmo a principal rua, a Rua Grande, tinha apenas um terço da sua extensão calçada, sendo este calçamento feito de pedras de tamanhos diferentes e formatos irregulares.

Renato Duarte ao falar do centro de Picos durante o século XX, mais precisamente, durante a década de 1950, afirma que esse era composto da seguinte forma:

O centro da cidade era formado pela praça Félix Pacheco – que tinha, então, a tripla função de área de lazer, de centro comercial e de área residencial [...] a praça do Mercado (atual praça Justino Luz), o beco da praça (atual Travessa Lourenço Pereira) e a rua Grande, como era conhecida a avenida Getúlio Vargas [...] Os principais prédios públicos estavam localizados nesse núcleo central: a igreja Matriz (no alto da igreja), o Mercado Público (na praça do mercado), o açougue público (na rua Grande), a cadeia pública (no beco da cadeia, atualmente travessa Firmino Rodrigues). Outros prédios públicos importante estavam situados nas proximidades daquele núcleo: a Prefeitura e o Grupo Escolar Coelho Rodrigues, na rua do Cantinho, a usina de luz, na rua Padre Cícero Santos, antiga rua da Usina. Ficavam ainda nesse núcleo central o Instituto Monsenhor Hipólito, o Picos Hotel, os dois cinemas, os bares, as lojas, as farmácias, as bodegas, os cafés...⁵⁴

Percebe-se assim, que logo na primeira metade do século XX, há uma tentativa de intensificação e ampliação, mesmo que deficitária, da área central da urbe. Algumas medidas para isso foram tomadas, como já mencionadas na citação. Dentre essas modificações pode ser citada a construção de uma praça, o calçamento de algumas ruas e a implantação de alguns estabelecimentos símbolos da modernidade, como é o caso do cinema.

A edificação desse tipo de espaços era uma das tentativas de deixar a região com características mais urbanas.

Com a intensificação nas transformações, no final da década de 1960 e início da década de 1970 a população começou a abandonar os hábitos interioranos e começavam a se inserir de forma mais intensa no ritmo mais acelerado da cidade.

Dessa forma a cidade foi deixando lentamente os hábitos típicos rurais, o setor agropecuário e se introduzindo no setor mais urbano, que é o comércio e hoje principal atividade da urbe.

Vale destacar que esse processo, de transformação e crescimento, se intensificou na década de 1970, mas levou vários anos até que a população de fato adquirisse hábitos e costumes urbanos.

É pensando nessas transformações e na importância do registro histórico delas, que o presente trabalho visa o estudo dessa área central, tão importante para o desenvolvimento da urbe picoense.

Como com o passar dos anos a área se ampliou e tornou-se bastante grande para se trabalhar numa pesquisa desse porte, optou-se por trabalhar mais precisamente com algumas regiões da parte central de Picos, como as que englobam: a Avenida Getúlio Vargas, desde a igrejainha até o início da praça Felix Pacheco, a Cel. Luís Santos, onde fica a casa dos

⁵⁴ DUARTE, Renato. *Picos: verdes anos cinquenta*. Recife – PE: Liber, 1991. p. 28.

Italianos, a Travessa Benedito Reinaldo, onde fica o Mercado Público e a região denominada de pátio da Matriz, onde é realizada parte da feira livre de Picos.

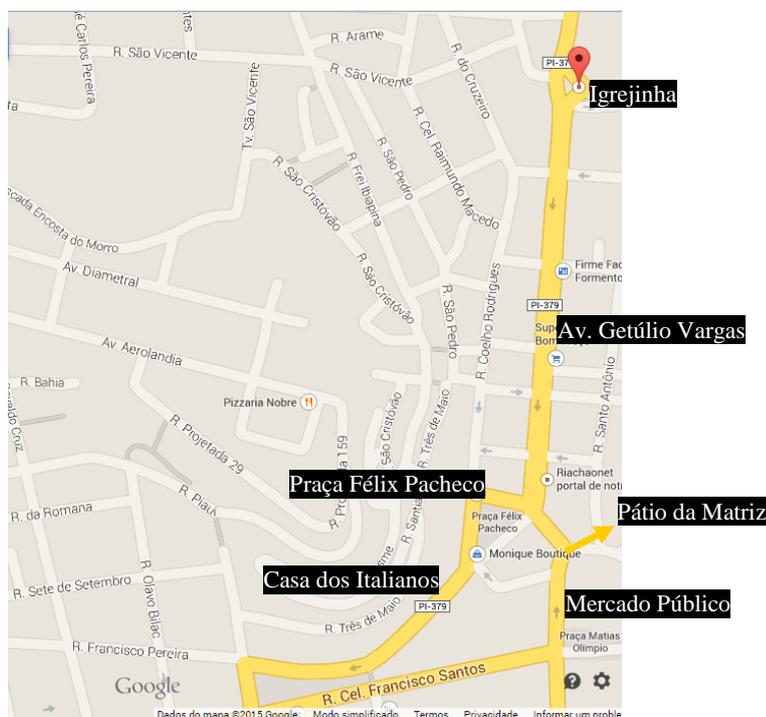


Figura 8: Mapa da delimitação espacial do trabalho
 Fonte: www.google.com.br/maps⁵⁵

Pretende-se com esse recorte entender parte das transformações históricas ocorrida nessa área central de Picos, além disso, destacar a importância dessa região para a preservação da história e da memória picoense.

Entendemos que é durante esse contexto de grandes modificações, tanto estruturais quanto de costumes, que a cidade vai começar a ganhar aspectos urbanos de fato e se destacar cada vez mais no setor comercial.

Deve ser ressaltado, no entanto, que apesar do crescimento do comércio, o setor agropecuário continuava a desempenhar papel importante, contudo com o passar dos anos foi se tornando cada vez mais uma atividade complementar.

Vários fatores contribuíram para que o comércio se desenvolvesse de forma satisfatória, alguns já foram citados, mas pode ser destacado ainda como um fator favorável a Picos, no que se refere ao seu desenvolvimento comercial, o seu posicionamento, já que a cidade apresenta uma posição estratégica ficando na rota de passagem para várias regiões.

⁵⁵ Adaptado por Mara Gonçalves de Carvalho em: 12 dez. 2014.

[...] a cidade de Picos é um importante centro comercial situado numa encruzilhada providencial de várias rodovias que integram os mapas complexo das estradas do Nordeste.

[...] do ponto de vista geográfico, Picos pertence à zona fisiográfica do sertão piauiense, mas dada a sua importância social e econômica, pode ser considerado o “Gigante do sertão” em que pese a silepse de gênero e número. Importante sob todos os pontos de vista, é a posição estratégica que a cidade ocupa como verdadeiro “nó” de comunicações dentro do complexo econômico do Nordeste.⁵⁶

O desenvolvimento comercial de Picos possibilitou a ampliação e melhoria do seu centro, ao longo dos anos, pois como podemos notar na figura 6, a proximidade entre a região central e algumas rodovias é muito grande, favorecendo grandemente o desenvolvimento dessa região.

Essas transformações foram possibilitadas graças a abertura de novas ruas, iluminação pública e praças, de forma mais ampla, abastecimento através de água encanada e por fim a ampliação do calçamento ou asfaltamento de áreas centrais.

A implantação ou melhoria desses serviços fez com que a região central tivesse um “boom” de desenvolvimento, entre os últimos anos da década de 1960 e início da década de 1970, aspectos que serão demonstrados nesse trabalho de forma mais detalhada no segundo capítulo.



Figura 9: Vista aérea de Picos na década de 1950

Fonte: Acervo e memória picoense



Figura 10: Vista aérea de Picos na década de 1970

Fonte: Acervo e memória picoense

⁵⁶ ALMANAQUE DA PARNAÍBA. *Picos, o Gigante do Sertão*. Parnaíba: Editora Ranulpho Torres Raposo, 1970.

Se comparadas as figuras 7, 9 e 10 presentes nesse trabalho, nota-se o crescimento e transformação de Picos através da lente da máquina fotográfica de uma pessoa que vivenciou o período em questão.

Podemos perceber que Picos cresceu de forma significativa, o que era apenas um aglomerado de casas, perceptível principalmente na figura 7, tornou-se de fato uma cidade.

Essa comparação se faz necessária por entendermos que

A percepção da cidade através de fragmentos da sua imagem leva o usuário à surpresa que rompe o hábito do uso, à comparação entre fragmentos espaciais, entre a atual e a pregressa experiência urbana, o flagrante de pontos de contato e diferenças de espaços e experiências e à ênfase, ao realce de traços, dimensões, cores, texturas, fluxos, valorizados na combinação de um uso. Leva o homem a captar, confrontar e informar espaços idênticos, próximos ou divergentes. A comparação é o método fundamental em uma pesquisa de percepção ambiental⁵⁷.

Através da análise e comparação das três imagens pode-se perceber a implantação de alguns monumentos e a modificação de outros. Nessa perspectiva podemos verificar de forma mais nítida as transformações sofridas pela Praça Félix Pacheco, com a modificação quase que total do seu espaço.

Além disso, nota-se grandes alterações no entorno desta, como por exemplo, a edificação da sede do Banco do Brasil, que fez surgir no centro alguns edifícios, deixando de lado a arquitetura baseada apenas em casas térreo.

Por fim nota-se que o crescimento econômico da cidade associado a melhores condições de mobilidade possibilitou o aumento da população e a intensificação da urbanização na região central, demonstrando o processo de transformações que a cidade passava, cada vez mais forte, ao longo dos anos.

Deve ser ressaltado que esse não foi um fenômeno que acometeu apenas Picos, várias outras cidades durante o mesmo período estavam passando por esse processo, umas com bastante intensidade, outras, no entanto, de forma mais lenta.

É a partir desse contexto de constantes transformações que Picos vai se modificando em variados aspectos. A cidade atingiu entre o final da década de 1960 e a década de 1970 grande efervescência econômica e cultural. Cinemas, passeios, bailes e construções de grande envergadura passavam a surgir, fazer parte do contexto da cidade e contribuir para o desenvolvimento da mesma.

⁵⁷ FERRARA, Lucrécia D'Alessio. *Ver a cidade: cidade, imagem e leitura*. São Paulo: Nobel, 1988, p. 77-78.

1.3 AS TUAS MARGENS (RE)NASCE UMA CIDADE

Como ressaltado anteriormente a cidade de Picos passou por um intenso processo de transformação ao final da década de 1960 e início da década de 1970, contudo um fato irá marcar esse processo de transformações. Esse fato se refere à cheia do Rio Guaribas.

Relatos dão conta que essa catástrofe se inicia em 09 de março de 1960 e atingiu praticamente toda a cidade, direta ou indiretamente.

Esse rio apresentava considerável importância na região, como já ressaltado nesse trabalho, pois foi através dele, ou melhor, as suas margens que a cidade passou a ser povoada, cresceu e se tornou uma das mais importantes do Piauí.

Seu nome foi dado pelos primeiros desbravadores em homenagem a espécie de macacos bastante presente na região.

Guariba é o nome comum de várias espécies de macacos do gênero *Alouata*. Atribui-se a esses bugios Guaribas, o nome dado ao rio que outrora fora cristalino, caudaloso, piscoso, e que corta essas paragens. Esses macacos viviam em bandos nas margens do rio e foram dizimados pelos primeiros desbravadores que aportaram nesta região, permanecendo o nome de ‘Guaribas’ até os dias de hoje⁵⁸.

Foi as margens do cinturão úmido e verde proporcionado pelas águas do Guaribas, que a cidade foi se expandindo e sendo povoada, além disso, por causa da produção agrícola desenvolvida as suas margens, Picos passou a ser conhecida como “Celeiro do Piauí.

O rio Guaribas já foi celeiro agrícola. Além da linfa generosa que saciava a sede, o bondoso rio nos fornecia as safras de alho, cebola, legumes, pastagens etc. Foi com o fruto dessas safras colhidas no seu verdejante leito que muitos pais da família as tiraram o seu justo ganho⁵⁹.

Várias das atividades desenvolvidas nessa região seja agricultura, pecuária, abastecimento das casas ou lazer das pessoas, estavam ligadas ao rio.

Pode-se afirmar que inicialmente ele era utilizado pelos fazendeiros para abastecimento da tropa e do gado, no entanto, com a virada do século XIX para o século XX, as atividades desenvolvidas as margens desse rio e que dependiam dele, passaram a crescer e se diversificar.

⁵⁸ LEAL, Firmino Libório. Crônicas: Vozes da Ribeira. Bocaina: Organizador, 2008, p. 34.

⁵⁹ Idem.

Além das atividades ligadas à pecuária, o rio passou também a ser importante para o desenvolvimento de atividades ligadas a agricultura.

Com a introdução de novas técnicas, trazidas, sobretudo pelas pessoas que passaram a migrar e povoar a cidade, as atividades agrícolas se expandiram e se tornaram cada vez mais lucrativas, possibilitando maior investimento no desenvolvimento das mesmas.

Irigadas pelo rio Guaribas, que a época era perene, com água suficiente correndo o ano todo, diversos gêneros agrícolas passaram a ser cultivados e desenvolvidos em Picos, aumentando cada vez mais a dependência da cidade em relação a ele.

A agricultura no decorrer dos anos passou a ser o principal setor econômico, sendo assim, a influência e dependência do rio para a irrigação dos gêneros agrícolas cultivados, aumentava cada vez mais.

A pecuária que por muitos anos tinha sido o motor da economia da região passou por algumas crises, devido, por exemplo, a queda no preço da carne e de algumas secas que atingiram boa parte do nordeste, o que provocou a perda de pastagem e que conseqüentemente tornou a atividade pouco lucrativa para a região.

Com isso essa atividade tornou-se secundária, juntamente com o comércio que começava a despontar na cidade e que muitas vezes estava ligado ao setor agrícola, já que muitos dos produtos comercializados eram gêneros agrícolas produzidos à margem do Guaribas, como por exemplo, cebola e alho.

Com a queda na pecuária, a agricultura assumiu de vez o título de principal atividade econômica desenvolvida na cidade e por muitos anos continuou sendo detentora desse posto, a produção que gado vacum e cavalariço, assim como o comércio, passaram a ser atividades complementares.

Apesar da queda de importância da pecuária, devemos salientar que é inquestionável a superioridade do setor agropecuário durante boa parte do século XX, pois a agricultura conseguia manter esse setor como o carro chefe da cidade, essa realidade só será mudada a partir da década de 1970, quando o comércio em Picos vai se tornar um setor mais forte.

Essa superioridade do setor agropecuário em relação aos demais, durante um longo período, se deu sem dúvida alguma devido ao rio Guaribas, que com suas águas e vazantes extremamente férteis permitia a irrigação e plantio de variados produtos agrícolas.

Nos primeiros anos de povoamento, além de contribuir para o abastecimento das tropas que por aqui passavam e para a agricultura, como já foi destacado anteriormente, o rio serviu ainda como forma de lazer para a população que aqui residia, possibilitando diversas brincadeiras e encontros íntimos.

[...] o velho Guaribas representava uma opção de lazer e de terapia da maior importância. Os trechos onde a água era mais profunda, chamados de poços e onde havia privacidade necessária, eram transformados em autênticos banheiros públicos. Havia os poços dos homens e os poços das mulheres, cujos limites e privacidade eram rigorosamente respeitados.

[...] durante o verão, as margens e os bancos de areia formados no leito do Guaribas eram usados como locais para encontros íntimos à noite. Na falta de uma infra-estrutura para encontros desse tipo, a quietude e o bucolismo do local eram uma atração para os casais mais liberados daquela época.⁶⁰

Colaborando com a prática da agricultura, do lazer e do abastecimento da cidade, o rio foi por muitos anos considerado um dos principais motivadores para o desenvolvimento e povoamento da cidade de Picos.

Na agricultura o rio era utilizado na irrigação de variados gêneros agrícolas como dito anteriormente, o município conseguia através da irrigação produzir cereais em larga escala, destacando sua extraordinária produção de milho, feijão e mandioca. Além desses produtos a cidade ainda se destacava na produção de coentro, alface e cebolinha.

Digna de nota também é a produção de alho e cebola nas vazantes do Riachão e do rio Guaribas⁶¹. O alho foi um produto que fez com que durante muitos anos a cidade ostentasse o título de maior produtor nacional, por conta disso a cidade passou a receber a denominação de “Capital do alho⁶²”.

Este gênero agrícola foi um dos principais responsável pelo equilíbrio econômico da cidade, durante aproximadamente trinta anos. Além de contribuir economicamente, o ciclo do alho vez com que a população picoense aumentasse, pois o município passou a receber pessoas vindas de outros estados e/ou de cidades do próprio Piauí, com o objetivo de investir nessa atividade.

Além de sua importância econômica, a cultura do alho abria postos no mercado de trabalho, por causa do seu plantio em grande quantidade e no seu manejo para a comercialização, envolvendo os setores de produção e distribuição⁶³.

⁶⁰ DUARTE, Renato. *Picos: verdes anos cinquenta*. Recife – PE: Liber, 1991. p. 22-24

⁶¹ ALMANAQUE DA PARNAÍBA. *Picos, o Gigante do Sertão*. Parnaíba: Editora Ranulpho Torres Raposo, 1970.

⁶² A denominação “Capital do alho” foi dada pela Revista Foco, alguns anos depois com a queda na produção desse gênero agrícola a expressão foi substituída pela denominação “Capital do Mel”, devido a grande produção desse produto na cidade.

⁶³ QUIROGA, Gabriel Canêdo; SILVA, Zezuca Pereira da; CARVALHO, Eliezer Furtado de BENTO, Nilton Pereira. *Custo de produção da cultura do alho: municípios de Picos e Bocaina (PI)*, 1975. Artigo. Universidade Federal do Goiás. Goiânia, 1975. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/pat/article/viewFile/2201/2158>. Acesso em: 13 de jul. de 2014.

Na década de 1970 no Piauí, a cultura do alho foi desenvolvida predominantemente nos leitos dos rios, especialmente o Guaribas, no período de Maio a Novembro. Os proprietários de terra possuíam títulos de propriedade das terras, cujo valor era maior do que o das terras situadas fora do leito [...] O alho era tão importante em Picos que favorecia a criação de novos comércios em Picos, pois, nessa época, o alho era exportado não só para a região Nordeste [...]⁶⁴.

De acordo com Pedro Feitosa “a cultura do alho do Rio Guaribas é economicamente uma das maiores fontes de renda para a economia do Estado”⁶⁵. Além disso, ele ainda afirma que plantar alho era altamente rendoso e que a feira do alho em Picos era uma das mais concorridas da região.

O Rio Guaribas foi importante ainda para o abastecimento da cidade, pois durante muitos anos ele foi o principal, quando não o único, local de fonte abundante de água na cidade.

Renato Duarte afirma que “os carregadores d’água enchiam as ancoretas que, nos lombos de jumentos, iam abastecer a cidade”. Ainda de acordo com ele, “era um constante vaivém de tropeiros tangendo os animais, cada jumento carregando duas ancoretas, no intenso trabalho de transportar água até a cidade”⁶⁶.

Por ainda apresentar um sistema de abastecimento de água bastante precário a população até meados do século XX era praticamente obrigada a se contentar com a água vinda do rio. Essa realidade só iria se alterar por volta da década de 1970, com a perfuração de vários poços jorrantes.

Antes da introdução dos poços jorrantes ao sistema de água de Picos, a população tinha que se satisfazer utilizando a água do rio para realizações que iam desde atividades complexas, até atividades domésticas simples, como lavar roupas e panelas, por exemplo.

As lavadeiras distribuíam-se em grupos por vários trechos do rio, atraídos por dois fatores: 1) o acesso, ou seja, a ocupação livre da área; 2) as condições naturais do trecho do rio, especialmente o formato do relevo das margens, o tipo do solo e a profundidade das águas.⁶⁷

⁶⁴ SILVA, Francisco José da. A importância da produção e comercialização do alho na cidade de Picos/PI 1950-1981. Universidade Federal do Piauí, Picos, 2013. [monografia]. p. 32-36.

⁶⁵ CRUZ, Jurivê de S. Santo; MOURA, José Ubiratan de; RODRIGUES, Carlos M.; VELASCO, Edilena de Barros. Integrar para não entregar. *Macambira*: informativo do campus avançado de Picos, ano IX, nº 115, Picos-PI, 31 ago. 1984.

⁶⁶ DUARTE, Renato. *Picos: verdes anos cinquenta*. Recife – PE: Liber, 1991, p. 20.

⁶⁷ Idem

Percebe-se dessa forma que a influência ou importância do rio Guaribas para o povoamento e desenvolvimento da cidade de Picos, ia desde atividades simples até atividades mais complexas.

Lavar, brincar, trabalhar, eram atividades desenvolvidos dentro do rio ou as suas margens. Pode-se notar então que muito além de amenizar o clima cálido da cidade, o rio desempenhava atividades que contribuíram para a sobrevivência e o crescimento da mesma.

Desde o início da ocupação de Picos, a região de povoamento mais densa passou a ser a margem direita do rio, principalmente a que ficava entre o bairro Catavento e o bairro Passagem das Pedras.

Com o passar dos anos o povoamento foi sendo expandido, fazendo com que o crescimento se desse em todas as direções, de forma desordenada e não planejada, alterando a configuração da cidade, pois isso provocou o surgimento de novos bairros e a população passou a ocupar até mesmo os montes picosos que rodeiam a cidade.

Relatos dão conta que mesmo o povoamento dessas áreas montanhosas, teve ligação direta com o rio, pois esse povoamento ocorreu devido a algumas enchentes, principalmente as ocorridas na década de 1960, que atingiu praticamente toda a cidade e alcançou de forma bastante intensa a população picoense.

Foi esse fenômeno natural o responsável também por uma nova reconfiguração da cidade. Com as enchentes a cidade ficou devastada, mas devido iniciativas particulares, em poucos anos conseguiu se reerguer.

Em 1960 a população sofreu bastante prejuízo tanto material, com a perda de animais, de lavouras e destruição de residências, quanto com a perda humana, muitas causadas por afogamento nas águas do Guaribas.

Picos foi a cidade piauiense mais duramente castigada pelas inundações, estipula-se de acordo com matéria divulgada na época, que 50% de seus prédios residenciais foram destruídos e aproximadamente 5.000 pessoas, representando metade da população urbana tenha ficado desabrigada.

Outro relato que demonstra o tamanho da destruição provocada pela enchente é o de Varão que afirma:

Essa catástrofe iniciou no dia 09 de março de 1960 e perdurou até o final do mês [...]. Após quatro dias de tranquilidade, a chuva voltou a assombrar a população, aumentando o volume das águas do Guaribas, que arrastava e devorava as casas, deixando um cenário devastado, pois muitas famílias ficavam desabrigadas e sem assistências. [...] As pessoas presenciavam suas casas e seus bens serem levados pelas correntezas, mas não podiam fazer

nada. Um senhor conhecido como mestre Adão, presenciou o desabamento de suas 111 casas. [...] A reconstrução da cidade foi feita pelos próprios moradores⁶⁸.



Figura 11: Rua São José, centro de Picos, em março de 1960.
Fonte: Acervo Museu Ozildo Albano

Com várias casas atingidas, tendo muitas delas desabado ou sofrido danos em sua estrutura, foi impossível reconstruir a cidade preservando a arquitetura antiga, isso fez com que se adotassem novos traçados e novas técnicas na edificação das casas e das ruas.

Outra fator que contribuiu com a transformação do centro de Picos após as enchentes de 1960, foi a especulação imobiliária que “ocasionou a substituição dos antigos casarões por casas menores ou por prédios, reconfigurando, assim, a visão da cidade”⁶⁹.

Traumatizados com as enchentes da década de 1960, os moradores de Picos passaram na década de 1970, a construir ou em alguns casos reconstruir as suas casas, que até então eram apenas de adobe, com mais concretos, na esperança de que com uma estrutura melhor não sofressem novamente tamanho prejuízo, além disso, ampliaram as ruas com calçamentos de pedras.

Muitas das casas construídas ou reconstruídas passaram a ser edificadas na parte mais alta da cidade, em alguns casos até mesmo nos montes picosos que rodeiam a cidade, ou em regiões mais distantes do rio, como é o caso, por exemplo, do povoamento da região hoje conhecida como Bairro Paroquial e Aerolândia.

⁶⁸ VARÃO, Maria Goreth de Sousa. Picos: história que as famílias contam. Teresina: EDUFPI, 2007. p. 36.

⁶⁹ RODRIGUES, Lídia Bruna Albuquerque. Cidade sob as “águas de março”: História e memória de Picos no período pós-enchentes (1960). Universidade Federal do Piauí, Picos, 2011. [Monografia] p. 19.

Nota-se ainda através de relatos e reportagens que saíram à época, que parte das casas atingidas pela cheia na antiga Rua Grande, por exemplo, passaram a ser erguidas com calçadas altas, na esperança de que se viesse uma grande enchente novamente essas casas não fossem inundadas.



Figura 12: Vista de parte da Av. Getúlio Vargas, em 1970, com algumas alterações estruturais nas casas que a compunham.

Fonte: Acervo e memória picoense

Essas transformações nas estruturas das casas, assim como o povoamento dos morros deu uma nova configuração tanto no que se refere às áreas centrais da cidade quanto as que se referem as áreas periféricas.

Direta ou indiretamente o Guaribas contribuiu para o surgimento de Picos, assim como para o seu renascimento, após a considerada maior catástrofe natural já ocorrida na cidade, que foi a cheia de 1960.

*Rio das lavadeiras
Que ao cair do Sol estavam
Com os dedos engilhados, os corpos cansados
E alguns trocados na capanga.*

*Rio dos cavaleiros-mirins!
Que galopavam no seu leito em cavalos de carnaúba,
Tangendo vacas, bezerros, sonhos e ilusões.
Tangendo a vida. Tangendo a sorte. A morte*

*Rio dos plantadores de alho!
Que fizeram de Picos o celeiro do Piauí
Teu leito verde distribuindo sonhos e esperanças,*

Amenizando a dor no olhar do povo daqui.

*Rio que o inverno arrastava
As populações ribeiras e deixava
Nos olhos das mães dos meninos afoitos:
Lágrimas salgadas, amargas e tristes.*

*Rio Guaribas!
Doce retrato amordaçado na lembrança
Hoje és mofo. Esgoto. Fratura exposta.
O homem mija na solidão de tuas costas⁷⁰.*

Hoje o rio que tanto contribuiu para a construção e reconstrução da cidade, já não se encontra nas melhores condições. Agonizando por socorro e por melhor tratamento ele precisa com urgência ser tratado e socorrido. Por causa da sua importância e da situação de abandono em que se encontra hoje, o rio se tornou digno de vários poemas, saudade e lamentações.

Um dos vários motivos foi o crescimento desordenado da cidade, que joga seus esgotos sem tratamento, no rio que tanto contribuiu para o seu povoamento e posterior desenvolvimento.

⁷⁰ ROCHA Vilebaldo Nogueira. *Rio Guaribas*. Disponível em: [http://www.leiturartes.com.br/rio-guaribas-\(vilebaldo-rocha\)](http://www.leiturartes.com.br/rio-guaribas-(vilebaldo-rocha)). Acesso em: 25 jun. 2014.

2 DÉCADA DE 1970: CANTOS E DES(ENCANTOS)

A década de 1970, de forma geral, foi marcada pelas grandes transformações sofridas pelo mundo, tanto culturalmente, quanto econômico-socialmente. Novas formas de pensar, agir e se comportar marcaram intensamente esse período.

Além disso, pode ser considerado um período tenso em praticamente todo o mundo, onde a supremacia mundial era disputada por duas grandes potências, Estados Unidos e União Soviética.

Apesar disso, essas duas potências, não marcaram esse período apenas com ameaças de guerra a qualquer instante, pois ambas, encabeçaram a descoberta de grandes inovações tecnológicas que marcaram esse período de disputa e tensão.

Nota-se também que essas duas grandes lideranças mundiais dominavam o estilo de vida almejado por boa parte da população mundial, principalmente o que se refere ao estilo norte-americano de vida, este durante vários anos se tornou o padrão a ser seguido e copiado.

O lançamento do primeiro processador, o Intel 4004; a criação do primeiro videogame; a exploração do planeta Marte; o desenvolvimento da televisão em cores, a expansão do ritmo musical rock roll, assim como do cinema, são apenas alguns dos vários acontecimentos que marcaram a década de 1970.

No Brasil esse período é marcado pela continuidade do período militar, iniciado em 1964. Administrado pelo general Emílio Garrastazu Médici é nesse período que o Brasil atingirá o status de “milagre econômico” e se tornará uma das maiores economias do planeta. “Nunca fomos tão felizes, exclamava o slogan oficial difundido na TV na década de 1970, em pleno milagre econômico”⁷¹.

Influenciada pelos empréstimos e investimentos estrangeiros, a economia brasileira entra num período de crescimento surpreendente.

A televisão, assim como o rádio, desempenharam papel fundamental nessas transformações e difusão de novas ideias e comportamento, tanto a nível internacional, quanto a nível nacional.

O que era transmitido nesses meios de comunicação ganhava o mundo em pouco tempo e atingia um número significativo de pessoas.

⁷¹ NAPOLITANO, Marcos. 1964: História do regime militar brasileiro. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 147.

No Brasil “as facilidades de crédito pessoal permitiram a expansão do número de residências que possuíam televisão: em 1960, apenas 9,5% das residências urbanas tinham televisão, em 1970, a porcentagem chega a 40%”⁷².

No Piauí, Alberto Tavares Silva assumia o governo do Estado para o seu primeiro mandato (1971-1975). Preocupado com a infraestrutura, assim como, com o setor de transporte, Alberto fez sua popularidade crescer tornando a melhoria desses dois setores o carro chefe do seu governo.

A colocação desses dois setores como prioridade do governo piauiense, fez com que vários investimentos fossem dedicados a construção de estradas, muitas delas foram melhoradas e asfaltadas. Isso provocou um forte crescimento em todo o Estado, mas principalmente em Teresina, “a capital começou a exibir sinais de metrópole e ficou interligada por rodovias a todo o interior e ao restante do país”⁷³.

O Piauí, mas em especial, Teresina passou a conviver na década de 70 com sucessivas obras. Construções dos mais variados tipos e funções passaram a fazer parte do dia-a-dia dessa cidade.

Essa grande quantidade de obras vez com que Teresina recebesse o título de “canteiro de obras” de acordo com o governador do Estado e vários jornais da época.

Entre as principais obras que ela sediou na década de 70 estão o terminal de petróleo, o estádio de futebol Albertão, o zoobotânico, a Universidade Federal do Piauí, a maternidade Evangelina Rosa, o Hotel do Piauí, a construção dos prédios da Central Elétrica do Piauí S/A (CEPISA) e do Palácio do Tribunal de Justiça, além da reforma das principais praças do centro da cidade – Praça Pedro II, Praça Rio Branco e Praça da Bandeira – lugares privilegiados dos eventos sociais e do convívio cotidiano da maioria dos habitantes teresinenses. Por isso, considerados fundamentais nas reformas de então, como destaca o Jornal O Dia, de 2 e 3 de janeiro de 1972, ao mencionar que essas obras integravam um “convênio para embelezamento da cidade, com a reforma e ampliação de praças, de modo que seja dada uma feição mais condizente à cidade que cresce e que reclama todas essas necessidades”⁷⁴.

Picos, cidade do interior piauiense, não escapou a esse processo de transformação e modernização pelo qual o Piauí começava a se inserir, construção e asfaltamento de rodovias,

⁷² FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 9 ed. São Paulo: Edusp, 2001, p. 484.

⁷³ TAVARES, Zózimo. *100 fatos da história do Piauí no Século XX*. 3. Ed. Teresina: Halley, 2000, p. 89.

⁷⁴ FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *Reminiscências de um tempo de euforia*. In. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1345.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2014.

assim como reformas de logradouros e praças públicas foram modificações inseridas na cidade durante a década de 1970, pelo governador do Estado.

Dentre os feitos de maior notoriedade nesse período, que colaborou significativamente com o crescimento da cidade, foram a construção da Rodovia Transamazônica, assim como a implantação de uma Unidade do Exército Brasileiro - o 3º Batalhão de Engenharia de Construção. Esses fatos associados a vários outros implantados na urbe durante o período em questão, contribuíram para o desenvolvimento urbano de Picos.

Vale destacar que à época a maior parte da população piauiense ainda residia na zona rural, sendo os maiores núcleos urbanos do Estado: Teresina, Parnaíba, Floriano e Picos. Juntas essas cidades concentravam mais de dois terços da população urbana piauiense, o que correspondia a cerca de 84,2% da população urbana do Estado.

É nesse cenário de transformações e investimento do governo federal nos setores de infraestrutura e transporte que Picos, a jovem cidade piauiense, irá se inserir de vez como uma das principais cidades do Estado piauiense.

Com o grande e rápido desenvolvimento obtido, essa cidade se inseriu de vez no cenário estadual de grande cidade e passou a receber a alcunha de “Gigante do Sertão⁷⁵”, “Cidade Modelo⁷⁶” e mais tarde já na década de 1990, recebeu ainda a denominação de “Capital do Mel⁷⁷”. Construções, reformas, modernização e progresso foram palavras que se tornaram cada vez mais comum na cidade.

2.1 O GIGANTE DO SERTÃO: PICOS NA DÉCADA DE 1970

Nesse período de transformação Picos inicia a década de 1970, com as seguintes características⁷⁸:

⁷⁵ Expressão utilizada para se referir a Picos, no Almanaque da Parnaíba, em 1970.

⁷⁶ Apelido dado a partir da escolha de Picos como município modelo do Piauí, pelo Instituto Brasileiro de Assistência aos Municípios, em 1966. Não há um consenso na cidade e nem entre os pesquisadores sobre o que motivou a cidade a ser escolhida como “Cidade Modelo”, para muitos, isso ocorreu devido ao crescimento econômico, social e cultural que a cidade atingiu, principalmente na área do comércio, outros afirmam que foi devido a rápida recuperação que a cidade teve após ser atingida por uma grande cheia na década de 1960 e há ainda os que afirmam que a versão mais correta para a alcunha de cidade modelo deve-se ao tamanho das propriedades rurais que são de pequeno porte e serviu para definir o módulo rural - o INCRA.

⁷⁷ Denominação dada pela Revista de circulação nacional Globo Rural (Abril/94) e pelo Programa de TV Globo Rural (Dez/95) da Rede Globo.

⁷⁸ Os dados das tabelas foram recolhidos a partir de informações divulgadas pelo jornal: *A Voz do Campus*, Ano I, Picos (PI), 28 de dezembro de 1972, n. 2, p. 6.

Área	2.048km ²
População	52.757
Altitude	196mt
Precipitação pluviométrica	0,750mm
Densidade demográfica	25hab/km ²

Tabela 1: Aspectos físicos e populacionais de Picos.

Imóveis rurais	17.311
Estabelecimentos industriais	6
Varejistas	413
Agências Bancárias	2
Mercado Público	1

Tabela 2: Aspectos econômicos.

Estabelecimento de ens. primário	204
Estabelecimento de ens. médio	5
Tipografia	3
Livraria	3
Cinema	1
Amplificadora	2

Tabela 3: Aspecto cultural

Ruas	89
Avenidas	2
Praças	5
Ligações telefônicas	300
Hotéis	9
Pensões	34
Restaurantes	6
Bares e botequins	12
Barbearias	6
Posto de gasolina	7

Tabela 4: Aspecto urbano

Com os relatos e as documentações analisadas percebemos que durante os primeiros anos do século XX, Picos já era uma cidade bastante desenvolvida comparada a outras cidades do Piauí, contudo percebemos que ela ainda dependia demais do seu setor agropecuário e mantinha de forma muito forte os hábitos e costumes interioranos.

Mesmo a minoria da população que vivia na zona urbana da cidade, aproximadamente 18.100hab., o que equivale a cerca de 34%, do total da população do município, se comportava como se estivesse na zona rural, era muito comum encontrar bichos como

galinhas e porcos pelas ruas ou nos muros das casas, até as ruas e casas localizadas na zona central da cidade, não escapavam a essa realidade.

Apesar de ainda manter parte dos hábitos interioranos, a década de 1970 foi marcada pelas mudanças, a urbe que por mais de 80 anos conservou o ar interiorano, passou por mudanças significativas na década em questão.

Vários fatores contribuíram para essa transformação, dentre os mais significativos podemos citar a chegada do 3º Batalhão de Engenharia e Construção – 3º BEC, em 1970, deslocado de Natal-RN. A chegada do “3º BEC” como é mais conhecido na cidade, transformou significativamente a urbe.

Com ele não vieram apenas os militares, mas inúmeros trabalhadores civis que se fixaram em Picos, implantaram suas residências e por aqui ficaram e deixaram parte de seus descendentes.

A chegada do 3º Batalhão de Engenharia e Construção – 3º BEC provocou a formação de novas aglomerações na cidade, dessa vez não mais no centro ou em suas proximidades, como era de costume, esse fato foi bastante significativo, pois com ele novas áreas foram sendo habitadas na cidade, fugindo um pouco da centralização exercida pela região central.

O 3º Batalhão de Engenharia e Construção – 3º BEC proporcionou um grande impulso ao município e a microrregião, foi ele o responsável pela construção de açudes e estradas na região, além disso, contribuiu significativamente para dar uma nova aparência e expansão à cidade.

“Picos era uma cidade muito tranquila, nós sabíamos até quem tinha carro, quando o 3º BEC chegou deu outra visão a cidade, muita gente, uma população que veio de fora, muitos carros [...]”⁷⁹ narra a professora Oneide Rocha, em entrevista ao jornal folha atual, em 11 de dezembro de 2012.

O cenário central da cidade também passava nesse período, por alterações significativas, que iam desde a alteração do movimento, com a chegada de novas pessoas na cidade, como as que vieram com o 3º BEC, até mudanças na sua infraestrutura.

São exemplos dessas mudanças na década de 1970: a inauguração da Biblioteca Municipal Dom Paulo Libório; a instalação do mercado da carne Borges Leal, na Avenida Getúlio Vargas, local onde até hoje permanece; Transferência do Mercado Público, da

⁷⁹ DIAS, Jailson. *Picos: 122 anos marcando história*. Disponível em: http://www.folhaatual.com.br/2015/index.php?page=shmt&ma_id=42#. Acesso em: 20 dez. 2014.

Avenida Getúlio Vargas, para a implantação da agência do Banco do Nordeste; Construção do Estádio Municipal de Picos; e a inauguração do hospital Justino Luz;

Em 05 de maio de 1977,

A cidade de Picos amanheceu em festa. Obras de grande vulto serão inauguradas pelo Sr. Governador do Estado do Piauí, Dr. Dirceu Mendes Arcoverde e comitiva [...] O Campus Avançado de Picos, da Universidade Federal do Goiás, representado por sua Direção e pela 62ª equipe de Rondonistas se fez presente, prestigiando o feliz acontecimento, a inauguração do Hospital Justino Luz, com capacidade para 120 leitos e de mais uma etapa da ampliação do sistema de abastecimento de água local⁸⁰.

Além da implantação de alguns monumentos, inauguração de estabelecimentos de saúde, educação e lazer, ocorreram ainda melhorias na infraestrutura da cidade. Como citado no jornal *Macambira* ocorreu a ampliação do sistema de abastecimento de água, além disso, podemos citar como exemplo a pavimentação da BR – 316, que liga Picos à capital Teresina, como fator importante no desenvolvimento da urbe picoense, no período estudado.

A estrada, diz o secretário, mal foi anunciada, já está causando movimento em Picos, onde a população acredita que ela será toda asfaltada em dois anos. Vivendo sob influência direta de Pernambuco, São Paulo e Salvador, com os quais faz girar todo o seu movimento comercial, Picos espera expandir-se e diversificar suas atividades [...] ⁸¹

Esse tipo de obra possibilitou melhoras significativas na ligação de Picos a outras regiões, além de provocar uma grande migração de pessoas que foram para a região trabalhar e depois se fixaram na região aumentando o número de pessoas na cidade.

Fato dos mais auspiciosos para Picos e para toda esta vasta região foi a recente ligação asfáltica com a capital do estado (Picos-Teresina), concluída, em tempo Record, pelo 3º Batalhão de Engenharia de Construção, neste mês. Concretizou, assim, o 3º BECNST um velho sonho desta área do nordeste brasileiro e satisfaz uma de suas maiores necessidade. O asfaltamento da BR-316, trecho Picos-Teresina, possibilitou ligação, por estradas de 1ª classe, com São Luís/MA e Fortaleza/CE, além de outros centros importantes⁸².

⁸⁰ CRUZ, Jurivê de S. Santo; MOURA, José Ubiratan de; RODRIGUES, Carlos M.; VELASCO, Edilena de Barros. Cidade em Festa. *Macambira*. Picos – PI, Ano II, p. 10, 08 de set de 1977.

⁸¹ CAVALCANTE, Rangel. TRANSAMAZÔNICA, a estrada-desafio. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, ano LXXX, n. 90, p. 16, 21 jul. de 1970.

⁸² CRUZ, Antônio Pereira da. Ligação asfáltica Picos-Teresina. *A Voz do Campus*, Ano I, Picos - PI, n. 2, p. 2, 28 de dezembro de 1972.

Enquanto todas essas transformações eram implantadas em Picos, o centro da cidade, que é nosso local de investigação principal, sofria várias mudanças, mas continuava a girar em torno basicamente: da Praça Félix Pacheco; da Rua Grande (hoje Avenida Getúlio Vargas, considerada a espinha dorsal da cidade); do Mercado Público, que havia sido transferido da avenida principal da cidade, para a Travessa Benedito Reinaldo, onde permanece até hoje; da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios e da Igreja do Sagrado Coração de Jesus (mais conhecida como igrejainha).

Além dos espaços citados algumas ruas se destacavam na cidade, entre as principais ruas de Picos nesse período podemos citar: a Rua 13 de Maio, a Rua conhecida como “rua dos italianos” posteriormente substituída pelo nome de Rua Cel. Luís Santos, a Coelho Rodrigues, a Rua do Cruzeiro, a Rua Santo Antônio e a Rua Matias Olímpio.

A ampliação da área calçada, da rede de energia, assim como a implantação de um canteiro central, são algumas das mudanças sofridas pela principal Avenida de Picos, no período estudado, como pode ser observado nas figuras a seguir, que representam a Avenida Getúlio Vargas, nas décadas de 1950 e 1970, respectivamente.



Figura 13: Av. Getúlio Vargas, 1950.

Fonte: Museu Ozildo Albano.



Figura 14: Av. Getúlio Vargas, 1970.

Fonte: Museu Ozildo Albano.

Ao confrontar as imagens nota-se que elas são dotadas de alto poder mobilizador, elas são verdadeiros ímãs, ícones repletos de significados e que impulsionam variadas ações. São elas detentoras de símbolos capazes de nos despertar inúmeras emoções e sensações. Dessa forma pode-se dá várias versões e interpretações as modificações sofridas nessa região, no período em estudo.

Além disso, as imagens aqui apresentadas através das figuras 13 e 14 podem aproximar o leitor do ambiente estudado e provocar, nos que vivenciaram o período, um verdadeiro turbilhão de sentimentos, que vão desde nostalgia, saudade, admiração, medo, felicidade, etc.

Ao observar a imagem da Avenida Getúlio Vargas, na década de 1950 e em seguida analisar a imagem, da mesma Avenida na década de 1970, pode-se fazer uma verdadeira viagem.

Notamos ao analisar as imagens em conjunto, que em poucos anos a avenida passou por várias transformações, que permitiram a introdução de novos símbolos e significados para quem viveu ou para quem narra o período em questão.

Dessa forma pode-se afirmar que apesar de ocorrer de forma lenta e gradual a cidade de Picos foi crescendo e ampliando a sua importância. Apesar de ser uma cidade do interior do Piauí, com aproximadamente 80 anos de existência, esta conseguiu em poucos anos de existência, se destacar e tornar-se uma das cidades mais importantes do estado sendo superada apenas pela capital Teresina e por Parnaíba, cidade litorânea ao norte do Estado.

A instalação de vários benefícios na cidade durante a segunda metade do século XX contribuíram significativamente para isso. Contudo deve ser destacado que empreendimentos de grande notoriedade e importância vinham sendo aplicados na cidade desde a primeira metade do século.

A implantação da luz elétrica (1928), a construção e inauguração do Grupo Escolar Coelho Rodrigues (1932), a inauguração da Praça Félix Pacheco (1942), a instalação da agência do Banco do Brasil (1944), a inauguração do prédio da Prefeitura Municipal e do Matadouro (1945), a construção da BR 230 (1948) e o início da construção da ponte sobre o Rio Guaribas (1949), são alguns dos exemplos de beneficiamentos que chegaram a Picos ainda na primeira metade do século XX.

A instalação desses benefícios na cidade ainda na primeira metade do século, fez com que a cidade crescesse e ampliasse sua importância não apenas dentro do estado do Piauí, mas também em outros estados do nordeste, os quais devido às melhorias nas estradas passaram a comercializar de forma mais intensa com a cidade de Picos.

Com o passar dos anos a importância de Picos dentro e fora do território piauiense foi aumentando, isso ocorreu principalmente devido ao notório crescimento econômico que Picos passou a ter.

Esse crescimento ocorreu baseado em alguns gêneros agrícolas como o alho e o algodão, junto com eles o comércio também se desenvolveu na cidade, esta atividade passou a

ter cada vez mais destaque e fez com que as áreas influenciadas pela economia picoense fosse cada vez mais aumentando.

Além do aumento na área de influência, Picos também foi tomada por outro fenômeno, pois durante a década de 1970 iniciou-se de forma mais intensa o processo de urbanização.

A população do campo começou a diminuir e a da zona urbana começou a aumentar. Com a melhoria nas condições de vida da zona urbana e a população rural atingida por diversas crises, seja ela provocada pela queda dos preços de alguns gêneros agrícolas ou dificuldade no cultivo de outros, devido a secas ou cheias, os povoadores do campo passaram a ver o setor urbano como uma possibilidade para sobreviver e crescer, então passaram a migrar para essa região, na esperança de conseguir uma nova e melhor forma de subsistência.

Outro fator que contribuiu para a migração de pessoas do campo para a cidade, foi a questão educacional, essa questão colaborou para a escolha da urbe como novo local para residir, pois muitos pais mandavam seus filhos para a parte urbana de Picos, na esperança de que eles pudessem ter mais oportunidades e uma educação de mais qualidade.

Apesar de passar a ser uma das cidades mais urbanas do Piauí, na década de 1970, Picos ainda mantinha a maior parte de sua população no campo, fato que começa a mudar nesse período, mas que só se consolidará de fato anos mais tarde.

A cidade que até então tinha a maior parte de sua população vivendo no campo, começou a sofrer o processo de êxodo rural. Esse crescimento da população urbana, não se deu de forma homogênea e rápida, pois levou algum tempo para que a população urbana superasse a rural, mas os dados são notáveis.

Entre as décadas de 1960 a 1970 a população urbana mais que dobrou já que em 1960 essa população era de aproximadamente 16%, com a virada para a década de 1970 a população residindo na zona urbana passou para aproximadamente 34%⁸³. Deve ser destacado ainda que em determinados períodos, como durante as aulas escolares, a população urbana aumentava e essa proporção entre zona urbana e rural tinha seus números alterados.

Com a ampliação na área de influência, o crescimento da economia e o processo de urbanização, as autoridades de Picos em conjunto com o governo federal tomaram algumas medidas que buscaram melhorar a relação de Picos com as suas áreas de influência e a população, que cada vez mais migrava para as áreas urbanas de Picos e necessitava de condições adequadas.

⁸³ FAÇANHA, 1998, p. 69, DUARTE, 1995. Com dados do IBGE. Adaptado por Mara Gonçalves de Carvalho, 2014.

É a partir desse contexto que várias obras foram inauguradas como por exemplo: Hospital Justino Luz, a pavimentação da BR 316, a implantação do Banco do Nordeste, do Mercado da Carne, da ampliação da rede elétrica e do abastecimento de água, como já citamos anteriormente.

Com a intensificação nas transformações na cidade, no final da década de 1960 e início da década de 1970 a população começou a abandonar os hábitos interioranos e começavam a se inserir de forma mais intensa no ritmo mais acelerado da cidade, dessa forma a cidade foi deixando lentamente o setor agropecuário e se introduzindo no setor mais urbano que é o comércio.

É durante esse contexto de transformação que a cidade vai começar a se destacar cada vez mais no setor comercial, o setor agropecuário continuava a desempenhar papel importante, mas com o passar dos anos foi se tornando cada vez mais uma atividade secundária.

Vários fatores contribuíram para que o comércio se desenvolvesse de forma satisfatória na cidade, alguns já foram citados, mas podemos citar ainda como um fator favorável a Picos, no que se refere ao seu desenvolvimento comercial, o seu posicionamento, já que a cidade apresenta uma posição estratégica ficando na rota de passagem para várias regiões.

[...] a cidade de Picos é um importante centro comercial situado numa encruzilhada providencial de várias rodovias que integram os mapas complexo das estradas do Nordeste.

[...] do ponto de vista geográfico, Picos pertence à zona fisiográfica do sertão piauiense, mas dada a sua importância social e econômica, pode ser considerado o “Gigante do sertão” em que pese a silepse de gênero e número. Importante sob todos os pontos de vista, é a posição estratégica que a cidade ocupa como verdadeiro “nó” de comunicações dentro do complexo econômico do Nordeste.⁸⁴

Além do posicionamento, a cidade de Picos foi favorecida pelo asfaltamento na segunda metade do século XX, de várias rodovias, pois a cidade é cortada por inúmeras rodovias tanto estaduais quanto rodovias federais: BR 020, BR 407, BR 230, BR 316, são algumas delas.

O entroncamento rodoviário da cidade de Picos tornou-se com o passar dos anos e com as implementações feitas pelo governo a partir da década de 1970, o maior entroncamento rodoviário do estado e o segundo maior do nordeste, ficando atrás apenas de

⁸⁴ ALMANAQUE DA PARNAÍBA. *Picos, o Gigante do Sertão*. Parnaíba: Editora Ranulpho Torres Raposo, 1970.

Feira de Santana que é considerada hoje a cidade com o maior entroncamento rodoviário do Norte/Nordeste.

O antigo local de entroncamento dos caminhos por onde transitavam as boiadas foi-se, aos poucos, transformando-se em um entroncamento rodoviário e um pólo comercial. A existência de dezenas de núcleos urbanos de tamanhos variados (cidade, vilas, povoados), nas suas proximidades, foi, aos poucos, fazendo de Picos uma espécie de planeta em torno do qual gravitavam (e continuam a gravitar) dezenas de satélites, que se servem da cidade para adquirir bens e serviços de toda natureza⁸⁵.

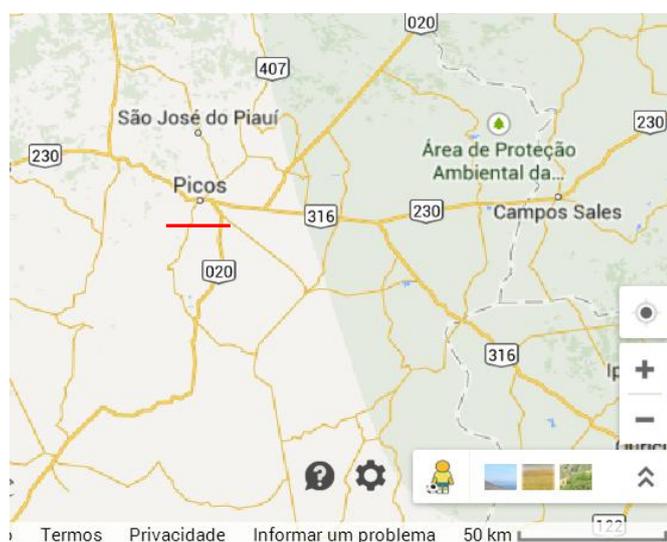


Figura 15: Algumas rodovias que cortam a cidade de Picos

Fonte: www.google.com.br/maps

Na figura acima podemos visualizar algumas das rodovias que cortam Picos e entender como o seu posicionamento contribuiu para o seu desenvolvimento. Percebemos que a melhoria no acesso a Picos possibilitou que a cidade sofresse um *boom* no desenvolvimento econômico principalmente a partir das décadas de 1970 e 1980.

Além disso, podemos perceber em Picos o que Raquel Rolnik chamou de cidade ímã⁸⁶, ou seja, a cidade em questão passou a atrair para si homens das mais diversas naturezas e dos mais diversos locais.

⁸⁵ DUARTE, Renato. *A Reconstrução de uma cidade: Plano de desenvolvimento para Picos*. Teresina: Comp. Ed. do Estado do Piauí, 2002, p. 22-23.

⁸⁶ ROLNIK, Raquel. Definindo a cidade. In: *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

Outro fator que contribuiu significativamente com o crescimento de Picos, além dos já citados, foi a introdução de grandes empreendimentos, podemos citar como um dos mais significativos a implantação da Indústria Coelho.

A ICSA – Indústria Coelho S/A, foi fundada em 1957. O parque industrial da empresa localiza-se basicamente em Petrolina-PE, às margens do Rio São Francisco, possuindo também unidades instaladas nas cidades piauienses de Picos e Simões. Sua área de comercialização se estende a todo território nacional e vários países da África, Europa e América do Norte. Em Picos, as Indústrias Coelho encontra-se em atividades desde o segundo semestre de 1975⁸⁷.

O relato a seguir mostra um pouco sobre a introdução e importância, para a economia picoense, dessa indústria de grande porte.

Na cidade de Picos, região situada no centro-sul do Piauí, foi instalada a primeira indústria têxtil, na década de 1970. Construída na BR 316, na altura da Avenida Senador Helvídio Nunes, o empreendimento foi um projeto solidificado pelo Grupo Coelho, empresários pernambucanos oriundos da cidade de Petrolina (PE).

A indústria representa uma parte de 37 km de uma fábrica do ramo têxtil instalada em Picos, graças aos programas de crédito, incentivos fiscais do banco do Nordeste, SUDENE e, principalmente, do capital privado do Grupo Coelho. A indústria na época contava com um aparelhamento moderno, ou seja, com máquinas avançadas, todas compradas fora do Brasil, principalmente, no Japão⁸⁸.

A Indústria Coelho, durante o auge chegou a empregar na cidade de Picos mais de 1100 pessoas, o que tornou a empresa não só a maior da cidade, mas também uma das maiores do nordeste na época, além disso, a introdução dessa indústria em Picos possibilitou que a cidade se tornasse um dos principais pólos, de uma das maiores indústrias do nordeste e local para o investimento de outras grandes empresas.

Além do beneficiamento do algodão, a Indústria Coelho também trabalhava no beneficiamento de outros produtos como: óleo de mamona, deolina, babaçu, farelos para ração animal e adubos.

A introdução de grandes empreendimentos possibilitou a cidade um maior número de vagas de trabalho, maior renda para a população que nela residia ou que residia em uma cidade próxima e uma maior circulação monetária.

⁸⁷ CRUZ, Jurivê de S. Santo; MOURA, José Ubiratan de; RODRIGUES, Carlos M.; VELASCO, Edilena de Barros . ICSA, o nordeste industrial. *Macambira*, Picos - PI, ano II, n. 15, p. 5, 8 set. de 1977.

⁸⁸ ALVES, Marli Costa. *História e Memória da Indústria Coelho S/A: Trabalho e cotidiano dos operários de Picos (1970 a 1999)*. 2012. p. 89. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2012. p. 13.

Essas alterações provocaram de forma geral saldo bastante positivo, pois apesar de não solucionarem todos os problemas que a cidade tinha, possibilitou melhorias e oportunidades significativas.

Junto com o crescimento econômico veio o crescimento populacional seja de forma direta com o aumento do número da população da própria cidade, seja de forma indireta, com o aumento da população flutuante, que é a população que está constantemente em Picos, mas que não reside na cidade.

Essas pessoas que compõem a população flutuante de Picos passaram a vir para a urbe geralmente durante o dia, com o intuito de trabalhar, estudar, resolver algum problema que não podia ser resolvido nas suas cidades de origem ou para fazer compras das mais variadas espécies, essas pessoas faziam e ainda hoje fazem com que a população da cidade aumente em proporções bastante elevada.

Apesar de ser notório o aumento do número de habitantes devido a população flutuante é praticamente impossível contabilizar o total dessa população, pois esses números podem variar bastante e também não aparecem nos censos populacionais.

Contudo estipula-se que hoje essa população faça o número de habitantes da cidade crescer em pelo menos 25%, de acordo com essas especulações a população picoense que gira em torno de 73.000mil/habitantes pode saltar para cerca de 100.000mil/habitantes, se contabilizada a população que não vive na cidade, mas que circula nela diariamente.

O aumento da população atingiu diretamente o centro da cidade que passou a sofrer um verdadeiro inchaço, isso fez com que novos bairros surgissem e as pessoas que iam chegando a Picos, procurasse as regiões periféricas para morar, já que com a especulação imobiliária no centro em alta, era praticamente impossível conseguir um imóvel para estabelecer residência nessa região.

Cada vez mais a região central tornou-se área comercial e de grande especulação imobiliária, sendo os imóveis localizados nessa área, bastante valorizados, esses fatores contribuíram para que parte das pessoas que viviam nessa região vendessem suas casas e fossem morar em bairros subalternos.

As casas que foram sendo vendidas, na área central, foram transformadas e adaptadas para que servissem de estabelecimento comerciais, a Avenida Getúlio Vargas, transformou-se significativamente e o ar interiorano que apresentava até então, foi sendo transformado e dando lugar para o comércio urbano.

Com o aumento populacional, melhores condições de acesso e comunicação, a cidade de Picos passou, cada vez mais, a receber diariamente várias pessoas de variados locais, além disso, passou a se relacionar de forma mais intensa com outros estados.

A comercialização de gêneros agrícolas importados de outros estados aumentou significativamente, visto que com melhores condições de deslocamento e com a agricultura na cidade diminuindo, a solução encontrada era a compra de produtos vindos de fora.

Picos com o intuito de suprir à diminuição na oferta de produtos agrícolas na cidade passou a investir na comercialização com outros estados, as cidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE foram as que mais se destacaram e ainda se destacam, já que foram e na verdade ainda são, grandes produtoras e exportadoras de gêneros agrícolas que abastecem Picos no que se refere aos produtos que lhe faltam ou que a demanda do consumo é maior que o da produção.

Além da busca por produtos agrícolas a cidade também passou a trazer de fora outros produtos, principalmente relacionados ao vestuário, esse comércio baseado especialmente em confecções passou a gerar vários empregos, além de movimentar um bom dinheiro, na região e cidades circunvizinhas.

A introdução do comércio de confecções em Picos, vez com que fossem criadas duas áreas para a comercialização desses produtos, uma conhecida como feira das roupas (localizada na região conhecida como pátio da Matriz) e a outra como feira das verduras (próxima a área externa que circunda o Mercado Público), ambas bem próximas, mas com locais bastante demarcados.

Nesse sentido a maior parte das mercadorias vendidas em Picos também passaram a ser compradas em outros estados com destaque para Fortaleza-CE, que passou a ser o grande centro fornecedor das roupas vendidas na feira de Picos, que assim como a feira de verdura, também ocorria no centro e passou a ser considerada uma das maiores e mais movimentada feira do Piauí.

Percebemos que no decorrer da segunda metade do século XX a importância da cidade de Picos para o Piauí só aumentava, a afirmativa se confirma ao constatarmos que hoje a cidade é a terceira mais importante do Piauí, ficando atrás apenas de Teresina e Parnaíba, respectivamente, como já citado.

No entanto em se tratando de economia podemos afirmar que Picos é a segunda maior economia do estado, ficando atrás apenas da capital Teresina, a região fiscal de Picos hoje

arrecada mais que as regiões fiscais de Parnaíba, Floriano e Campo Maior, juntas⁸⁹, dessa forma notamos a consolidação de Picos como “Gigante do sertão piauiense”.

Notamos ainda que o crescimento econômico da cidade associado a melhores condições de mobilidade possibilitou o aumento da população e a intensificação da urbanização, vale ressaltar que esse não foi um fenômeno que acometeu apenas Picos, deve ser destacado que várias outras cidades durante o mesmo período estavam passando por esse processo, umas com bastante intensidade, outras já de forma menos intensa.

É a partir desse contexto de constantes transformações que Picos vai se modificando em variados aspectos, a cidade atingiu durante a década de 1970 grande efervescência econômica e cultural, o centro da cidade, assim como suas áreas periféricas foram atingidas por esse crescimento.

Deve ser ressaltado que essas transformações fizeram com que cinemas, passeios, bailes e construções de grande envergadura fossem criadas, além disso, tornaram-se cada vez mais comum, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento da cidade e para o aprimoramento da população no que se refere a se portar, viver na urbe.

2.2 (RE)VIVENDO A CIDADE: COTIDIANO, LAZER E MEMÓRIA DO CENTRO DE PICOS, NA DÉCADA DE 1970.

“Pobres daqueles porém, que não conhecem o passado, que não se inspiram no passado, que não respeitam o passado, que não aprendem com o passado, que não têm memória, que não cultuam o passado. Triste do povo que não tem memória, que não tem passado”.

(Helvídio Nunes de Barros)

Contar e recontar as histórias ocorridas em determinados locais e em determinados períodos, suas transformações, suas memórias é uma das várias funções dos historiadores. Sabendo disso, objetivou-se nessa parte do trabalho, contar, (re)criar e rememorar alguns dos hábitos e acontecimentos que marcaram alguns moradores do centro da cidade de Picos.

⁸⁹ PREFEITURA MUNICIPAL DE PICOS. *Conheça Picos: História e Potencialidades*. Disponível em: <http://www.picos.pi.gov.br/conhecaticos.asp>. Acesso em: 27 de jun. 2014.

Apoiados nas lembranças desses moradores, em fotografias, jornais, e em obras memorialísticas percorremos a cidade de Picos, tentando entender um pouco da vida e do cotidiano dos cidadãos desse município piauiense.

Sabemos que ao trabalharmos com essa temática que busca não deixar o tempo de outrora ser esquecido pelo tempo de agora, ou pelo menos buscar lembrar, rememorar, (re)construir, dá versões sobre um tempo que não se vive mais, não é tarefa fácil. Contudo, isso nos impulsionou a pesquisar, analisar e problematizar de forma ainda mais intensa.

Procuramos nos detalhes, no banal, no deixado de lado e nos relatos dos moradores de Picos que viveram esse período, (re)criar a cidade de Picos, seja através da saudade, do desprezo, da indiferença ou do amor de seus moradores que viveram no período estudado.

Buscamos narrar, com ajuda das entrevistas orais, assim como de outras fontes já citadas, desvendar o macro através de uma poeira de acontecimentos minúsculos⁹⁰, através da memória individual tentamos compreender o coletivo.

Entendemos que inicialmente a memória pode até ser entendida como algo individual, contudo nos chama atenção o destaque feito por Michael Pollack que apoiado no posicionamento de Maurice Halbwachs, afirma que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social.⁹¹

Apoiando-nos nesse pressuposto desenvolvemos a pesquisa, acreditando que apesar de sermos únicos dotados de memórias singulares, somos também sujeitos coletivos e através dessa coletividade construímos a nossa memória e a memória do grupo ao qual nos identificamos ou estamos inseridos.

Ao nos apoiarmos nas memórias de alguns moradores sabemos que corremos o risco de cair nas armadilhas da memória, dentre as quais podemos destacar os esquecimentos e os silenciamentos, pois nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado.

Contudo ao invés de trabalharmos essa questão como problemas incorrigíveis, preferimos olhá-los como mecanismos de suma importância no trabalho com a memória. Pretendemos analisar e problematizar mesmo essa questão tão complexa, pois acreditamos que essas partes também possuem conteúdo de suma importância para a pesquisa histórica.

Como afirma Pollack ao estudarmos a memória, em alguns casos obtemos informações não muito claras, cabe então ao entrevistador/pesquisador analisar as entrevistas e problematizá-las da forma mais adequada.

⁹⁰ REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 31.

⁹¹ POLLACK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 201.

Para esse autor, a investigação do pesquisador deve se atentar principalmente para as partes mais sólidas e menos sólidas, ou fluidas, como ele define, pois provavelmente será nessas partes que o investigador/pesquisador encontrará informações bastante relevante.

[...] as coisas mais solidificadas, assim como as coisas mais fluidas - ou seja, as que se transformam de uma sessão de entrevista para outra - são as mais problemáticas. Paradoxalmente, são ao mesmo tempo indicadoras de "verdade" e de "falsidade", no sentido positivista do termo. Acredito que as partes mais construídas dizem respeito àquilo que é mais verdadeiro para uma pessoa, mas ao mesmo tempo apontam para aquilo que é mais falso, sobretudo quando a construção de determinada imagem não tem ligação, ou está em franca ruptura com o passado real. [...] Eu diria que no mais sólido e no menos sólido se encontra o que é mais fácil de identificar como sendo verdadeiro, bem como aquilo que levanta problemas de interpretação⁹².

Devemos ter consciência que a memória é permeada não apenas daquilo que ocorreu no passado, mas também do presente e seus conflitos, podemos então definir a memória como uma atualização do passado ou uma presentificação do passado sujeita a bastantes alterações dependendo do contexto e dos sujeitos que a pessoa se relaciona naquele determinado período.

Paul Ricouer chama a memória de pequeno milagre⁹³, lembrar para ele é estar inserido em duas temporalidades simultaneamente, é o momento que o passado irrompe o presente, mas é sempre uma reconstrução do passado no momento presente, nos atentaremos para isso ao desenvolvermos a pesquisa.

Nas palavras de Le Goff a memória é sempre fiel e móvel⁹⁴. Assim, lembrar não seria simplesmente deixar aflorar um passado tal como ele foi, mas antes refazê-lo. A lembrança intacta do passado conservado não é possível, pois o indivíduo já não é mais o mesmo na medida em que a sua percepção é constantemente alterada pelo presente.

Sabendo disso não pretendemos reconstruir a cidade de Picos e seu cotidiano, tal qual ele era na década de 1970, nosso objetivo é (re)criar uma cidade a partir de depoimentos de alguns de seus moradores e suas memórias.

Podemos então definir a memória como uma construção sujeita a várias interferências, flutuações, transformações e mudanças constantes, dessa forma chegamos a conclusão que as preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória.

⁹² Idem., p. 206.

⁹³ RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. 4. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2012. p. 56.

⁹⁴ LE GOFF, Jacques. História & Memória. 7 ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2013. p. 427

Por ser a memória sujeita a tanta interferência, concluímos que a memória é construída tanto individualmente quanto coletivamente, influenciada pelo contexto e sujeitos o qual as pessoas se relacionam.

Quando falamos em construção, em nível individual, queremos dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização, construção e consolidação.

Dessa forma nosso objetivo nessa parte do trabalho é analisar a memória de alguns cidadãos que viveram na cidade, para então entendermos como era a cidade, seus códigos, o comportamento de sua população, o lazer desses cidadãos, enfim como ocorria e se desenvolvia a vida na cidade de Picos, no período estudado, teremos como foco o movimento e cotidiano ocorrido principalmente no centro da cidade, já que esse é nosso principal local de investigação.

Entendemos que

As cidades, como espaço de vivências coletivas, são paisagens privilegiadas de registros da memória. A pena dos escritores faz dessas paisagens personagens vivas de narrativas, que, na interseção com a História, expressam, de forma policromática, a vida das pessoas no cotidiano de suas ruas, praças, cafés, escolas, museus, residências, universidades, fábricas, repartições públicas, bares, cinemas. As cidades são cristais de múltiplas faces espaciais e temporais, cristais de variadas luzes, dentre elas as da memória, que, com sua temporalidade sempre em movimento, reencontra os lugares do ontem com os sentimentos do presente⁹⁵.

É com essa visão de cidade repleta de memórias que descrevemos e escrevemos um pouco da cidade que hoje existe apenas na memória e na saudade de alguns picoenses. Despertar a curiosidade e a possibilidade de conhecer as lembranças, experiências e sensações, do passado de Picos, através da construção de narrativas, construídas na ausência do tempo foi um dos nossos principais objetivos.

Tentamos mostrar uma época por muitos adorada e desejada, por outros, época de muito trabalho. Bastante heterogênea, uma cidade plural que contaremos e cantaremos, essa é a visão que retratamos nessa parte da pesquisa.

Vários aspectos do cotidiano de Picos, no local privilegiado de nossa investigação, foram retratados, com destaque para aos seus passeios públicos, seu lazer, sua religiosidade, suas modernidades e sua agitação em dias de feira.

⁹⁵ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Literatura, memória e cidades: interseções. In: *Revista de História Scripta*. Belo Horizonte, 2004, vol.7. n. 14. p. 137 – 145.

Notamos que o período retratado nesse tópico está mergulhado num momento de grandes transformações, tanto nacionalmente quanto internacionalmente falando.

Edwar de Alencar Castelo Branco afirma que culturalmente falando “esse período pôs em contato subjetividades do mundo inteiro, harmonizando os gostos, padronizando os desejos e aniquilando – pela via da lenta subjetivação da ideia de uma ‘aldeia global’ – a noção de cultura nacional”⁹⁶.

Grandes transformações espaciais e estruturais passaram a fazer parte desse período, e Picos, assim como várias outras cidades brasileiras, sentiu essa mudança no modo de se viver, de se relacionar e de se portar na cidade.

Além das transformações estruturais muitas delas já citadas, como: asfaltamento de ruas, canalização de água, construções de edifícios, propagação dos automóveis, aumento na velocidade de comunicação (globalização), propagação do cinema, entre outras tecnologias, as cidades brasileiras e estrangeiras que almejassem receber a alcunha de moderna deveriam também apresentar mudanças nas ações, comportamentos e pensamentos de seus habitantes.

Influenciada por esse pensamento foi que a urbe picoense começou a mudar além do aspecto físico, o aspecto cultural.

Vale destacar que algumas cidades iniciaram esse processo de transformação estrutural e cultural ainda no final do século XIX e início do século XX, como é o caso de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Fortaleza.

Essas cidades inspiradas no modelo francês e posteriormente no norte-americano passaram por grandes alterações. Outras cidades, no entanto passaram a sentir de forma mais intensa essa nova maneira de se viver somente a partir da segunda metade do século XX, principalmente entre as décadas de 1970 e 1980, é o caso, por exemplo, de Picos.

Deve ser salientado que a modernização no Brasil de forma geral, assim como em Picos, não se deu de forma homogênea para todos os segmentos sociais, “a modernização atingiu principalmente as áreas de interesse das classes dominantes”⁹⁷.

Os projetos modernizadores eram para alguns uma forma de controlar as cidades e modelar os costumes.

Apesar de Picos ser uma cidade pacata do interior piauiense e apresentar um crescimento lento, gradual e tardio, em relação aos grandes centros urbanos brasileiro,

⁹⁶ BRANCO, Edwar de Alencar Castelo. *Todos os dias de paupéria*: Torquato Neto e a invenção da tropicália. São Paulo: Annablume, 2005, p. 59.

⁹⁷ REIS FILHO, Nestor Goulart. Urbanização e Modernidade: entre o passado e o futuro. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.) *Viagem Incompleta*: a experiência brasileira: a grande transação. São Paulo: Editora SENAC/São Paulo, 2000. p. 113.

notamos ao longo da pesquisa que a cidade sofreu intensamente a influência do modelo de vida estabelecido principalmente pelos grandes centros brasileiro e pelos norte-americanos.

Através do rádio, da televisão, de jornais e de revistas, o modelo dos grandes centros urbanos brasileiros, como São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, assim como o norte-americano, era copiado e admirado por vários jovens picoenses.

Percebemos através de relatos e fotografias que os jovens citadinos na década de 1970, se inspiravam principalmente no modo de se vestir e no estilo de corte dos cabelos das estrelas norte-americana.

A música também era uma forma dos jovens picoenses admirar e copiar o que passava e era moda nos Estados Unidos e também na Inglaterra, as bandas dos jovens Beatles e Rolling Stones faziam bastante sucesso em Picos e o modo como eles se comportavam e se vestiam era imitado pelas bandas de jovens picoense como Os rebeldes.

Esta banda estourou na cidade entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970 e era composta pelos jovens Odorico Carvalho, Floriano, Eudson, Antônio Bineta e Francimildo.



Figura 16: Banda Os Rebeldes no palco do Picoense Clube, em Picos.
Fonte: Arquivo pessoal de Odorico Carvalho

Na fotografia percebemos que mesmo Picos sendo uma cidade do interior do sertão nordestino, não conseguiu escapar das influências vindas do exterior, notamos que a bateria da jovem banda picoense era personalizada e apresentava o nome do grupo de forma semelhante a bateria da jovem banda inglesa Os Beatles, que era uma das principais bandas e influência dos jovens na época.

Esse grupo de jovens costumava se apresentar em diversos eventos na cidade e em regiões vizinhas. O Cine Spark, assim como, o Picoense Club eram locais, no centro de Picos, onde havia festas dessa jovem e badalada banda.

Vale destacar que apesar do nome e do Brasil está inserido em uma ditadura militar, no período, a banda Os Rebeldes, não tinha como objetivo lutar ou protestar contra o governo, sua meta era divertir e influenciar os jovens cidadãos com o que era moda nos grandes centros. Sendo assim a questão que se referia a “rebeldia política”, especificamente, era uma questão bastante secundária a banda.

As influências vindas do exterior ou mesmo de São Paulo ou Rio de Janeiro, fizeram com que as formas de lazer em Picos fossem sendo modificadas. Nesse período passa a se expandir os bailes e as festas em clubes.

Nesse contexto dois clubes vão se destacar na cidade são eles: Associação Atlética Banco do Brasil – AABB, fundada na década de 1960, com o intuito de possibilitar o lazer e a sociabilidade da classe média alta da cidade, e o Picoense Clube que apesar de privado era um dos principais espaços de diversão da cidade⁹⁸ já que os espaços de lazer e diversão em Picos nesse período eram bastante limitados.

De acordo com alguns depoimentos a AABB era um clube de público mais seletivo, voltado principalmente para a ala mais rica da cidade e localizado numa área mais afastada do centro. Já o Picoense Clube, localizado na região mais central, podia-se encontrar variado tipo de público, apesar de também predominar as pessoas com melhor condição social.

Ainda assim podemos perceber de acordo com relatos de pessoas que viveram nesse período, uma distinção de público em determinados ambientes, pois as camadas mais pobres da população geralmente não participavam das mesmas festas das camadas mais ricas e quando isso ocorria havia uma divisão social dos espaços de lazer.

Até mesmo dentro dos clubes existia essa diferenciação social, [...] até aqui em Picos teve também, por exemplo, o Picoense Clube era mais da elite, mas mesmo assim, os pobres também participavam, dentro do Picoense tinha uma ala, de um lado que era dividido. Tinha o círculo operário que já era mais pra classe C e D.⁹⁹

⁹⁸ NASCIMENTO, F. de Assis de Sousa; OLIVEIRA, K. I. Pinheiro de. O dançar e o flertar: as relações entre o feminino e o masculino nos bailes picoenses dos anos sessenta. In: OLIVEIRA, K. I. Pinheiro de; SOUSA, Ítalo C. Silva (Org.) *Olhares de Clio*. Teresina: EDUFPI, 2013. p. 157-158.

⁹⁹ CARVALHO, Odorico Leal de. Depoimento concedido a Ana Paula de Almeida Lima, Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira e Mara Gonçalves de Carvalho, Picos, 2012.

Com a cidade crescendo e as festas se diversificando percebemos que as distinções sociais também começavam a fazer parte, cada vez mais, desse contexto de sociabilidade, tanto as camadas mais simples quanto as mais abastadas passaram a se divertir em locais distintos, ocorrendo apenas em algumas ocasiões o encontro das duas camadas distintas.

[...] as festas da juventude de condição social mais baixa aconteciam afastadas do centro da cidade, ou nos bairros de periferia ou ainda nos interiores. Entretanto existia a Associação Atlética Banco do Brasil – AABB, espaço de lazer e sociabilidade da classe média alta e que também funcionava longe do centro da cidade¹⁰⁰.

Podemos perceber nos fragmentos a distinção dos locais de lazer no que se refere a festas e bailes em clubes, entre as diferentes camadas sociais. A grande exceção era o Picoense Clube, como já foi ressaltado anteriormente, este clube conseguia diversificar e atender um grupo mais variado de pessoas.

Provavelmente por está localizado no centro da cidade, ao contrário da Associação Atlético Banco do Brasil – AABB, mais precisamente na Rua Monsenhor Hipólito, o Picoense Clube tenha conseguido se tornar um local de sociabilidade onde se encontravam ricos e pobres.

No entanto, percebemos através da pesquisa que as pessoas mais simples muitas vezes não possuíam dinheiro para entrar na festa e ficavam se divertindo do lado de fora da mesma, numa espécie que outrora, outros autores chamaram de sereno da festa¹⁰¹. Este tipo de sociabilidade que ocorriam em várias cidades não foi muito diferente em Picos, além dele as pessoas que não possuíam muito dinheiro ficavam esperando do lado de fora pelo que se denominou na cidade de “a hora do miserável¹⁰²”.

As festas e os bailes que passaram na segunda metade do século XX a se fazer cada vez mais presente na cidade e tinham como local de concentração dos jovens citadinos a Praça Félix Pacheco, apesar de muitas vezes o evento ou festa não se localizar nessa região da cidade.

Era a partir da praça que os jovens da cidade se reuniam e iam para as festas em variados locais, como a AABB, o Picoense Clube, dentre outros.

¹⁰⁰ NASCIMENTO, F. de Assis de Sousa; OLIVEIRA, K. I. Pinheiro de. O dançar e o flertar: as relações entre o feminino e o masculino nos bailes picoenses dos anos sessenta. In: OLIVEIRA, K. I. Pinheiro de; SOUSA, Ítalo C. Silva (Org.) *Olhares de Clio*. Teresina: EDUFPI, 2013. p. 158.

¹⁰¹ Sereno da festa era o momento em que as pessoas que não tinham dinheiro ou convite para adentrar na festa ficavam olhando do lado de fora a movimentação.

¹⁰² Esse seria o momento em que altas horas da noite os portões eram abertos e as pessoas podiam entrar de graça.

Fundada durante a gestão do prefeito Adalberto Santos, entre 1938-1945, a Praça Félix Pacheco, localizada no que se pode denominar de coração da cidade, já que se encontra bem no centro da cidade de Picos, tinha área maior que o atual e continha todos os elementos próprio de uma praça: coreto, poço artesiano, tanques, arborização de portes diversos, canteiros, gramado e bancos¹⁰³.

A praça conseguiu acumular durante vários anos as funções de área de lazer, centro comercial e área residencial, era nela onde se podia observar de forma mais intensa o viver na cidade e o se portar nela.

Era ao redor ou bem próximo da praça, que estavam os mais variados estabelecimentos. Podíamos encontrar: sorveteria, bares, o Banco do Brasil, Igrejas, o Mercado Público, hotéis, lojas de variados tipos e o cinema.

Todos esses estabelecimentos assim como o paredão constituído de várias casas de italianos e com arquitetura bastante peculiar, contribuía para transformar a praça num dos locais mais bonitos e agitados da cidade.

Local de divertimento para jovens, velhos, crianças, homens, mulheres, ricos e pobres, a Praça Félix Pacheco pode ser considerada como um local privilegiado de sociabilidade dos mais variados grupos.

Movimentada principalmente durante a tarde e a noite, a praça se apresentava como local de lazer e divertimento para um grande e diversificado número de pessoas.

O cotidiano da cidade podia ser observado de forma bastante peculiar através do movimento de pessoas na praça. As crianças principalmente os meninos utilizavam esse espaço para brincar de diversas brincadeiras. A praça funcionava como um amplo parque infantil.

O coreto, o poço, os tanques, os pés de figuinho-anão e o paredão formavam um local perfeito para as brincadeiras de coito e do trisca¹⁰⁴, esse grupo formado basicamente por crianças de várias idades utilizava a praça geralmente no horário matutino ou no cair da noite e geralmente eram observados pelos pais.

Já os mais velhos utilizavam esse espaço como local para reunir os amigos e “jogar conversa fora”, muitas vezes também aproveitavam o espaço para jogar dominó, baralho dama ou algum jogo desse tipo.

¹⁰³ DUARTE, Renato. *Picos: verdes anos cinquenta*. Recife – PE: Liber, 1991, p. 35.

¹⁰⁴ DUARTE, Renato. *Picos: verdes anos cinquenta*. Recife – PE: Liber, 1991, p. 39.

Nóis ficava na praça durante várias horas, jogando, conversando [...] a gente reunia um grupo de uns oito mais ou menos, aí quatro jogava e quatro ficava peruando¹⁰⁵, às vezes a gente começava até com menos, aí depois o pessoal ia chegando e querendo participar também, era bom, o tempo passava e a gente nem via¹⁰⁶.

Para os jovens a praça era vista como um local para passear e paquerar, os passeios públicos passaram a se tornar cada vez mais difundido na cidade.

Os homens ficavam de um lado da praça em filas e elas (as mulheres) passavam iniciando o flerte, quando algum rapaz decidia acompanhar uma moça fazia o sinal e ia para dentro da praça conversar. O namoro ali era muito sutil, não existia em público o beijo na boca, se caso ocorresse era considerado escândalo na época¹⁰⁷.

A Praça Félix Pacheco, por seu posicionamento privilegiado tornava-se assim um dos principais locais de sociabilidade e diversão para toda a população picoense e cidades vizinhas, analisar o cotidiano do centro de Picos sem relatar a movimentação da praça é praticamente impossível.

Renato Duarte apoiado em depoimentos de forasteiros afirma que em nenhuma outra cidade do interior nordestino as noites na praça principal tinham tanta movimentação e colorido quanto em Picos¹⁰⁸.

Os passeios públicos dessa forma tornavam-se uma forma de manifestação popular onde homens e mulheres encontravam uma ótima oportunidade para se apresentar. Para os pais mais zelosos, no entanto, a praça era um lugar vetado para o namoro de suas filhas, pois longe dos olhos da família a moça poderia ser tachada de desfrutada, o que equivalia dizer que a moça era namoradeira, característica que praticamente nenhuma moça gostaria de ter.

Além disso, em depoimento Odorico Carvalho ressalva que assim como nos clubes, nas praças também ocorria uma divisão social.

Todo domingo ia as meninas e meninos ali pra aquela praça, né? Os meninos ficavam de um lado parados assistindo as meninas desfilarem, passar de um lado para outro... O incrível é que já ali, já havia divisão de classe... Tinha

¹⁰⁵ Peruar nesse contexto significa ficar assistindo o jogo e dando palpite.

¹⁰⁶ CARVALHO, Manoel Raimundo de. *Depoimento concedido a Mara Gonçalves de Carvalho*. Picos, 2014.

¹⁰⁷ SOUSA, Millena Araújo Carvalho. *Do Clássico ao Hippie: moda, comportamento, estética e vestuário na cidade de Picos na década de 1970*. 2013. 95f. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2013. p. 24.

¹⁰⁸ DUARTE, Renato. *Picos: verdes anos cinquenta*. Recife – PE: Liber, 1991, p. 36.

um lado onde era as pessoas mais ricas... Do outro lado as pessoas mais pobres... Lá do centro... Mais essa é que era a diversão. [...] ¹⁰⁹

Apesar de bonita e bastante badalada a praça não escapou ao processo modernizador que Picos passou durante a segunda metade do século XX, em menos de vinte anos de existência ela sofreu mudanças significativas em sua estrutura como a diminuição de seu espaço e a introdução de um abrigo em seu centro, demolido anos depois, num outro momento de transformação da cidade, essa temática será abordada de forma mais aprofundada no próximo capítulo, onde será discutido a resignificação dos espaços.

Apesar das modificações a praça continuava a ser um local de divertimento e sociabilidade durante as décadas de 1970 até a década de 1990, o senhor Edimar Luz lembra que:

[...] após a missa semanal das noites de domingo na Catedral, o passeio tradicional na praça era bastante relevante [...] quando uma multidão considerável desfilava num vaivém incessante pelos passeios laterais ou flancos da Praça. Lá também se davam com frequência os encontros dos casais de namorados, que, romanticamente, passavam doces e sublimes momentos nos jardins e bancos da praça ¹¹⁰.

Fica claro no relato do senhor Edimar Luz, em seu livro, que o passeio na praça era uma forma de lazer que possibilitava aos jovens se reunir para “flertar”, conversar ou simplesmente passear.

Vale destacar que o “flertar” em público na maioria das vezes se referia aos jovens mais desinibidos, já que para algumas pessoas, principalmente as “moças de família” e as pessoas mais tradicionais, essa era uma prática que não poderia ser praticada abertamente em praça pública.

Podemos perceber dessa forma que a praça apesar de bastante modificada foi para os picoenses durante toda a segunda metade do século XX um locus privilegiado de encontro e eventos. Era para a praça que iam as pessoas após festas da igreja, datas cívicas, enfim era o local em que ocorriam o desenrolar dos eventos da cidade, percebemos esse local como privilegiado no que se refere a análise do cotidiano e do viver em Picos, no período estudado.

Percebemos ainda, através dos relatos, um processo de transformação não apenas na parte física do centro e da periferia da cidade, mas também dos costumes e tradição da

¹⁰⁹ CARVALHO, Odorico Leal de. Depoimento concedido a Ana Paula de Almeida Lima, Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira e Mara Gonçalves de Carvalho, Picos, 2012.

¹¹⁰ SILVA, Gilson Edmar Gonçalves e. *Um olhar no cotidiano: Cinco anos de crônica*. Recife; EDUFPE, 2010. p. 76.

população. O modo de viver a cidade ia se transformado ao passo que se modificava sua estrutura física.

É notável as alterações comportamentais das pessoas de forma geral, novos divertimentos, ambientes de lazer, novas tecnologias, tudo isso contribuiu para esse “novo” comportamento das pessoas.

Nesse contexto é significativo o espaço que as mulheres foram ganhando. Apesar de ainda bastante dominadas e reprimidas, pelos pais ou pela sociedade de forma geral, ainda bastante tradicional e machista, o que percebemos é que assim como vinha ocorrendo no mundo de forma geral, as mulheres em Picos também foram ganhando espaço e deixando de ser “escravas” da família ou da sociedade, esse processo se iniciou na cidade na década de 1960 e se intensificou com o passar dos anos.

[...] as mulheres passaram a questionar alguns valores arraigados na sociedade, como uma maior vivência nos espaços públicos, inclusive nos bailes e festas carnavalescas. [...] apesar de predominarem os antigos discursos morais algumas moças não se contentavam em aceitar as regras impostas pelos pais e pela sociedade e usavam da artimanha para burlar o controle exercido sobre elas¹¹¹.

Um dos grandes contribuidores para a propagação de novas ideias e novos comportamentos em Picos foi o cinema, este foi por muitos anos o principal regulador da forma como os jovens viviam e se divertiam em sociedade.

Esse tipo de evento se fazia presente na cidade desde a primeira metade do século XX, supõe-se que o Cine Odeon tenha sido o primeiro nesse ramo em Picos, quanto a data precisa de sua inauguração há divergência, dentre as teorias mais difundidas podemos citar a da edição comemorativa da Revista Focus que afirma que ele começou a funcionar em 1934¹¹² e a do filho do dono que afirma que esse cinema teve sua inauguração em 1940.

Contudo foi a partir da década de 1960, mais precisamente em 1964, com a inauguração do Cine Spark que esse tipo de influência passou a ocorrer de forma mais intensa no modo da população picoense agir e se comportar na cidade. Foi durante a década de 1970, que esse tipo de evento atingiu o auge na urbe picoense.

Localizado em frente a Praça Félix Pacheco, tornou-se ponto de encontro e divertimento de um variado público.

¹¹¹ NASCIMENTO, F. de Assis de Sousa; OLIVEIRA, K. I. Pinheiro de. O dançar e o flertar: as relações entre o feminino e o masculino nos bailes picoenses dos anos sessenta. In: OLIVEIRA, K. I. Pinheiro de; SOUSA, Ítalo C. Silva (Org.) *Olhares de Clio*. Teresina: EDUFPI, 2013, p. 163.

¹¹² REVISTA FOCO. Edição Comemorativa (111 anos de história). Picos: Folha de Picos, 2001, p. 16.



Figura 17: Vista frontal do Cine Spark, em março de 1976.
Fonte: Acervo e memória picoense

Formado por uma tela panorâmica chamada cinemascope, o espaço do cinema apresentava cadeiras confortáveis, ambiente ventilado e capacidade para cerca de 700 pessoas, chegando muitas vezes a ser completamente ocupado¹¹³.

O cinema tornou-se nesse período um dos principais símbolos de propagação do tido como moderno. Lá também ocorriam apresentações teatrais e musicais de grupos locais e de outras localidades. Como podemos perceber na notícia divulgado no jornal *A Voz do Campus*.

Esteve aqui no dia 15 do corrente, com apresentação no cinema local, o cantor do Norte e Nordeste, Valdik Soriano [...] Antecedendo sua apresentação ao público picoense foi mostrado aos espectadores partes de seu filme “Paixão de Um Homem”. Durante o show fez, por várias vezes, divulgação de suas músicas e aceitação no Sul¹¹⁴.

¹¹³ LUZ, Aylla Mara Caminha. *Cine Spark: Memória, Lazer e Sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970*. 2012. 89 f. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2012. p. 37

¹¹⁴ ANDRÉA, Sônia. Valdik Soriano em Picos. *A Voz do Campus*. Ano I, Picos - PI, n. 3, p. 4, 18 de jan. de 1973.

Para muitos cidadãos o cinema era uma forma de divertimento e sociabilidade. Na memória de muitos jovens o cinema está ligado à própria vida, pois vários momentos de diversão e prazer ocorreram nesse espaço de propagação cultural e moral.

O Cine Spark possibilitou o lazer da juventude picoense durante vários anos, nele os jovens podiam ver, conhecer e viver mesmo que superficialmente e por alguns instantes, a vida de diversos atores nacionais e internacionais.

De acordo com Teresinha Queiroz é através de instituições culturais como o cinema que se assentavam os desejos e sonhos do público que viam nos artistas e heróis de cinema inspirações para a forma de viver a vida, chegando a imitar seus penteados, roupas e até mesmo os gestos das “estrelas”¹¹⁵.

Com a propagação do cinema em Picos principalmente através do Cine Spark, podemos perceber de forma mais intensa, assim como ocorreu em outras cidades brasileiras, a influência dos movimentos culturais vindos de fora como o rock and roll que explodia em todo o mundo.

Vale destacar que apesar da familiarização com esse tipo de modernidade desde a primeira metade do século XX, alguns picoense ainda se espantavam ao verem os filmes na telona. Ainda assim era através do cinema que alguns jovens picoenses procuravam inspirações para viver e se comportar.

O cinema em Picos, com a inauguração do Cine Spark, em 1964, rompeu com algumas barreiras de preconceitos que tinha vivido anos antes, quando da inauguração do primeiro cinema na cidade.

Com a inauguração do Cine Spark, o cinema passou a ser associado ao ideal de chique, moderno e como meio de distinção social. No entanto, por ainda ser uma cidade pacata, do interior do Piauí o pensamento não era homogêneo e a discussão sobre a influência do cinema se positiva ou não ainda era grande.

Como bem ressalva Teresinha Queiroz o cinema provocou posicionamentos diversos em Teresina¹¹⁶ e não diferentemente em Picos, aqui havia os que criticavam, esse grupo era composto principalmente por pais zelosos que se mostravam receosos com o que poderia ocorrer na escura sala de projeção, esses permitiam a entrada de suas filhas apenas se acompanhadas por algum familiar.

¹¹⁵ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Cinema, invenção do diabo?. In: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar (Org.). *História, cinema e outras imagens juvenis*. Teresina: EDUFPI, 2009. p. 62.

¹¹⁶ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Cinema, invenção do diabo?. In: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar (Org.). *História, cinema e outras imagens juvenis*. Teresina: EDUFPI, 2009. p. 63.

Em contrapartida havia os que defendiam e afirmavam que o cinema era sinônimo de modernidade, esse posicionamento era defendido geralmente por jovens.

Percebemos através da pesquisa que o cinema movimentava a cidade, principalmente durante toda a década de 1970. Com o passar dos anos ele se tornou cada vez mais, local de sociabilidade e diversão.

Além do cinema, da praça e das festas nos clubes, elegemos como local de investigação do cotidiano, do desenrolar do dia-a-dia, do centro da cidade, os festejos religiosos, pois notamos também que os dias de missa e festejos nas igrejas católicas, eram locais privilegiados para analisarmos o viver na cidade.

Marcada desde a sua fundação pela religiosidade, mais precisamente pelo catolicismo, trazido e difundido pelos imigrantes que aqui chegaram, percebemos que esse tipo de evento era bastante comum na cidade durante a segunda metade do século XX e possibilitava a reunião de várias pessoas do próprio município e dos municípios vizinhos.

Esse tipo de evento fazia o movimento da cidade crescer notoriamente, pois as festas religiosas como as quermesses e as missas que ocorriam nas igrejas católicas da cidade, causavam grande mobilização das pessoas tanto de Picos, como de cidades circunvizinhas, num ato de solidariedade e fé cristã.

A Igreja do Sagrado Coração de Jesus, assim como, a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, ambas localizadas no centro de Picos, eram as principais igrejas da cidade, era lá onde geralmente as pessoas se reuniam para demonstrar sua fé.

Podemos perceber de acordo com alguns relatos como o do Sr. Manoel Raimundo de Carvalho, que esse tipo de evento e festividade era bastante popular na cidade, de acordo com ele “vinha gente de todo canto, era uma multidão de pessoa, rezando, chorando, pagando promessa [...] Era um momento que quem tinha uma condiçãozinha maior comprava roupa nova e vestia nos dias de festa da igreja”¹¹⁷.

¹¹⁷ CARVALHO, Manoel Raimundo de. *Depoimento concedido a Mara Gonçalves de Carvalho*. Picos, 2014.



Figura 18: Igreja Matriz em dia de comemoração religiosa.

Fonte: Acervo e memória picoense



Figura 19: Procissão realizada em Picos, na década de 1970.

Fonte: Acervo e memória picoense

Obras de cunho memorialista dão conta que os jovens viam nesse tipo de comemoração uma forma de sair de casa e se socializar, além disso, era uma forma das mulheres mais abastadas da cidade utilizarem suas melhores roupas e joias, já que em raras vezes tinham oportunidades para se exibirem com seus melhores pertences.

Após a missa era comum a reunião de jovens em torno da praça para se divertir, paquerar, ou simplesmente conversar, como já foi dito anteriormente. Notamos dessa forma que esses eventos representavam bem o dia-a-dia da cidade, de seu povo e de sua religiosidade.

Por fim identificamos a feira livre, como ambiente propício para conhecermos um pouco da cidade e do seu cotidiano, no recorte temporal e espacial escolhido na presente pesquisa. Vale destacar que apesar de Picos se destacar no comércio desde sua origem, foi durante a segunda metade do século XX que a cidade se consolidou como grande potência.

As feiras semanais que ocorriam nos sábados, no centro da cidade, era uma forma da população de forma geral, tanto da zona rural quanto da zona urbana se encontrar. Dia de muito movimento as feiras movimentavam em Picos grande quantidade de pessoas e mercadorias.

Segundo relato do senhor Manoel, que morava no interior plantando cebola, mas que também trabalhava como comerciante, comprando alho na feira da cidade de Picos, para revender em outras cidades como Oeiras,

[...] a cidade de Picos era um verdadeiro formigueiro de gente nos dias de feira, lá se podia encontrar de tudo [...] a feira da rapadura tomava boa parte do quadro da feira e era Picos que mandava produto para um monte de

cidade vizinha. Era Picos também quem mandava alho para quase todo o nordeste¹¹⁸.



Figura 20: Feira livre de Picos entre os anos de 1960-1970

Fonte: Museu Ozildo Albano

Como podemos observar na imagem acima e nos relatos de alguns moradores que viveram o período, o dia de feira na cidade de Picos era bastante movimentado, ocorrendo um aumento significativo da população, já que além dos habitantes que residiam aqui, a cidade também recebia um grande número de pessoas de cidade vizinhas que vinham a Picos comprar ou vender seus produtos.

Com esse grande número de pessoas circulando na cidade, percebemos que ela também se tornava local para práticas de atividade não muito apreciada pelas pessoas mais moralistas, como é o caso da prostituição.

De acordo com o senhor José Arimatéa, o dia que antecedia a feira na cidade de Picos, era propício para outro tipo de feira, que era denominada na época, de feira da raposa.

A feira da raposa funcionava da sexta para o amanhecer do sábado [...] lá era o lugar onde quem quisesse arrumar mulher, arrumava [...] a rua era a que fica perto do mercado num local estreito que na época era cheio de bares, onde os homens saíam de um e entravam noutro para encher a cara¹¹⁹.

Percebemos que práticas lícitas e não lícitas eram desenvolvidas na cidade, aumentando significativamente nos dias que antecediavam a feira, dessa forma era comum o movimento de homens em busca de prazer e diversão na cidade nesses dias, seja nas áreas centrais ou nas áreas bem próximas a ele.

¹¹⁸ CARVALHO, Manoel Raimundo de. *Depoimento concedido a Mara Gonçalves de Carvalho*. Picos, 2014.

¹¹⁹ CARVALHO, José Arimatéa de. *Depoimento concedido a Mara Gonçalves de Carvalho*. Picos, 2014.

O deslocamento dessas pessoas, de acordo com os relatos, ocorria de variadas formas, as pessoas que viviam no campo, por exemplo, saíam da zona rural para a parte urbana utilizando principalmente meios de transporte como: jumentos, bicicletas e cavalos. Era comum se utilizar também esses meios de transporte para o deslocamento entre as cidades próximas a Picos.

Os carros apesar de já presentes na cidade, desde a década de 1920, ainda apresentavam números bastante baixo, sendo muito raramente utilizado entre as camadas mais pobres da população, esse tipo de transporte era por muitos considerados artigo de luxo e apenas as pessoas mais ricas o possuíam, somente com a introdução e expansão do “pau de arara¹²⁰” é que a população mais pobre vai ter acesso a esse meio de transporte.

Podemos perceber com o que foi descrito que Picos evoluiu ao longo dos anos, tentou se enquadrar nos padrões modernos e se inserir como cidade modelo. Apesar de todas as suas limitações é inquestionável a influência econômica, social e cultural que Picos detinha sobre as cidades circunvizinhas.

O que se percebe também, através dos relatos, das histórias e das memórias contadas é uma cidade em crescimento, que modifica ao longo dos anos seus cenários, que conseqüentemente faz com que seus moradores mudem o modo de se portar tanto na vida privada como na vida coletiva, ou seja, notamos a cidade num processo de transformação estrutural que provocou uma nova forma de viver na cidade.

Apesar de todas as melhorias que a cidade sofreu, podemos perceber na fala dos entrevistados e nas obras de cunho memorialista que boa parte dos moradores sentem muita saudade da Picos pacata e tranquila, que contrasta com uma cidade atualmente agitada e em constante transformação e descaracterização de modo que muitas das pessoas temem pela perda de identidade.

Notamos ainda que apesar do crescimento das áreas periféricas, era no centro onde se desenrolava boa parte dos eventos da cidade. Lazer, encontros, cinemas, bares, feiras, todos estavam localizados no centro, bem próximo a ele, direta ou indiretamente ligado a essa região.

Em resumo podemos notar ao longo do desenvolvimento da pesquisa, que a segunda metade do século XX para a cidade de Picos, em especial a década de 1970, foi um período de grande prosperidade tanto no setor econômico, quanto no sociocultural, apesar de todas as limitações de uma cidade localizada em pleno sertão nordestino.

¹²⁰ Caminhão coberto, com varas longitudinais na carroceria, às quais os passageiros se agarram, e usado principalmente no transporte de retirantes nordestinos.

Com o exposto e pesquisado, notamos que a história não é feita apenas de grandes acontecimentos e grandes heróis, mas principalmente e, sobretudo por pessoas simples, seus costumes e hábitos diários.

Entendemos que é exatamente nas coisas “banais”, “deixadas de lado”, enfim, no cotidiano de pessoas simples que podemos notar de forma mais intensa o desenrolar dos acontecimentos, compreender a dinâmica da urbe, as crenças e o legado de diferentes grupos que se relacionavam e faziam a cidade de Picos, no período estudado.

3 A RESIGNIFICAÇÃO DOS LUGARES SOCIAIS, DO CENTRO DE PICOS-PI.

Sabendo que a memória atua como articuladora do presente, situando os homens numa perspectiva de projeção e reflexão sobre suas vidas, seus saberes, suas formas de representação da realidade, seus escapes e em alguns casos cristalização de lembranças¹²¹, buscamos entender a ligação entre os lugares, suas transformações e as memórias.

Vimos até aqui as transformações que Picos sofreu, com enfoque para a década de 1970. Nesta parte da pesquisa analisaremos então, de que forma essas transformações influenciaram na história e memória do povo picoense que viveu o período estudado e de que forma atua na memória e cotidiano dos picoenses hoje.

Buscamos entender de que forma alguns lugares, de grande badalação na década de 1970, estão hoje, compreendendo de que maneira a população picoense os veem atualmente.

Tentamos demonstrar a resignificação dada a alguns locais sociais, como por exemplo, a praça, o cinema, o Mercado Público, a Avenida Getúlio Vargas, a casa dos italianos e as igrejas católicas, localizadas no centro histórico aqui estudado.

A preocupação em falar sobre essa temática surgiu a partir do momento que observamos que Picos vem sofrendo com um acelerado crescimento espacial, esse crescimento trouxe consigo novos símbolos, signos e conseqüentemente uma nova forma de pensar e viver a cidade, que pouco preserva a história e os lugares de memória do povo picoense.

Percebemos que vem ocorrendo na cidade, o que poderíamos chamar de uma perda gradual de identidade¹²², uma descaracterização dos vestígios do passado, pois “a sociedade atual vem valorizando, por natureza, mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado¹²³”.

¹²¹ NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. História e teatro: primeiros passos do dramaturgo Benjamim Santos percorrendo o cenário cultural recifense na década de 50 do século XX. In.: ARAÚJO, Johny Santana de; LIMA, Frederico Osanan Amorim (orgs). *História entre fontes, metodologia e pesquisa*. Teresina: EDUFPI, Imperatriz: Ética, 2011. p. 9.

¹²² Sabemos do risco da utilização dessa palavra. Nesse caso entendemos identidade como “a construção simbólica que elabora a sensação de pertencimento, propiciando a coesão de um grupo, que se identifica, se reconhece e se classifica como de iguais ou semelhantes.” PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. p. 9.

¹²³ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduandos em História do Departamento de História*. São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 13.

Os locais que outrora enchiam os olhos de quem passava pela cidade, hoje com a aceleração na forma de se viver, passam despercebidos por boa parte da população, ou simplesmente deixaram de existir devido às transformações ocorridas ao longo dos anos.

Muitos desses locais deram lugar a prédios de variadas funções, foram demolidos pela ação do tempo e do homem, ou sofreram reformas que descaracterizaram suas formas e função.

Poucos são os locais aqui estudados que ainda mantêm aspectos de uma época de tão grande notoriedade, na urbe picoense, como foi a década de 1970.

É como se parte da sociedade precisasse de mudanças diárias, que apaguem qualquer tipo de lembrança ou associação ao passado, que remeta a algo definido como antigo ou velho, as coisas perdem seu valor e significado cada vez mais rápido, o novo cada vez mais, torna-se sinônimo de moderno, enquanto o antigo torna-se sinônimo de atraso.

Vale destacar que esse fenômeno não é exclusivo de Picos, pois notamos que de forma geral o mundo vem passando por grandes modificações em diferentes esferas. A globalização vem possibilitando a quebra de várias barreiras e intensificando a aceleração nas formas de se comunicar, locomover, enfim, viver.

Com isso as pessoas passaram a conviver diariamente com um sistema onde as transformações ocorrem em um ritmo cada vez mais acelerado, fazendo com que muito da história dos locais e das pessoas se percam nesse processo.

As pessoas parecem necessitar de mudanças tão rápidas quanto o ritmo atual de suas vidas. O que ontem era atual, moderno e tecnológico, hoje é ultrapassado, velho e desinteressante. Para muitas pessoas, o passado torna-se sinônimo de atraso.

Dessa forma, notamos que busca-se a qualquer custo transformar, dá novo significado, modernizar o “velho” para se enquadrar no padrão tido como “moderno”, atual e inovador. Através de iniciativas públicas ou privadas essas mudanças são cada vez mais notáveis na sociedade picoense.

É com essa visão de constante transformação que notamos que dos locais estudados, nessa pesquisa, apenas as duas igrejas ainda mantêm aspectos mais próximo do que foram na década de 1970, os outros locais sofreram mudanças significativas tanto no que se refere a estrutura física, quanto ao significado neles empregado.

Entendemos que manter determinados locais tal como foram um dia é praticamente impossível, pois o próprio tempo se encarrega de fazer transformações significativas, sabemos que nós mesmos estamos em constante transformação. Como dizia Raul Seixas somos “uma

metamorfose ambulante” e o que ontem era significativo, hoje já não o é, o que nos atraia há algum tempo já não nos atrai mais hoje.

Porém entendemos que a sociedade de forma geral deve no mínimo preservar, contar, cantar suas histórias, uma vez que um povo que não guarda suas histórias, suas memórias, seu patrimônio, não sabe quem realmente é. Compreendemos que nesse contexto o patrimônio cultural de uma sociedade é de suma importância, pois é através dele que escrevemos e reescrevemos a história de um determinado período.

O passado só se torna possível de ser lembrado se alguém guardou ou preservou algum vestígio, que possa nos remeter ao passado. Manter monumentos que remetem a história de um tempo que vem se apagando na cidade de Picos é importante, pois como afirmam alguns historiadores como Choay, os monumentos são provas vivas os quais não se pode alterar ou ocultar informações.

Dessa forma cremos que o patrimônio de uma cidade deve ser preservado, restaurado, contado, cantado, de tal maneira que possa despertar nas pessoas seu real valor para a construção de sua História¹²⁴.

Percebemos que na cidade de Picos pouco é o valor dado as suas raízes, seu patrimônio, sua história e a memória de sua gente. Poucos picoenses de fato conhecem ou valorizam essas questões.

Partindo dessa constatação buscamos através do presente capítulo, estudar de que forma as transformações urbanísticas em Picos PI, transformou o cotidiano e o patrimônio material de seu centro.

Tentamos entender de que forma a população enxerga essas mudanças e de que modo elas se associam ou dissociam da memória, de parte da população picoense.

Por ser o centro uma região muito ampla, escolhemos alguns locais para nossa investigação. Foram eleitas para terem maior destaque, na nossa análise, a casa conhecida por Casa dos Italianos, localizada na Rua Cel. Luís Santos, antes denominada de Rua dos Italianos, o Mercado Público, localizado na Travessa Benedito Reinaldo, a praça central da cidade, nomeada de Praça Felix Pacheco, assim como o cinema e o paredão, que ficavam bem próxima dos demais locais citados.

¹²⁴STANGER, Monica Zanellato. *Memória, Patrimônio e História: Uma Abordagem Prática*. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2513-8.pdf>. Acesso em: 27 de jul. 2014.

A escolha desses locais se deu pela relevância dos mesmos para a construção da história e da memória da população picoense, como ficou evidente ao longo do que já foi relatado, nesse trabalho.

Assim como em várias outras cidades, Picos sofre com as transformações que vem ocorrendo ao longo dos anos. Várias das construções históricas da cidade estão sendo demolidas, quando isso não ocorre, sofrem com a descaracterização, perdendo suas características iniciais, seus signos e significados.

Como afirma Áurea da Paz Pinheiro

[...] os casarões erguidos, quando da época em que mesmo as cidades mais urbanizadas ainda respiravam um ar interiorano, estão sendo demolidos e dando lugar a prédios comerciais; as praças, que vários domingos atrás, se enchiam com o lazer das famílias, esvaziam de qualquer significado e terminam depredadas pelo pouco interesse que despertam¹²⁵.

Esse processo de (des)configuração faz surgir em muitas cidades a necessidade da criação dos lugares de memória. Para Nora:

[...] a razão fundamental de ser um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para [...] prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações¹²⁶.

Apesar de notarmos que cada vez mais as cidades buscam a criação de lugares, que possam ser utilizados para rememorar determinadas épocas e acontecimentos, observamos que Picos ao contrário, não se preocupa nem mesmo com a conservação desses espaços.

Lugares significativos para a memória e a história da cidade sofrem com o descaso, mesmo os que recebem atenção de algumas pessoas, como é o caso do prédio do Museu Ozildo Albano, construído no início do século XX, sofre com a burocracia para receber a devida preservação e reconhecimento de sua importância.

¹²⁵ PINHEIRO, Áurea da Paz. Fontes hemerográficas: limites e possibilidades. In: NASCIMENTO, Alcides; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *História e Historiografia*. Recife: Bagaço, 2006. p. 59

¹²⁶ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduandos em História do Departamento de História*. São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 22.

Descreveremos adiante, de forma resumida, alguns dos monumentos que compõem o que denominamos de centro histórico, sua origem, transformações e resignificação com o passar dos anos.

3.1 A PRAÇA FÉLIX PACHECO

A Praça Félix Pacheco foi inaugurada durante a gestão do prefeito Adalberto Santos, em 10 de janeiro de 1942, nessa época ela era o único jardim público da cidade e combinava as funções de área comercial e residencial, além de local de lazer para público de variado gosto e idade.

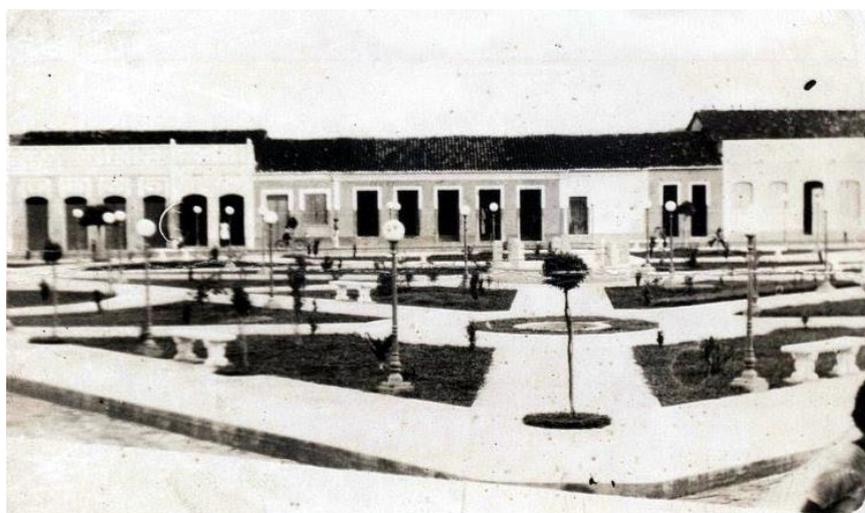


Figura 21: Praça Félix Pacheco, na década de 1950.
Fonte: Museu Ozildo Albano

A figura mostra a praça na década de 1950, quando ainda preservava as características do projeto inicial.

Desde a sua fundação, a praça assumiu a função de centro de diversão, encontro, enfim sociabilização, durante todos os dias, mas principalmente durante os feriados, aos sábados e domingos, depois da missa ou quando ocorria algum tipo de festa na cidade. “No

domingo após a missa descia todo mundo para a praça, aí ia andar dando círculo para poder paquerar [...] era um desassossego danado, uns indo outros vindo¹²⁷”.

Era ao redor da praça que se localizavam a maior parte dos locais de diversão na cidade, pelo menos até 1970. Bares, hotéis, cinema e sorveteria eram alguns dos estabelecimentos que podiam ser encontrados ao redor da praça ou bem próximos a ela.

Em sua volta situava-se o casario e, do lado do morro, o Cine Spark. Do lado oposto havia várias casas comerciais, dentre as quais destacamos o Picos Hotel, a Sorveteria Apolo Onze e o Bar do Pipoca, que era frequentado pelos boêmios da época. No interior da Praça, ergueu-se majestoso mezanino que foi popularmente apelidado de “Abrigo”. No térreo funcionava uma sorveteria e o primeiro pavimento destinava-se às apresentações da Banda de Música. Existia uma belíssima fonte luminosa que lançava jatos e água para cima, ora de um lado ora do outro, como a batuta de um maestro regendo um concerto¹²⁸.

Desde sua origem a praça era bastante movimentada por pessoas de variadas classes e idades, sendo um local de sociabilidade e diversão tanto para os picoenses como para as pessoas de cidades vizinhas que vinham a Picos.

Em depoimento Raimunda Fontes, mais conhecida na cidade como Mundica afirma:

A juventude daquela época era habituada a ir para a praça, no passeio da praça, nove horas quando o sino batia, o relógio da igreja começava as badaladas das nove horas, corria todo mundo para casa, porque nove horas, todo rapazinho adolescente e toda mocinha tinham que estar na sua casa com seus pais.¹²⁹

Como local público a praça possibilitou durante praticamente todo o século XX, diversão não apenas aos jovens, mas também as crianças, em especial os meninos, que utilizavam a praça para brincar e se divertir, com variadas brincadeiras favorecidas pelo formato e extensão da praça.

Podemos perceber na praça um lócus privilegiado de encontro e eventos, ela fazia e faz parte da memória coletiva e individual dos picoense, local de memória já cristalizada dos picoenses, tanto de forma individual quanto coletiva.

Inaugurada com uma área maior que a atual, a Praça Félix Pacheco sofreu várias transformações, que introduziram novos signos e símbolos em seu interior. Um abrigo, um presépio, uma fonte de água, elevação dos canteiros, mudança na arborização, na iluminação e

¹²⁷ CARVALHO, José Arimatéa de. *Depoimento concedido a Mara Gonçalves de Carvalho*. Picos, 2014.

¹²⁸ LEAL, Firmino Libório. *Vozes da Ribeira*. Teresina: ALERP, 2008, p. 57.

¹²⁹ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido à Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira*. Picos, 2011.

nos bancos são apenas algumas das alterações sofridas por esse espaço.



Figura 22: Praça Félix Pacheco, na década de 1970.

Fonte: Museu Ozildo Albano



Figura 23: Praça Félix Pacheco, atualmente.

Fonte: Arquivo pessoal de Mara Carvalho.

Comparando as imagens 21, 22 e 23 podemos perceber de forma mais notória as significativas mudanças ocorridas na praça. Dentre as mais significativa está a introdução de um abrigo no meio desse espaço social, abrigo este introduzido na década de 1960 e que servia como espaço destinado as festas, já que em seu interior tinha um bar onde parte da juventude picoense costuma se reunir para se divertir.

Esse abrigo foi demolido anos mais tarde, em um novo processo de transformação do local, na seta da figura 23 podemos observar como está o local onde ficava o antigo abrigo.

Percebemos que hoje é um espaço sem destaque algum. Contudo podemos afirmar que até pouco tempo o local tinha um presépio que era instalado quando próximo do natal. Com o passar dos anos o presépio tornou-se permanente, mantendo-se assim até o ano de 2014, quando mais uma vez foi tirado definitivamente da Praça Félix Pacheco e introduzido na Praça Justino Luz, em frente a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. A retirada do presépio foi mais uma, dentre várias, perdas que a Praça Félix Pacheco sofreu ao longo dos anos.

Outra mudança significativa foi a substituição dos bancos de concreto por bancos de madeira e a elevação dos canteiros, muitas pessoas acharam essa transformação desnecessária, por conta disso afirmam que essa modificação deixou a praça mais feia, ao mesmo tempo, alegam que ocasionou o afastamento das pessoas desse tipo de espaço.

A Praça Félix Pacheco de antigamente era mais bonita, mais movimentada. Hoje a praça tá apagada, sem movimento, quem viveu antigamente e viu como era, sabe que era muito mais divertida, mais arrumada. Hoje se você ficar na praça corre o risco é de ser assaltado, o povo perdeu o costume de se

divertir lá¹³⁰.

Podemos afirmar que grandes foram as transformações ocorridas na Praça Félix Pacheco, muitos acharam necessário, como forma de modernizar, adequar o espaço ao contexto que a cidade estava vivendo. Contudo grande é o número de pessoas que demonstram insatisfação, com as mudanças sofridas por esse espaço.

Apesar de bastante modificada com o passar dos anos e praticamente abandonada pelas autoridades e pela população de forma geral, a praça é até hoje considerada um lugar de memória¹³¹, pois nela podemos prender num mínimo de sinais, várias lembranças.

Contudo o certo é que hoje, apoiados em relatos, podemos afirmar que ocorreu um esvaziamento desse espaço, uma perda gradual de sua importância. Hoje esse espaço ainda é utilizado por várias pessoas como forma de lazer, mas numa proporção bem menor do que anos atrás.

Atualmente o espaço não é tido como ponto de referência de encontro de jovens para irem às festas, nem tão pouco desempenha local preferido para o encontro de casais de namorados. É inegável que as pessoas ainda se encontram na praça, mas por diversos motivos que pouco se assemelham com o de alguns anos atrás.

Durante a semana, no horário matutino, ela ainda se mantém bastante movimentada, mas por um público que não vai a esse espaço para se divertir e sim a utilizam como rota de passagem para algum comércio nas proximidades.

Notamos que hoje as pessoas vão para esse espaço principalmente, com o intuito de lanchar, já que pela manhã há várias barraquinhas de lanche no local e a noite funciona ao menos dois trailers os quais as pessoas costumam ir, contudo, é certo que a proporção entre a movimentação de antes e a de hoje é significativa.

Além disso, utilizam o espaço da praça para comprar revistas ou jornais, pois hoje o ambiente conta com algumas bancas que comercializam esse tipo de produto e por fim percebemos que algumas pessoas frequentam o local para conversar ou para esperar o ônibus, pois bem próximo a ela fica a principal parada de ônibus da cidade.

Percebemos com o exposto que grandes foram as transformações não só estruturais, mas também de comportamento e significado dado a praça, ao longo dos anos e com as modificações inseridas nela, vale ressaltar que estas transformações pouco se preocuparam em

¹³⁰ CARVALHO, José Arimatéa de. *Depoimento concedido a Mara Gonçalves de Carvalho*. Picos, 2014.

¹³¹ Para definição de lugares de memórias, conferir: NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduandos em História do Departamento de História*. São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 22.

manter os aspectos mais marcantes do local.

As modificações ocorreram de forma pouco planejada e provocaram o afastamento do público desse tipo de espaço. Contudo muitos moradores da cidade ao olharem para ela trazem a tona uma série de lembranças de um período distante, mas ainda muito presente em suas memórias.

3.2 O CINE SPARK

Desde a sua origem, o Cine Spark, foi um dos principais espaços de lazer, distração, entretenimento e sociabilidade, para a sociedade picoense. Localizado em frente à Praça Félix Pacheco, formava juntamente com esta, um dos locais preferidos e mais movimentados da juventude entre as décadas de 1960 até 1980.

Fundado em 26 de agosto de 1964, o cinema em questão é sempre lembrado, por pessoas em relatos sobre a época em que ele funcionava na cidade. Notamos que repetidamente ele está associado ao cotidiano e a memória das pessoas que viveram em Picos entre as décadas de 1960 e 1980.

Local de encontro para variado público de adultos, jovens e até mesmo crianças, o Cine Spark provocou ao longo dos anos uma verdadeira revolução tecnológica na cidade.

Inicialmente visto com receio e medo, esse tipo de entretenimento foi ganhando espaço ao longo dos anos e tornou-se símbolo do progresso e da modernização na cidade. Com uma grande variedade de filmes e horários de apresentação, o Cine Spark foi aos poucos ganhando o gosto dos picoenses.

Era comum a utilização desse espaço também para a apresentação de cantores regionais e nacionais. Muitos foram os shows de artistas consagrados nacionalmente como: Waldick Soreano, Jerry Adriani, José Augusto, Nilton César e Núbia Lafayete.

Vale destacar que além das apresentações musicais e das transmissões de variados filmes, o cinema também era utilizado para transmitir notícias nacionais e internacionais

Antes da exibição dos filmes, no Cine Spark, era comum além dos trailers que apareciam, a apresentação de um pequeno noticiário, como recorda Leal, “tinha uma coisa muito curiosa [...] que, num era uns trailers, era a apresentação de um jornal, um jornal, aí, de uns 15 minutos [...] junto com o filme, vinha um jornal do que tava acontecendo no Rio, em

São Paulo, em Londres, em Nova York.¹³²»

A exibição de jornais antes das sessões de cinema não era algo novo, pois havia, desde 1932, o Decreto de nº. 21.240 que previa a obrigatoriedade de serem apresentados “filmes informativos de curta-metragem antes do filme de longa-metragem, motivo principal do espetáculo¹³³”.

Notamos assim, que além do entretenimento, o cinema também proporcionava informações variadas aos seus telespectadores, através de noticiários que informavam sobre acontecimentos diversos, ações políticas do governo brasileiro e esporte, por exemplo.

Por fim percebemos esse espaço como local de encontro de casais para paquerar, esta geralmente se iniciava na praça e se prolongava até o cinema, onde o ambiente escuro se tornava bastante propício para esse tipo de prática.

Contudo o “namorico” que ocorria no cinema era bastante vigiado, sendo o beijo combatido para que o espaço não se tornasse mal falado.

Profissionais apelidados de lanterninhas ficavam com lanternas acesas, assim que as luzes do cinema se apagavam, eles tinham como função evitar ou combater os casais mais desinibidos de praticarem um namoro mais assanhado, que pudesse ferir com os padrões comportamentais estabelecido na época.

Notamos em resumo que várias eram as práticas desenvolvidas no ambiente do Cine Spark, contudo isso não evitou que ele viesse a fechar. Fazendo com que muitos cidadãos afirmem que Picos é a cidade do “já teve¹³⁴”.

Várias são as teorias que especulam o que motivou o fechamento do cinema. Contudo o que se sabe e o que podemos notar através da pesquisa é que uma série de fatores influenciou o fechamento desse espaço.

Apoiados em uma matéria do jornal *Macambira*, podemos afirmar que a exigência de se passar filmes nacionais, mesmo o público mostrando maior interesse pelos internacionais, assim como a ampliação das pessoas com televisores em casa¹³⁵, são alguns dos fatores que contribuíram para a decadência do cinema em Picos.

Não há uma data precisa para o fechamento do Cine Spark, o que se sabe é que ainda no início da década de 1980, esse estabelecimento perde espaço na cidade e deixa de

¹³² LEAL, Firmino Libório. *Depoimento concedido à Aylla Mara Caminha Luz*. Picos, 2012.

¹³³ MAIA, Paulo Roberto de Azevedo. *Canal 100: a trajetória de um cinejornal*. 2006. 134 f. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, São Paulo, 2006.

¹³⁴ Essa expressão é utilizada pelas pessoas em razão dos vários estabelecimentos que a cidade já teve e foram fechados ou totalmente modificados. A população afirma, por exemplo, que Picos “já teve” uma praça bonita, “já teve” vários cinemas, “já teve” uma indústria de grande porte...

¹³⁵ Cine Spark decadente. *Jornal Macambira*, Picos, 31 dez. 1982, ano IX, n. 95, p. 7.

funcionar aos poucos.

Hoje esse espaço recebeu nova função, bastante diferente da que desempenhava anos atrás. Com a decadência do cinema, o prédio que por muitos anos serviu de espaço para aguçar o imaginário do seu público, passou a sediar um distrito policial, que anos mais tarde deu lugar a Igreja Universal do Reino de Deus.

Esta igreja permanece no antigo prédio do cinema a mais ou menos 19 anos, de acordo com membros da própria igreja. Apesar de apresentar atividade bastante diferente da que apresentava anos atrás, podemos perceber que apenas algumas alterações estruturais foram feitas no prédio em questão. Sendo a alteração do piso da entrada e da parte superior as mais significativas.

Contudo, apesar das alterações sofridas, podemos perceber de forma ainda bastante intensa as influências e traços do espaço que antigamente tanto animou e divertiu a juventude picoense, o auditório onde é realizado atualmente o culto, para aproximadamente 300 membros, permanece muito parecido com o do cinema.

Até mesmo as cadeiras que foram trocadas, mas mantiveram a mesma forma, faz com que o visitante faça uma volta ao tempo ao adentrar no espaço, assim como parte do maquinário que ainda permanece no local.

Notamos que apesar do novo sentido dado ao prédio grande é a movimentação dentro e ao redor dele. Com grande número de membros na igreja, com pelo menos três reuniões diárias, localizado numa região central da cidade e com uma parada de ônibus praticamente em sua escadaria frontal, o local ainda recebe um número considerável de pessoas diariamente.



Figura 24: Parte frontal da Igreja Universal do Reino de Deus, onde era o antigo Cine Spark.
Fonte: Arquivo pessoal de Mara Gonçalves de Carvalho

Dessa forma podemos concluir que as transformações sofridas por esse espaço faz com que se confirme o que diz Michel de Certeau, ao afirmar que as transformações dos espaços “são passagens sobre múltiplas fronteiras que separam as épocas, os grupos e as práticas¹³⁶”.

3.3 O PAREDÃO

Junto a praça e bem próximo ao local do antigo Cine Spark, estava localizado um conjunto de casas com arquitetura e beleza bastante peculiar em Picos, na década de 1970 e até mesmo antes disso, essas construções formavam o local conhecido como paredão e era composto por várias casas de imigrantes italianos.

Por ser a cidade relativamente nova e fundada num período de transição, entre o império e a república, não percebemos em sua arquitetura exemplares de grande expressividade, que representem períodos marcantes do Brasil, como o período imperial.

Contudo por sua beleza e formato diferenciado, com relação a outras construções erguidas na cidade, o paredão se sobressaia e formava um lindo ambiente que se harmonizava com a Praça Félix Pacheco. Era nesse local onde as jovens mais envergonhadas ou os casais que queriam ter uma melhor visão, ficavam para observar a movimentação da praça.



Figura 25: Praça Félix Pacheco e ao fundo o paredão, em 1950.
Fonte: Museu Ozildo Albano



Figura 26: Demolição do paredão em 2012.
Fonte: jornalista 292

¹³⁶ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano 2: Morar, cozinhar*. Petrópolis. RJ: Vozes, 2008, p. 194.

A figura 25 mostra como era o paredão, local diferenciado do resto da cidade pela sua arquitetura, influenciada pela arquitetura europeia e adaptada as peculiaridades do sertão nordestino.

Em seguida, podemos observar o local atualmente, percebemos que ele tornou-se um amontoado de entulho, devido a uma recente demolição de uma das casas mais antigas da cidade. Além disso, transformou-se em local de lojas variadas, xérox, clínicas, uma rádio e um estacionamento, este em 2015 dará lugar a Lojas Americanas que será implantada na cidade. O certo é que este local encontra-se totalmente descaracterizado, se comparado com alguns anos atrás.

Através da análise das transformações e ressignificações dadas a esse local, podemos perceber de forma mais nítida o pouco ou nenhum cuidado dado às construções, monumentos, enfim edificações que podem contribuir com a solidificação da memória e da história de um povo.

Como afirma Lewis Mumford e concordamos com ele, “construções, monumentos e vias públicas, deixam marcas nas mentes até dos ignorantes ou indiferentes¹³⁷”. Apesar disso, as transformações ou demolições, ocorrem em Picos sem nenhuma preocupação ou estudo do impacto que pode provocar nas pessoas.

Vale ressaltar que

A preocupação com a definição de políticas para a salvaguarda dos bens que conformam o patrimônio cultural de um povo remonta ao final do século XVIII, mais particularmente à Revolução Francesa, quando se desenvolveu uma outra sensibilidade em relação aos monumentos destinados a invocar a memória e a impedir o esquecimento dos feitos do passado. Implementaram-se, a partir de então, as primeiras ações políticas para a conservação dos bens que denotassem o poder, a grandeza da nação que os portava, entre as quais uma administração encarregada de elaborar os instrumentos jurídicos e técnicos para a salvaguarda, assim como procedimentos técnicos necessários para a conservação e o restauro de monumentos.¹³⁸

No Brasil a primeira iniciativa do governo em prol da preservação do patrimônio brasileiro se deu durante o governo de Getúlio Vargas quando foi estabelecido em 30 de novembro de 1937, o Decreto-Lei nº 25, que constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de

¹³⁷ MUMFORD apud LOWENTHAIL. Como conhecemos o passado. In *Revista Brasileira de História*. São Paulo, n. 17, nov. 98, p. 139.

¹³⁸ CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico¹³⁹.

Apesar de existirem já há algum tempo, as medidas de proteção ou preservação de monumentos, construções, enfim do patrimônio histórico, pouco servem em Picos, pois prevalece na cidade o valor material do objeto e não seu valor sentimental ou histórico, poucas são as exceções apesar de sabermos que elas existem.

É notória a desvalorização que boa parte dos picoenses tem para com seu patrimônio material e imaterial. A demolição, descaracterização ou a resignificação dada ao paredão é apenas um dos exemplos mais notáveis, do pouco interesse dado a esse tipo de edificação que tanto pode contribuir para se ler, escrever, contar, recontar, cantar e rememorar uma cidade.

A demolição ocorrida em 2012, de um de seus prédios mais antigos, localizado no centro histórico da cidade, que praticamente pôs fim ao paredão, ao que tudo indica foi motivada, simplesmente pelo valor comercial que o imóvel possuía, já que este se localiza numa região estratégica do centro da cidade que é bastante valorizada.

Apesar de algumas manifestações nas redes sociais e em alguns poucos sites de notícias locais, não ocorreu nenhuma resistência quanto ao ato, tendo a demolição ocorrida de forma tranquila e a população assistiu apenas calada, parte de sua história ruir.

Perguntando a uma pessoa, que aqui identificaremos apenas como Maria¹⁴⁰, sobre o que ela achava sobre a demolição de parte do paredão ela respondeu: “Eu acho ótimo, o centro tava precisando mesmo de um estacionamento, esses dias mesmo tive que ir ao centro de carro e ele me foi muito útil, fora que aquelas casas velhas, não serviam para nada”.

Hoje parte desse monumento, que ainda resiste às demolições e as constantes modificações, vêm recebendo grafite, numa tentativa de se juntar o tradicional, o antigo, ao moderno, o novo, compreendendo a cidade “como um tecido vivo, composto por edificações e por pessoas, congregando ambientes do passado que podem ser conservados e, ao mesmo tempo, integrados à dinâmica urbana¹⁴¹”.

¹³⁹ BRASIL, Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm. Acesso em: 02 set. 2014.

¹⁴⁰ Maria é o nome fictício, de uma mulher entrevistada por Mara Gonçalves de Carvalho, em 2013.

¹⁴¹ RIBEIRO, Wagner Costa; ZANIRATO, Silvia Helena. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. In *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 2006, vol.26, n.51, p. 256



Figura 27: Vista de parte do paredão com os grafites

Fonte: www.picos.pi.gov.br/coordenacoes/paredao-da-praca-felix-pacheco

Apesar de descaracterizar o espaço, o grafite é uma tentativa de dar um significado ao espaço que se encontra praticamente abandonado, além disso, busca evitar que cartazes com propagandas, geralmente de festas, sejam afixados no local.

Enfim compreendemos que esse espaço, que outrora embelezava e servia como local de diversão da população picoense, hoje é um espaço sem muita notoriedade para a grande maioria dos picoenses.

3.4 A CASA DOS ITALIANOS

Ao contrário dos lugares já apresentados até aqui, o local conhecido por “casa dos italianos” ainda se mantém bastante preservado. Fundada provavelmente entre os anos 1892 e 1898, assim que esses imigrantes chegaram a Picos, vindos de terras distantes e por diversos motivos.

Esse lugar além de manter sua estrutura quase que igual, preserva também muito dos hábitos e costumes italianos, sendo até hoje habitada por uma descendente desses imigrantes.

A mudança mais significativa nesse local se dá pela transformação ou descaracterização das outras casas de italianos que faziam parte da mesma rua, por muitos anos denominada de “rua dos italianos”.

Quando ainda adolescente, ao fazer o percurso de ir e vir para o Ginásio Marcos Parente, na cidade de Picos, no final da década de 1960, eu via casas antigas, altas, com platibanda, muitas portas e janelas de estilo diferente [...] A rua pela qual eu passava todos os dias, era conhecida, antigamente por “rua dos italianos”. Entretanto, hoje, essa rua foi denominada de Cel. Luís Santos, muito embora, esse espaço fosse marcado por signos que configuram memórias e histórias de famílias migrantes de italianos ou de seus descendentes¹⁴².

Os anos se passaram, a cidade foi crescendo e essas construções foram sendo transformadas ou demolidas. Por causa dessas demolições ou talvez por questões políticas, não sabemos ao certo, o nome da rua foi trocado para Rua Cel. Luís Santos, nome este que permanece até hoje.

As modificações ocorridas nas casas, assim como a alteração no nome da rua, fez com que boa parte da história da cidade e desses imigrantes que tanto contribuíram fossem marginalizadas.

Devido ao descaso dado a esses povoadores e suas habitações, boa parte da população atualmente, se quer sabe da contribuição italiana para a construção e desenvolvimento da cidade de Picos.

Muitos passam pela calçada alta e arquitetura diferenciada da casa dos italianos e nem se quer percebem tamanha importância desse monumento.



Figura 28: Fachada da casa dos italianos
Fonte: Acervo particular de Mara Gonçalves de Carvalho

Composta por jardins internos, platibanda, porão, janelas e portas amplas, sótão,

¹⁴² ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de. Italianos em Picos – PI: imagens e narrativas. In: *Gente de longe: história e memórias*. Teresina: Halley, 2006, p. 362.

latrina e cacimbão, essa casa é um verdadeiro museu, não no sentido de preservar coisas velhas, mas sim no sentido de ser um verdadeiro monumento histórico.

Entrar nessa casa é fazer uma verdadeira viagem no tempo, não só pela sua estrutura, mas pelos seus objetos e suas marcas.

Apesar de boa parte da população não dá o devido valor a esse espaço, que tanto contribui para contar parte da história de Picos, vale destacar que essa realidade vem se alterando, pelo menos no que diz respeito ao público acadêmico, pois com a introdução do curso de História, na Universidade Federal do Piauí, no campus de Picos, em 2007, fez com que alguns pesquisadores passassem a estudar e estimar esse lugar.

3.5 O MERCADO PÚBLICO

Apesar de bastante modificados e em geral, com raras exceções, pouco conservados, a Praça Félix Pacheco, o Paredão, o Cine Spark, a Casa dos Italianos e por fim, o Mercado Público de Picos, assumem a função, não exclusivamente e mesmo que de forma indireta de lugar de memória.

Isso ocorre por que para muitos moradores da cidade, esses locais trazem a tona uma série de lembranças e memórias, individuais e coletivas de um período que não se vive mais na cidade.

O Mercado Público, último lugar social analisado na presente pesquisa e de enorme importância para a rememoração da história da cidade de Picos, assim como os outros já citados, foi inaugurado em 01 de janeiro de 1924, durante a administração de Francisco de Sousa Santos.

Até hoje o local permanece com a mesma função, que é a venda de variados produtos. Agricultores e comerciantes utilizam-se do espaço para vender produtos agrícolas como feijão, arroz, milho, verduras, além de goma, farinha, artesanato e comida típica da região.

Com a feira da cidade aos sábados, a população picoense cresce significativamente e o mercado torna-se um verdadeiro amontoado de gente, tanto da cidade como do campo, que se reúnem para fazer suas compras ou vender seus produtos.

Tomando todo um quarteirão o Mercado Público, hoje localizado na Travessa Benedito Reinaldo é um verdadeiro ponto de referência, para todo tipo de feira tanto internamente, quanto externamente, nas ruas adjacentes.

O Mercado é aquela coisa, quando foi inaugurado a gente achava grande, espaçoso, se encontrava de tudo lá dentro, mas depois foi ficando pequeno para o tanto de gente e mercadoria e o problema é que as pessoas queriam um ponto¹⁴³ lá, por ser um lugar que passava muita gente, pra fazer a feira de verdura, de goma, farinha, feijão, essas coisas. [...] Não tinha ponto pra todo mundo, fora que era caro pra um vendedor pobre comprar um ponto, mesmo assim se fazia um esforço para comprar, com os anos os preços melhoraram¹⁴⁴.

Desde a sua fundação até os dias atuais o Mercado apresenta-se dividido em setores.

À semelhança do que ocorre nas feiras livres, havia uma divisão setorial dos espaços, tanto da área externa quanto do pátio interno do mercado público. Neste, a setorialização comercial era facilitada por uma delimitação do espaço feita com ladrilhos enterrados verticalmente no chão, e que definiam as áreas destinadas aos vendedores e à circulação dos transeuntes¹⁴⁵.

Uma das maiores transformações nesse espaço se refere às transformações ocorridas internamente. Muitas dessas modificações foram indispensáveis para melhorar as condições de salubridade do espaço, dos produtos e das pessoas que utilizam o mercado. Contudo, não foram suficientes.

Atualmente, o espaço é uma verdadeira “bagunça”, sendo muitas vezes comparado, exageradamente, aos mercados medievais, pois cereais, frutas, comidas, animais e artesanato dividem o mesmo espaço. Podemos comparar esse espaço ainda a um verdadeiro labirinto, para quem não conhece o lugar, apesar das várias entradas e saídas.

Externamente o Mercado Público não sofreu grandes alterações sendo até hoje todo rodeado por platibandas. Além disso, sua fachada de forma geral, ainda apresenta boas condições de conservação, através dela podemos perceber as marcas e influências de uma arquitetura que atualmente pouco se vê na cidade.

¹⁴³ Ponto seria o local de influência de cada comerciante, ou seja, o local delimitado através de divisão de cada estabelecimento comercial.

¹⁴⁴ CARVALHO, José Arimatéa de. *Depoimento concedido a Mara Gonçalves de Carvalho*. Picos, 2014.

¹⁴⁵ DUARTE, Renato. *Picos: verdes anos cinquenta*. Recife – PE: Liber, 1991. p. 68.



Figura 29: Fachada do Mercado Público de Picos
Fonte: Acervo particular de Mara Gonçalves de Carvalho

Apesar das transformações é inegável a importância que o mercado tem no que se refere a contar a história de uma Picos que não se vive mais, entrar no mercado é voltar vários anos, é imaginar, recriar e inventar um passado para a cidade de Picos, apesar disso projetos recentes pretendiam demoli-lo para dar lugar a uma praça, pois devido ao crescimento da cidade, o Mercado Público já não suporta a quantidade de produtores e comerciantes que necessitam do espaço para vender suas mercadorias, sendo construído um novo local no bairro Boa Sorte.

Tendo em vista a necessidade de um local mais amplo para suprir a necessidade dos comerciantes e produtores de mercadorias da cidade ser indispensável, as autoridades propuseram então que o local do atual mercado ao invés de dar lugar a uma praça desse lugar a um espaço cultural, que visasse utilizar o prédio do Mercado Público como local para disseminar a cultura da cidade. Se de fato consolidado, será um ganho imensurável para a cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História é um palácio do qual não descobrimos toda a extensão e do qual não podemos ver todas as alas ao mesmo tempo; assim não nos aborrecemos nunca nesse palácio em que estamos encerrados. Um espírito absoluto, que conhecesse seu geometral e que não tivesse nada mais para descobrir ou para descrever, se aborreceria nesse lugar. Esse palácio é para nós, um verdadeiro labirinto; e a ciência dá-nos fórmulas bem construídas, que nos permitem encontrar saídas, mas que não nos fornece a planta do prédio.

Paul Veyne

Esperamos com o presente trabalho ter demonstrado ao leitor as várias nuances de uma mesma cidade, suas transformações, cotidiano e resignificações dada aos diversos lugares que a compõe, tanto no que se refere ao setor público, quanto privado.

Não esperamos ter esgotado todo o assunto, mas sim mostrado ao leitor uma parte, um caminho, dos vários possibilitados pela história. Entendemos que a história se faz e se transforma ao longo do tempo, sendo impossível para qualquer pesquisador, o estudo por completo, fechado e acabado de qualquer objeto.

O caminho escolhido por nós nessa pesquisa privilegiou algumas histórias, algumas memórias e alguns personagens, pois entendemos que fazer história é fazer escolhas, mesmo que muitas vezes essas escolhas sejam extremamente difíceis.

Almejamos, mesmo contando apenas uma pequena parte da história e das transformações sofridas por Picos, ter despertado o leitor, para que ele possa descobrir e conhecer mais sobre essas temáticas e conseqüentemente sobre a própria história.

Por sermos testemunhas oculares de boa parte das transformações que Picos passou, do período estudado até hoje, não foi tarefa fácil, nos mantermos a uma distância saudável para o desenvolvimento da pesquisa, mas buscamos ser aliados dessa aproximação ao invés de inimigos, mesmo tendo a consciência que a história do tempo presente está contaminada pelo próprio historiador com seus conceitos e preconceitos.

Acreditamos que atingimos nosso objetivo, pois procuramos nos atentar para esse “problema” e desenvolvemos a pesquisa tendo o máximo de cuidado para que essa aproximação não se tornasse prejudicial para o trabalho, pois sabemos que apesar de arriscada

a história do tempo presente é totalmente viável, independente do fascínio ou dos riscos que os historiadores correm.

Notamos com a pesquisa, que Picos ainda é uma cidade que se modifica de forma intensa e essa modificação, faz com que muito material ainda esteja disponível para análise em alguma pesquisa e muita discussão ainda seja realizada a respeito da temática.

Podemos a partir do desenvolvimento do trabalho, notar que o crescimento da urbe picoense e suas transformações, fazem com que seus moradores mudem seus modos de se portar tanto na vida privada como na vida coletiva, ainda de forma bastante intensa.

Com as histórias e memórias contadas ao longo de todo o trabalho, assim como através das fotografias anexadas ao longo do texto, podemos observar que vários são os sentimentos dos entrevistados com relação a essas modificações, para alguns elas foram essenciais, são vistas com grande empolgação, sinônimo do progresso e do desenvolvimento da cidade.

Contudo para outros, elas fizeram com que o centro da cidade, se tornasse praticamente um lugar privilegiado para o setor comercial, onde o lucro prevalece a diversão, ao lazer ou mesmo a história da cidade, que muitas vezes se apaga para dar lugar a empreendimentos comerciais.

Apesar de todas as melhorias que a cidade sofreu e todo o desenvolvimento possibilitado ao longo dos anos, podemos perceber na fala de alguns entrevistados, através de seus gestos, silêncios e memórias, que boa parte dos moradores sentem muita saudade da Picos mais pacata e tranquila do século XX, que contrasta com uma cidade atualmente agitada e em constante transformação e descaracterização.

Concluimos com o estudo feito, que uma das grandes preocupações que a população, assim como os agentes de políticas públicas devem ter é com a perda de identidade dos picoense, com relação a sua história, pois poucos são os jovens que valorizam ou que realmente conhecem a cidade que habitam.

Notamos que a área por nós estudada, hoje é dominada por empresários, donos de lojas de roupas, eletrodomésticos e variedades, que não se preocupam com a história e memória de Picos.

Prevalecem nessa região, onde outrora as pessoas se reuniam para festas, tomar sorvete, brincar ou simplesmente conversar, as questões relacionadas com a lucratividade, o capitalismo e a comercialização de variados artigos.

Podemos dessa forma afirmar que o valor material vem suplantando de forma notória o valor sentimental dos lugares de memória, da região central.

Dessa forma foi nosso objetivo demonstrar o processo de desenvolvimento de Picos, na década de 1970 e suas consequências, tanto no que se refere ao progresso atingido pela urbe, quanto as sequelas trazidas por ele, dentre os quais podemos citar o afastamento, o distanciamento da população, que passou a buscar novas áreas para fixar residência, já que morar no centro histórico, tornou-se inviável devido ao alto valor comercial que a área atingiu.

Nos últimos anos, podemos observar que nem mesmo os grandes empresários estão conseguindo se estabelecer nessa região. Com isso a expansão das áreas periféricas se tornou uma alternativa cada vez mais presente, modificando a configuração da cidade.

Por conta disso, dois grandes empreendimentos que são dois shoppings que serão inaugurado em Picos, nos próximos anos, foram estabelecidos em áreas distantes do centro histórico, em regiões que por muito tempo se mantiveram fora do foco principal de investimentos.

Objetivamos ainda com o presente trabalho, mostrar para o leitor a importância da preservação de determinados lugares para a (re)construção da história e da memória de um povo.

A importância da preservação dessas construções, desses monumentos se dá por entendermos que estudar prédios, construções, monumentos é muito mais que estudar fachadas mortas, é na verdade uma forma de compreensão entre presente e passado, entre histórias e memórias.

Entendemos que promoção de ações e de estudos que divulguem e possibilitem a conscientização da comunidade com relação ao seu patrimônio material e cultural é uma importante estratégica no trabalho de valorização da história e memória local.

A transformação ou em alguns casos a destruição de algumas construções não acaba, ou não modifica apenas prédios que em ruínas estão se acabando com a ação do tempo, mas sim a história e a memória da cidade de Picos que se transforma tão rápida e de forma tão desordenada que a sua história e suas memórias estão se perdendo cada vez mais fácil e mais rápido.

Discutimos em síntese as transformações que ocorreram e ocorrem no centro de Picos, podemos por fim dizer que essa temática é bastante atual na cidade, possibilitando uma grande variedade de caminhos posteriormente, para trabalhos desenvolvidos futuramente por mim, ou por qualquer outro pesquisador que se interessar pela temática.

Concluimos nosso trabalho com o intuito de fazer o leitor compreender que a cidade é “materialidade, sociabilidade e sensibilidade¹⁴⁶”, dessa forma, tivemos como objetivo principal fazer com que o leitor da presente pesquisa reflita sobre as múltiplas cidades dentro de uma mesma cidade.

¹⁴⁶ “Materialidade” por que ela é pedra, tijolo, ferro, vidro, madeira, cimento, aço, plástico. Tudo aquilo que o homem construiu e que converteu em volume, espaço, superfície, através de edificações, monumentos, vias públicas, equipamentos. “Sociabilidade” por que não é possível pensá-la sem atores, sem relações sociais, sem interação. E “sensibilidade”, por que foi objeto de discursos e imagens que traduziram sensações, expectativas, desejos, medos, sonhos e utopias, razões e sentimentos. Ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. In. BITENCOURT, João Batista; NASCIMENTO, Dorval (Orgs.). *Dimensões do urbano: múltiplas facetas da cidade*. Chapecó: Argos, 2008. p. 10.

FONTES E REFERÊNCIAS

- ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. *Picos nas anotações de Ozildo Albano*. Picos, 2011.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da História. Bauru: Edusc, 2007.
- ALMANAQUE DA PARNAÍBA. *Picos, o Gigante do Sertão*. Parnaíba: Editora Ranulpho Torres Raposo, 1970.
- ALVES, Marli Costa. *História e Memória da Indústria Coelho S/A: Trabalho e cotidiano dos operários de Picos (1970 a 1999)*. 2012. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2012. p. 13.
- ANDRÉA, Sônia. Valdik Soriano em Picos. *A Voz do Campus*. Ano I, Picos - PI, n. 3, p. 4, 18 de jan. de 1973.
- ARAÚJO, Johny Santana de; LIMA, Frederico Osanan Amorim (orgs). *História entre fontes, metodologia e pesquisa*. Teresina: EDUFPI, Imperatriz: Ética, 2011.
- ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de. Italianos em Picos – PI: imagens e narrativas. In: *Gente de longe: história e memórias*. Teresina: Halley, 2006.
- BASTOS, Cláudio. *Dicionário histórico e geográfico do Estado do Piauí*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.
- BITENCOURT, João Batista; NASCIMENTO, Dorval (Orgs.). *Dimensões do urbano: múltiplas facetas da cidade*. Chapecó: Argos, 2008.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANCO, Edwar de Alencar Castelo. *Todos os dias de paupéria: Torquato Neto e a invenção da tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.
- BRASIL, Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm. Acesso em: 02 set. 2014.
- CARVALHO, José Arimatéa de. *Depoimento concedido a Mara Gonçalves de Carvalho*. Picos, 2014.
- CARVALHO, Manoel Raimundo de. *Depoimento concedido a Mara Gonçalves de Carvalho*. Picos, 2014.
- CARVALHO, Odorico Leal de. *Depoimento concedido a Ana Paula de Almeida Lima, Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira e Mara Gonçalves de Carvalho*, Picos, 2012.

CAVALCANTE, Rangel. TRANSAMAZÔNICA, a estrada-desafio. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, ano LXXX, n. 90, p. 16, 21 jul. de 1970.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano 2: Morar, cozinhar*. Petrópolis. RJ: Vozes, 2008.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

CINE SPARK DECADENTE. *Jornal Macambira*, Picos, 31 dez. 1982, ano IX, n. 95, p. 7.

CRUZ, Antônio Pereira da. Ligação asfáltica Picos-Teresina. *A Voz do Campus*, Ano I, Picos - PI, n. 2, p. 2, 28 de dezembro de 1972.

CRUZ, Jurivê de S. Santo; MOURA, José Ubiratan de; RODRIGUES, Carlos M.; VELASCO, Edilena de Barros . Integrar para não entregar. *Macambira: informativo do campus avançado de Picos*, ano IX, nº 115, Picos-PI, 31 ago. 1984.

CRUZ, Jurivê de S. Santo; MOURA, José Ubiratan de; RODRIGUES, Carlos M.; VELASCO, Edilena de Barros. Cidade em Festa. *Macambira*. Picos – PI, Ano II, p. 10, 08 de set de 1977.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Literatura, memória e cidades: interseções. In: *Revista de História Scripta*. Belo Horizonte, 2004, vol.7. n. 14. p. 137 – 145.

DIAS, Jailson. *Picos: 122 anos marcando história*. Disponível em: http://www.folhaatual.com.br/2015/index.php?page=shmt&ma_id=42#. Acesso em: 20 dez. 2014.

DUARTE, Renato. *A Reconstrução de uma cidade: Plano de desenvolvimento para Picos*. Teresina: Comp. Ed. do Estado do Piauí, 2002.

_____. *Picos: verdes anos cinquenta*. Recife – PE: Liber, 1991.

FAÇANHA, 1998, p. 69, DUARTE, 1995. Com dados do IBGE. Adaptado por Mara Gonçalves de Carvalho, 2014.

FAMÍLIA LUZ: portal genealógico. Disponível em: http://www.familialuz.com.br/picospi_aspectoshistoricos.php. Acesso em: 27 jun. 2014.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 9 ed. São Paulo: Edusp, 2001.

FEBVRE apud LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

FENELON, Déa. *Cidades*. São Paulo: Olho d'água, 1999.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. *Ver a cidade: cidade, imagem e leitura*. São Paulo: Nobel, 1988.

FERREIRA, Jurandyr Pires. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. 1959.

FLAMARION, Ciro, VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FONSECA, Graziani Gerbasi. A Itália em Picos. In: FONSECA, Graziani Gerbasi. *Os italianos de Picos: esboço para a história das relações entre o Golfo de Policastro e o Sertão Nordeste a partir de 1870*. Teresina: UDUFPI, 2004.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *Reminiscências de um tempo de euforia*. In: ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1345.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2014.

IBGE, censo 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 11 de nov. 2014.

JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In.: FERREIRA, M. de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (Orgs.) *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/ Casa Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História & Memória*. 7 ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2013.

LEAL, David. Picos religiosa. *Revista Piauiense dos Municípios*, ano 3, 2º semestre de 1955, n. 6, Teresina-PI. Edição Especial dedicada ao Centenário de Picos.

LEAL, Firmino Libório. *Crônicas: Vozes da Ribeira*. Bocaina: Organizador, 2008.

_____. *Depoimento concedido à Aylla Mara Caminha Luz*. Picos, 2012.

LUZ, Aylla Mara Caminha. *Cine Spark: Memória, Lazer e Sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970*. 2012. 89 f. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2012.

Macambira, Picos - PI, ano II, n. 15, p. 5, 8 set. de 1977.

MAIA, Paulo Roberto de Azevedo. *Canal 100: a trajetória de um cinejornal*. 2006. 134 f. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, São Paulo, 2006.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *An. mus. paul.* [online]. 2005, vol.13, n.1.

MONTEIRO, Alberto. Vila dos Picos. *Revista Piauiense dos Municípios*, ano 3, 2º semestre de 1955, n. 6, Teresina-PI. Edição Especial dedicada ao Centenário de Picos.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, Memória e Tempo Presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

- MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido à Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira*. Picos, 2011.
- MUMFORD apud LOWENTHAIL. Como conhecemos o passado. In *Revista Brasileira de História*. São Paulo, n. 17, nov. 98.
- NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do regime militar brasileiro*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- NASCIMENTO, Dorval (Orgs.). *Dimensões do urbano: múltiplas facetas da cidade*. Chapecó: Argos, 2008.
- NASCIMENTO, F. de Assis de Sousa; OLIVEIRA, K. I. Pinheiro de. O dançar e o flertar: as relações entre o feminino e o masculino nos bailes picoenses dos anos sessenta. In: OLIVEIRA, K. I. Pinheiro de; SOUSA, Ítalo C. Silva (Org.) *Olhares de Clio*. Teresina: EDUFPI, 2013.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduandos em História do Departamento de História*. São Paulo, n. 10, dez. 1993.
- OLIVEIRA, Lêda Maria Leal de. Memórias e experiências: desafios da investigação histórica. IN.: FENELON, Déa Ribeiro e outros (Orgs.). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho D' Água, 2004.
- OZILDO, José Albano de Macêdo. Religiosidade de Picos procedentes na história. *Jornal de Picos*, 14 de ago. de 1987.
- PEREIRA, Ligia Maria Leite. Reflexões sobre história de vida, biografia e autobiografia. In: *História Oral: Revista Brasileira de História Oral*, n. 3 – São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, jun. de 2000.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Correntes, Campos Temáticos e fontes: uma aventura da história. In. *História & História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- _____. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.
- PINHEIRO, Áurea da Paz. Fontes hemerográficas: limites e possibilidades. In: NASCIMENTO, Alcides; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *História e Historiografia*. Recife: Bagaço, 2006.
- POLLACK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In.: *Projeto História*, v. 14. São Paulo: Educ, 1997.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PICOS. *Conheça Picos: História e Potencialidades*. Disponível em: <http://www.picos.pi.gov.br/conhecaticos.asp>. Acesso em: 27 de jun. 2014.

- QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Cinema, invenção do diabo?. In: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar (Org.). *História, cinema e outras imagens juvenis*. Teresina: EDUFPI, 2009.
- QUIROGA, Gabriel Canêdo; SILVA, Zezuca Pereira da; CARVALHO, Eliezer Furtado de BENTO, Nilton Pereira. *Custo de produção da cultura do alho: municípios de Picos e Bocaina (PI), 1975*. Artigo. Universidade Federal do Goiás. Goiânia, 1975. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/pat/article/viewFile/2201/2158>. Acesso em: 13 de jul. de 2014.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. Urbanização e Modernidade: entre o passado e o futuro. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.) *Viagem Incompleta: a experiência brasileira: a grande transação*. São Paulo: Editora SENAC/São Paulo, 2000.
- REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- REVISTA FOCO. *Edição Comemorativa (111 anos de história)*. Picos: Folha de Picos, 2001.
- REZENDE, Antônio Paulo. *Desencantos Modernos: histórias da cidade do recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997.
- RIBEIRO, K. M.; GONÇALVES, F; GOMES, Manoela. 111 anos, Picos, Nossa História. [Editorial]. *Revista Foco*, Folha de Picos. Picos, 2001.
- RIBEIRO, Wagner Costa; ZANIRATO, Silvia Helena. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. In *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 2006, vol.26, n.51.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. 4. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2012.
- ROCHA Vilebaldo Nogueira. *Rio Guaribas*. Disponível em: [http://www.leiturartes.com.br/rio-guaribas-\(vilebaldo-rocha\)](http://www.leiturartes.com.br/rio-guaribas-(vilebaldo-rocha)). Acesso em: 25 jun. 2014.
- RODRIGUES, Lídia Bruna Albuquerque. *Cidade sob as “águas de março”*: História e memória de Picos no período pós-enchentes (1960). Universidade Federal do Piauí, Picos, 2011. [Monografia]
- ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SILVA, Francisco José da. *A importância da produção e comercialização do alho na cidade de Picos/PI 1950-1981*. Universidade Federal do Piauí, Picos, 2013. [monografia].
- SILVA, Gilson Edmar Gonçalves e. *Um olhar no cotidiano: Cinco anos de crônica*. Recife; EDUFPE, 2010.

SOUSA, Millena Araújo Carvalho. *Do Clássico ao Hippie: moda, comportamento, estética e vestuário na cidade de Picos na década de 1970*. 2013. 95f. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2013.

STANGER, Monica Zanellato. *Memória, Patrimônio e História: Uma Abordagem Prática*. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2513-8.pdf>. Acesso em: 27 de jul. 2014.

TAVARES, Zózimo. *100 fatos da história do Piauí no Século XX*. 3. Ed. Teresina: Halley, 2000.

VARÃO, Maria Goreth de Sousa. *Picos: história que as famílias contam*. Teresina: EDUFPI, 2007.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Trad. António José da Silva Moreira. Lisboa: Edições 70, 1983.